



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA -
PPGpsiCC

O ENCIUMAR(-SE) EM HOMENS E MULHERES: UMA LEITURA
PSICODINÂMICA SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO

MAISA CAMPOS GUIMARÃES

Brasília - DF

2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

**O ENCIUMAR(-SE) EM HOMENS E MULHERES: UMA LEITURA
PSICODINÂMICA SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO**

MAISA CAMPOS GUIMARÃES

Defesa de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica e Cultura. Orientadora: Prof.^a. Dr^a. Valeska Zanello.

Brasília - DF

2022

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Defesa de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Valeska Zanello.

APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Valeska Zanello (Universidade de Brasília - UnB)

Presidente

Prof^a. Dr^a. Adriano Beiras (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)

Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Tania Mara de Almeida Campos (Universidade de Brasília - UnB)

Membro Externo

Prof^a. Dr^a. Iara Flor Richwin Ferreira (Universidade de Brasília - UnB)

Membro Interno

Prof^a. Dr^a. Silvia Renata Magalhães Lordello (Universidade de Brasília - UnB)

Membro Interno - Suplente

“Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira,
mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”

Audre Lorde

AGRADECIMENTOS

Difícil quantificar as mãos, as vidas ou os afetos que estiveram envolvidos na concretização desse trabalho. Quando comecei a almejar e planejar o doutorado, 4 anos me pareciam uma eternidade. E naquela época, eu nem podia imaginar que nesse intervalo, eu ainda viveria uma pandemia, uma gestação, um puerpério e tudo mais que o pacote maternidade traz de desafios para a vida das mulheres.

E eis que agora, 9 meses depois de trazer Ísis a esse mundo, uma nova cria minha se apresenta. Novamente, um gestar longo, intenso de dedicação e de reflexão e, por fim, um trabalho de parto dolorido, com poucos intervalos para respirar entre contrações, mas uma experiência igualmente transformadora. E não é possível enxergar esse trabalho desconectado de toda a rede de apoio que tem me sustentado e me possibilitado tanto.

Agradeço a todas as mulheres que caminham ao meu lado, me amparando, me inspirando e me mostrando cotidianamente a potência de ser e estar juntas. Muitas delas que também compartilham comigo o devir-psicóloga: minha mãe, minhas amigas desde a UnB e para a vida toda, minhas parcerias que começaram no trabalho, mas se enredaram por todos os cantos. A Ísis, minha parceirinha de vida, olhar atento, sorriso doce, abraço reconfortante. A minha sogra que diariamente ajuda com a Ísis e com as demandas – práticas e afetivas – da vida. As trabalhadoras domésticas que colaboraram em diferentes momentos com os cuidados da Ísis e da nossa casa. A professora Valeska Zanello sempre tão presente, atenta e perspicaz em suas orientações. As alunas de graduação que estiveram comigo em grupos de pesquisa e que muito contribuíram com atenção e ética nas transcrições das entrevistas.

O reconhecimento ao meu parceiro de psicologia, de clínica, de política, de caminhada, de parentalidade, de amor e de desejo: Gregório De Sordi. Sei como é lindo, mas também desafiante, o que nos propomos a construir como pessoa, como casal, como pais, como família. Aliás, vínculos familiares foram, com certeza, norteadores e apoiadores em

todo o meu processo: obrigada a todos e todas, de longe e de perto, e especialmente aos meus sobrinhos (Ravi e Enzo) e sobrinhas (Maria Antônia e Luísa) por me lembrarem sempre como a vida pode ser leve, amorosa e sorridente!

Ao Victor Valadares, um grande amigo e colega de profissão e de academia, obrigada pelas leituras atentas, trocas sinceras e contribuições fundamentais ao processo dessa pesquisa. A toda a equipe do NAFVD, agradeço a parceria em todos esses anos de trabalho e de busca por fortalecimento das políticas públicas de enfrentamento à violência contra mulheres. Meu reconhecimento à Secretaria da Mulher e ao Governo do Distrito Federal por propiciarem minha dedicação exclusiva a esta pesquisa ao concederem meu afastamento para estudo.

Sou muito grata por poder estar também em uma universidade pública, onde os princípios éticos, o respeito pelos direitos humanos e a valorização do conhecimento científico são norteadores de suas teorias e práticas. Aos membros da banca, Tania Mara Almeida Campos, Iara Flor Richwin Ferreira, Adriano Beiras e Silvia Lordello, minha gratidão pelas contribuições a essa pesquisa.

Por fim, registro todo meu agradecimento e respeito a todas as pessoas que confiaram a mim suas histórias, suas dores e seus dilemas, não só como participantes da pesquisa, mas ao longo da minha vida profissional. Considero um privilégio poder trabalhar com a escuta, com o acolhimento e com as potencialidades do humano e espero que este trabalho traga contribuições para estabelecer uma prática clínica e uma postura ética-política sustentada em uma ótica feminista, por princípios dos direitos humanos e em prol da equidade de gênero.

RESUMO

Questões sobre ciúme são comuns no cotidiano social, nos consultórios psicológicos e nas violências cometida por homens contra mulheres na conjugalidade. Buscou-se compreender as experiências amorosas heterossexuais, os processos de subjetivação e as dinâmicas emocionais de homens e mulheres em relação ao ciúme. Esta tese é composta por quatro artigos, com metodologia e foco de análise específicos. A problemática do ciúme sob uma ótica de gênero é transversal a esta pesquisa, com o primeiro artigo teórico de uma revisão narrativa, e os demais, com estudos qualitativos e entrevistas narrativas. O primeiro objetivou analisar como abordagens do campo Psi entendem o fenômeno do ciúme, em que se discutiu: psicologia evolucionista; análise do comportamento; teorias sociocognitivas; estudos socioculturais e abordagem psicanalítica. Nas etapas seguintes, explorou-se como os sujeitos (mulheres, no segundo estudo; homens, no terceiro) nomeiam, significam e lidam com o próprio ciúme e/ou com o de parceiros(as). Em ambos, divulgou-se por bola de neve um convite a quem mantivesse relacionamentos heteroafetivos e apresentasse queixas sobre sentir e/ou receber ciúmes. O artigo 4 apresenta um estudo de caso múltiplo que aborda as vivências do ciúme em homens denunciados pela Lei Maria da Penha, explorando como o conceito de dispositivo de eficácia se enreda a tais experiências. Foram evidenciadas as dimensões subjetivas, relacionais e socioculturais do ciúme e o caráter micropolítico das emoções que (re)produz desigualdades de poder. Demonstrou-se como os sujeitos significam de formas distintas quando esse afeto é sentido ou recebido, com convergências nos relatos de homens e mulheres sobre tais experiências. Discutiu-se os efeitos discursivos e performáticos das concepções de amor e ciúme nas vivências pessoais e nos processos de subjetivação, concluindo que, sob a ótica do dispositivo amoroso ou da eficácia, o ciúme revela questões psicodinâmicas próprias às mulheres ou aos homens, interpelando dilemas narcísicos gendrados.

Palavras-chave: ciúme; emocionalidades; gênero; homens; mulheres.

ABSTRACT

Questions about jealousy are common in everyday social life, in psychological clinics and in violence committed by men against women in conjugality. We sought to understand heterosexual love experiences, the processes of subjectivation and the emotional dynamics of men and women in relation to jealousy. This thesis is composed of four articles, with a specific methodology and focus of analysis. The issue of jealousy from a gender perspective is transversal to this research, with the first theoretical article of a narrative review, and the others, with qualitative studies and narrative interviews. The first article aimed to analyze how approaches from the Psi field understand the phenomenon of jealousy, in which the following were discussed: evolutionary psychology; behavior analysis; sociocognitive theories; sociocultural studies and psychoanalytic approach. In the following steps, it was explored how the subjects (women, in the second study; men, in the third) name, signify and deal with their own jealousy and/or with their partners jealousy. In both cases, an invitation was sent by snowball to those who maintained heteroaffective relationships and presented complaints about feeling and/or receiving jealousy. Article 4 presents a multiple case study that addresses the experiences of jealousy in men denounced by the Maria da Penha Law, exploring how the concept of an effectiveness device is entangled in such experiences. The subjective, relational and sociocultural dimensions of jealousy and the micropolitical character of emotions that (re)produces inequalities of power were highlighted. It was demonstrated how the subjects signify in different ways when this affection is felt or received, with convergences in the reports of men and women about such experiences. The discursive and performative effects of the conceptions of love and jealousy in personal experiences and in the processes of subjectivation were discussed, concluding that, from the perspective of the loving dispositive or the effective dispositive, jealousy reveals psychodynamic issues specific to women or men and interpellates gendered narcissistic dilemmas. **Key-words:** jealousy; gender; emotionalities; men; women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
ARTIGO I.....	22
Ciúmes nas vivências em homens e mulheres: considerações críticas do campo Psi	22
Método	23
Psicologia evolucionista.....	24
Análise do Comportamento.....	28
Teoria Sociocognitiva	31
Estudos socioculturais	35
Abordagens psicanalíticas	40
Considerações Finais.....	46
ARTIGO II.....	50
Enciumar(-se), experiência feminina? dilemas narcísicos sob a ótica interseccional de gênero	50
Método	57
Resultados e Discussão	59
Sobre o ciúme recebido	59
Sobre o ciúme que sentem	72
Considerações Finais.....	84
ARTIGO III	88

Os ciúmes e os anseios de (im)potência masculina: leitura psicodinâmica sob uma ótica de gênero.....	88
Método	93
Resultados e Discussão	97
Sobre o ciúme recebido: elas ciumentas, eles fortalecidos.....	98
Sobre o ciúme sentido.....	101
Considerações Finais.....	112
ARTIGO IV	115
A vivência dos ciúmes e os processos de subjetivação de homens: por uma discussão gendrada dos afetos	115
Método	119
Resultados e Discussão	123
Os sujeitos da pesquisa	123
Dispositivo da eficácia: legitimar-se homem	124
Os ciúmes operando falhas e furos no dispositivo da eficácia	128
O controle e a violência: desejos de reafirmar-se homem?	131
Considerações Finais.....	135
CONCLUSÃO	136
REFERÊNCIAS.....	144
ANEXO A.....	155
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas	155

ANEXO B..... 159

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 159

INTRODUÇÃO

Os modos como as pessoas pensam e vivenciam as experiências amorosas sempre foi algo que me intrigou. Talvez até antes mesmo de decidir estudar Psicologia quando eu tentava algum diálogo por meio da literatura, seja com Clarice Lispector, Gustave Flaubert, Milan Kundera ou Machado de Assis. Já na Psicologia, meu percurso acadêmico foi se delineando pelas temáticas das violências cometidas contra as mulheres em suas relações de afeto.

Amor e violência como interesses que se conectaram em meio a um paradoxo apenas aparente. Afinal, as ambivalências aqui se escancaram: desde a romantização de relações abusivas à naturalização da ideia de um amor tão apaixonado e intenso que viola e oprime a alteridade. E percebo que o ciúme emerge, em meio a estes dilemas, como um elo de ligação que, de algum modo, atua com mecanismos de regulação entre experiências amorosas e situações de violência.

Estas relações ambíguas entre o que se entende por amor e por ciúme estão presentes cotidianamente na minha prática clínica no consultório particular e, especialmente, no trabalho que desenvolvo em um serviço da rede de enfrentamento a violência contra mulheres, o NAFVD/GDF (Núcleo de Atendimento à Família e Autores de Violência Doméstica do Governo do Distrito Federal). A atuação do NAFVD se pauta pela Lei Maria da Penha (Lei Nº 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Cria Mecanismos Para Coibir a Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, 2006) e objetiva: propiciar às mulheres em situação de violência doméstica e familiar espaços de acolhimento, reflexão e empoderamento; e realizar com os homens autores de violência um trabalho de responsabilização, reeducação e reflexão.

Os estudos sobre relações de gênero, masculinidades, conjugalidade, machismo, desigualdades de poder, resolução de conflitos, tipos de comunicação e desenvolvimento de recursos emocionais são norteadores das intervenções psicossociais que desenvolvo há mais de

12 anos no NAFAVD. Neste trabalho, há o entendimento de que o atendimento tanto às mulheres em situação de violência quanto aos homens autores dessas violências são ferramentas essenciais ao enfrentamento da violência doméstica contra mulheres.

Identifico, nesse contexto, que a inserção da Psicologia nesta práxis é fundamental, contribuindo em diferentes âmbitos: para o olhar sobre as desigualdades de gênero a partir da perspectiva de mulheres e homens; para uma apreensão da violência que abarque esse fenômeno em sua complexidade e ambiguidade tanto para aqueles que a sofrem quanto para aqueles que a cometem; e também para uma prática ampla que, apesar de suas especificidades, sustenta-se a partir do respeito e da possibilidade de escuta e reflexão a todos(as) envolvidos(as) em situações de violência.

Desse modo, a complexidade do fenômeno da violência de gênero contra mulheres e os desafios de estabelecer uma escuta qualificada fora do setting clínico tradicional e circunscrita por uma dimensão política de enfrentamento à violência demarcam muitos dos desafios que enfrento na minha prática profissional e que apresentam grande influência na minha busca acadêmica pela produção de conhecimento.

Percebo também que a experiência com a escuta das mulheres vitimizadas e dos homens autores de violência me instiga constantemente a ampliar o olhar sobre as violências nas relações afetivas, as dinâmicas relacionais do casal, e, especialmente, as vivências subjetivas referentes ao amor e ao ciúme. Os sentidos atribuídos à experiência amorosa por homens e mulheres parecem desenhar armadilhas maquiadas pela ideia de ciúme e amor romântico, mas com consequências drásticas, especialmente, para as mulheres.

Os índices de violências cometidas contra mulheres no Brasil são alarmantes e, comumente, os homens autores dessas violências alegam que os ciúmes seriam as justificativas para tais crimes. Não é raro, inclusive, que o próprio Sistema de Justiça acolha essa dita motivação passional para as violências de gênero cometidas contra as mulheres. Por vezes,

identifico ainda em minha prática a naturalização de discursos, por parte de muitos(as) profissionais da área psicossocial, que entendem os ciúmes como uma emoção intensa que domina o sujeito e que, de algum modo, seria irremediável e, inerentemente, vinculada ao amor - como se não houvesse espaço para questionar os sentidos desse sentimento ou mesmo dessa concepção de amor.

Logo, os interesses para o desenvolvimento deste doutorado se consolidaram por perceber como incipiente os estudos em Psicologia que se propõem a estudar a vivência subjetiva do ciúme a partir de uma análise crítica de gênero e a oferecer recursos para a escuta clínica e a intervenção psicossocial. Deste modo, percebo que esse é um campo de estudo que precisa ser mais problematizado tanto a partir de uma discussão crítica e aprofundada sobre essa romantização do ciúme, quanto pela consolidação de uma ótica de gênero a esse fenômeno. Afinal não se pode ignorar que nas dinâmicas do ciúme são as mulheres as principais vítimas do controle, da opressão e, em último extremo, da aniquilação concreta e simbólica por meio do feminicídio.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, algumas premissas se colocam como ponto de partida. A primeira delas é o aporte teórico da epistemologia feminista, a partir da qual se entende que um olhar situado e consciente sobre as desigualdades de gênero no contexto histórico, cultural e epistemológico transforma os modos de compreender e de investigar os problemas de pesquisa, bem como suscita novas possibilidades para olhar e escutar a psiquê humana (Keller, 2006; Sherif, 1988; Zanello, 2018).

Soma-se a estas reflexões os estudos de intelectuais feministas negras que problematizam a respeito das práticas de poder-saber na produção de conhecimento, na validação das ditas verdades científicas e na interpretação/interação com os sujeitos da pesquisa (Carneiro, 2003; Collins, 2019; Gonzales, 2019), revelando que

se a epistemologia utilizada para validar o conhecimento é questionada, todos os conhecimentos anteriores validados pelo modelo dominante são colocados sob suspeita. As epistemologias alternativas desafiam todos os conhecimentos legitimados e introduzem questionamentos acerca da validade dos construtos que foram considerados verdades quando confrontados com formas alternativas de validação da verdade. (Collins, 2019, p. 167)

Uma segunda premissa, decorrente dessa busca por escutar e perscrutar sob uma ótica gendrada e racializada, se fundamenta na contextualização essencial sobre as localizações sociais e subjetivas do meu estar (e atuar) como pesquisadora. Me apresentar como uma mulher cis, branca e heterossexual traça um panorama representativo de uma forma de se ver (e ser vista) no mundo, mas o que realmente me interessa aqui é demarcar um lugar de fala que se estrutura feminista e antirracista. Afinal, destacar essa localização social permite uma abertura ética-política que almeja “desestabilizar e criar fissuras e tensionamentos a fim de fazer emergir não somente contra discursos....mas discursos potentes e construídos a partir de outros referenciais e geografias; [que] visam pensar outras possibilidades de existência para além das impostas pelo regime discursivo dominante” (Ribeiro, 2017, p. 90).

Outra questão norteadora desta pesquisa é adoção de uma lógica estrategicamente binária de gênero, em que ao mesmo tempo que se adota tal termo, tem-se ciência de sua insuficiência ontológica (Butler, 2019). Por isso,

quando falamos de “mulher” e “homem” não se trata de uma leitura essencialista, ingênua (característica da segunda onda), mas de um binarismo essencialista estratégico, que nos auxilia a revelar certas estruturas presentes nos processos de subjetivação de mulheres e homens, em nossa cultura, nesse momento histórico. (Zanello, 2018, p. 54)

Além disso, espera-se que o entendimento de gênero enquanto um construto relacional se traduza em uma abordagem epistêmica e uma prática metodológica que sustente análises consistentemente relacionais entre as masculinidades e as feminilidades. Em outras palavras, que a escuta das experiências de homens e mulheres contribua para uma compreensão de suas particularidades, mas também dos simbolismos culturais e sociais que permeiam as relações entre eles, delineiam scripts culturais em torno das ideias de masculino e feminino e interpelam performances de gênero.

Finalmente, nesta busca epistemológica, entendo como possível e enriquecedor o encontro teórico entre feminismo e psicanálise, ainda que este seja marcado por convergências e divergências. A perspectiva freudiana das dinâmicas inconscientes dos sujeitos e do inconsciente como um atributo fundamental do ser psíquico apresentam-se como diretrizes essenciais para a compreensão de subjetividades. Ao mesmo tempo, é possível identificar nas construções pós-modernas dos estudos de gênero um resgate da dimensão do desejo e das configurações subjetivas/identitárias que possibilitam novos agenciamentos entre a psicanálise e os movimentos feministas.

A proposta dessa pesquisa, assim, é estabelecer diálogos que possibilitem novos olhares e novas escutas sobre a experiência amorosa heterossexual e sobre os modos como o ciúme se configuram nos processos de subjetivação e de vivências amorosas de homens e mulheres. Espera-se, assim, que este estudo contribua com a escuta clínica deste fenômeno e com diretrizes teóricas para uma melhor compreensão e intervenção nestes casos.

Esta tese será composta por quatro capítulos desenvolvidos em formato de artigos, cada qual com uma metodologia própria e um foco de análise específico. A temática do ciúme sob uma ótica de gênero aparece de forma transversal em todos os capítulos, se apresentando como o fio condutor para as discussões propostas nesta pesquisa. O sigilo e todos os cuidados éticos

necessários foram respeitados, tendo a pesquisa sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da UnB (Parecer nº 2.927.029).

O primeiro capítulo, intitulado *Ciúmes nas vivências em homens e mulheres: considerações críticas do campo Psi*, apresenta um artigo teórico que objetiva analisar como abordagens teóricas do campo Psi entendem e pesquisam o fenômeno do ciúme. A partir de uma revisão narrativa da literatura, cinco diferentes abordagens Psis são destacadas: psicologia evolucionista; análise do comportamento; teorias sociocognitivas; estudos socioculturais e abordagem psicanalítica. Esse estado da arte contextualizou os campos de teorização, evidenciando o quanto cada enfoque conceitual reflete formas diversas de compreender o fenômeno e a subjetividade, demandando discussões epistemológicas e éticas.

O segundo artigo, *Enciumar(-se), experiência feminina? dilemas narcísicos sob a ótica interseccional de gênero*, explora como mulheres nomeiam, significam e lidam com o próprio ciúme e/ou com o de parceiros amorosos. Considerando que os ciúmes permeiam relações afetivas e configuram-se como fenômeno subjetivo, relacional e sociocultural, priorizou-se uma leitura interseccional de gênero e raça em que o conceito de dispositivo amoroso é entendido como central na subjetivação das mulheres. Uma pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de entrevistas narrativas realizadas de forma presencial com 12 mulheres com queixas sobre ciúmes em relacionamentos heteroafetivos. As análises empreendidas revelaram como o ciúme interpela dilemas narcísicos gendrados e racializados.

O desenho metodológico do terceiro artigo se assemelha ao estudo anterior, mas com a proposta de compreender sobre as vivências de ciúmes para homens em relacionamentos heteroafetivos. Com o título *Os ciúmes e os anseios de (im)potência masculina: leitura psicodinâmica sob uma ótica de gênero*, empreendeu-se análises sobre as experiências masculinas de sentir e de receber ciúmes de uma parceira, buscando refletir sobre como tais

dinâmicas se articulam aos padrões de masculinidade hegemônicas e aos processos de subjetivação dos homens.

Estes dois artigos se aproximaram também em relação às estratégias metodológicas de acesso ao público alvo e de fechamento da amostra de participantes. Em ambos, divulgou-se, por meio do recurso de bola de neve (Vinuto, 2016), um texto apresentando a pesquisa e convidando para uma entrevista quem (mulheres, na primeira etapa e homens, na segunda) identificasse o ciúme como um fator presente e impactante em suas vivências pessoais e em suas experiências amorosas heterossexuais. Todas as entrevistas foram conduzidas por mim, sendo que as das mulheres foram realizadas presencialmente e a dos homens, virtualmente. Estes ajustes metodológicos foram necessários em razão do início da pandemia de COVID-19 no ano de 2020. Nos referidos estudos, o acesso dos sujeitos à pesquisa ocorria de forma direta e espontânea, a medida em que as pessoas interessadas preenchiam um formulário online se disponibilizando para a entrevista e aguardavam o contato da pesquisadora para posterior agendamento.

No desenvolvimento do artigo 4 - *A vivência dos ciúmes e os processos de subjetivação de homens: por uma discussão genderada dos afetos* – houve uma alteração do desenho metodológico anterior: como o objetivo era compreender as vivências do ciúme em homens que haviam sido denunciados pela Lei Maria da Penha e que apresentavam queixas relacionadas ao ciúme, optou-se por fazer uma busca ativa para identificar e convidar para a pesquisa sujeitos que correspondessem a tal perfil.

Para tal propósito, o trabalho desenvolvido pelo NFAVD se apresentou como o contexto mais adequado a esta última etapa da pesquisa. As devidas autorizações e apresentações institucionais foram realizadas junto a gestão e a equipe de atendimento do serviço, a fim de esta última pudesse indicar homens que já haviam iniciado acompanhamento

no NAFVD, sido denunciados por episódios de violência doméstica contra mulheres e tivessem relatado em seus atendimentos problemáticas relacionadas a ciúme.

Da equipe psicossocial do NAFVD foram recebidas oito possíveis indicações desse perfil, sendo que os homens tinham sido previamente contactados pelo serviço e demonstrado disponibilidade para participarem. Todos eles foram entrevistados por mim com o recurso de videochamadas, mantendo o contato apenas virtual, considerando novamente as recomendações das autoridades sanitárias sobre COVID-19.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas a fim de que uma análise inicial das narrativas pudesse ser empreendida. Neste ponto, foi possível perceber uma diversidade de relatos e percepções dos sujeitos sobre suas experiências ciumentas, em alguns casos, inclusive, negando tal problemática em sua vida ou não associando o ciúme aos episódios de violência pelos quais tinham sido denunciados.

Considerando que o artigo 4 objetivava compreender como as experiências ciumentas masculinas se articulavam a situações de violência enquadradas pela Lei Maria da Penha, foi necessário estabelecer um recorte metodológico priorizando uma análise aprofundada somente dos casos em que os sujeitos tinham, em suas narrativas, identificado o ciúme como elemento essencial para o encaminhamento ao ato de violência. Por isso, este último artigo apresenta um estudo de caso múltiplo, a partir de uma análise temática de duas entrevistas narrativas buscando uma abordagem teórica do tipo reflexiva que explora o conceito de dispositivo de eficácia e como ele se configura nos processos de subjetivação e nas experiências ciumentas masculinas.

A última sessão dessa tese apresenta uma conclusão da pesquisa como um todo em que se discute questões que se sobressaíram ao longo do desenvolvimento de todos os artigos. As referências expostas ao final abarcam as fontes bibliográficas utilizadas nesta pesquisa e

referenciadas em cada artigo. Para facilitar a leitura e o acesso aos referenciais utilizados, optou-se por apresentar todas elas ao final da tese e não no fechamento de cada artigo-capítulo.

ARTIGO I

Ciúmes nas vivências em homens e mulheres: considerações críticas do campo Psi

O ciúme tem estado presente, continuamente, em produções literárias, em expressões culturais e nos dilemas trazidos aos consultórios de Psicologia. Dos ditados populares ao ciúme transformado em líricas e versos, fica evidente o quanto este é um tema permeado por ambivalências: de exaltações românticas ao ciúme (*o ciúme é o tempero do amor*); dos discursos que o justificam como um aparente cuidado (*ciúme não, é só excesso de cuidado*) aos alardes de sua periculosidade (*prova que o ciúme é só o estrume do amor*).

Apesar de essa problemática se mostrar parte do cotidiano e ser, com frequência, associada a situações de angústia, identifica-se que o ciúme não tem sido um objeto de estudo amplamente trabalhado pela Psicologia e suas áreas afins. Consideramos relevante investigar como esse sentimento se configura, é significado e se manifesta nas atitudes e no psiquismo dos sujeitos.

Além do mais, é importante refletir se tal sentimento é vivenciado de formas diferenciadas em homens e mulheres. Essa questão se revela fundamental quando percebemos que, embora muitas teorias afirmem que mulheres são mais ciumentas que homens (Carvalho & Ambiel, 2016; Freud, 1925/2019a; Harris, 2005), são estes que mais têm cometido graves violências contra mulheres (especialmente, suas companheiras ou ex) sob a justificativa de que agiram por ciúmes (FBSP & Datafolha, 2019; Teixeira, 2009).

No Brasil, os índices de tais violências são alarmantes. Pesquisa revelou que 27,4% das mulheres brasileiras sofreu alguma agressão no último ano e, na maioria das vezes (76,4%), tal agressão foi cometida por um homem com quem havia algum vínculo afetivo (FBSP & Datafolha, 2019). Em 2018, uma mulher foi assassinada no país a cada 2 horas (Cerqueira et al., 2020). Uma pesquisa sobre os feminicídios em São Paulo identificou que 75% dos casos

foram cometidos por homens que não aceitavam o fim do relacionamento conjugal ou relatavam ciúmes de suas parceiras (ou ex) (Fernandes et al., 2018). Estes dados indicam que há uma discrepância na forma como homens e mulheres têm lidado com suas vivências ciumentas.

Considerando tal problemática, torna-se relevante questionar sobre como tais dilemas têm sido abordados nas teorias do campo Psi, a saber, na Psicologia e na Psicanálise. O objetivo deste artigo é, assim, analisar como tais abordagens teóricas entendem e pesquisam o fenômeno do ciúme. Além disso, busca-se problematizar características e limitações de cada campo de conhecimento, bem como compreender o quanto há uma discussão sobre possíveis especificidades na experiência ciumenta em homens e/ou mulheres.

Método

Trata-se de um estudo teórico baseado em uma revisão narrativa da literatura sobre ciúmes em produções acadêmicas das áreas Psis. Este procedimento qualitativo também denominado como *estado da arte* foi utilizado nesta pesquisa por objetivar mapear conhecimentos sobre determinado assunto; produzir uma discussão teórica entre os múltiplos enfoques e perspectivas identificados; e analisar criticamente possíveis lacunas ou desafios para o avanço científico em determinada temática (Rother, 2007; Vosgerau & Romanowski, 2014).

Deste modo, para identificar as principais abordagens Psis que versam sobre o ciúme, foi realizado um levantamento bibliográfico nas plataformas científicas Scielo e na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Nas delimitações metodológicas, foi utilizado o descritor (DeCS) “ciúmes”, “jealousy” e “celos”; e selecionado textos em formatos de artigos disponíveis nos idiomas português, inglês e espanhol com publicação no período de 2003 a 2017.

Considerando o objetivo principal de avaliar a discussão sobre ciúmes e conjugalidade, optou-se por limitar a busca a artigos que continham o descritor especificado no título e por excluir textos que não se referiam a contextos amorosos (como a questão de ciúmes em relações profissionais ou em demais vínculos familiares). Pesquisas referentes a áreas médicas, como psiquiatria e neurologia, também foram excluídas do escopo de análise.

A análise qualitativa iniciou-se com a leitura dos resumos e a identificação das principais abordagens teóricas da Psicologia presentes nos artigos selecionados. Estudos em cinco diferentes campos de conhecimento se destacaram neste levantamento bibliográfico: psicologia evolucionista; análise do comportamento; teorias sociocognitivas; estudos socioculturais e abordagem psicanalítica. A partir da leitura desse material coletado, buscou-se identificar nos artigos quais obras bibliográficas eram mais citadas e quais seriam os/as autores/as de referência em tais estudos. Logo, procedeu-se com um novo levantamento bibliográfico em acervos de bibliotecas e de livrarias, a fim de consultar livros e possíveis textos clássicos sobre a temática em cada abordagem. Os resultados desta revisão narrativa estão expostos a seguir, organizados a partir das diferentes correntes teóricas, incluindo as discussões sobre contribuições e limites identificados em cada perspectiva.

Psicologia evolucionista

As teorias evolucionistas sobre ciúmes foram desenvolvidas especialmente nas décadas de 80 e 90 nos EUA, sendo Buss (2000) um dos teóricos mais eminentes da área. Na trajetória histórica dessas teorias, Ferreira (2013) demonstra que a relevância desse autor é evidenciada pelo extenso número de estudos que replicam, em diferentes partes do mundo, o mesmo desenho de pesquisa e confirmam, de modo geral, suas teorias de predição.

Nesta abordagem, o ciúme é visto como uma sabedoria emocional, articulada de modo não consciente e transmitida por nossos ancestrais ao longo do desenvolvimento da espécie

humana. O ciúme, enquanto “expressão útil de estratégias eficazes de enfrentamento destinadas a lidar com ameaças verdadeiras às relações” (Buss, 2000, p. 48), seria, assim, necessário às mesmas por demonstrar compromisso entre os parceiros e por apresentar uma solução adaptativa para ameaças reais de traição e para os problemas relativos à sobrevivência e à reprodução.

Apesar de este estudioso mencionar as consequências destrutivas que o ciúme pode acarretar (como violência, sofrimento emocional, ruptura de laços sociais e afetivos), a sua tese principal avalia que mais problemático aos parceiros românticos seria a ausência de ciúme por significar falta de vínculo de afeto. Mesmo a ideia de um ciúme excessivo ou patológico é flexibilizada pela justificativa que o ciúme é uma defesa contra a infidelidade, seja ela fato comprovado, seja uma suspeita que ao ser antecipada pela denúncia do ciumento, poderia ser evitada (Buss, 2000; Buss et al., 1992; A. L. M. Ramos & Calegari, 2001).

Identifica-se que a discussão sobre ciúme nessa perspectiva é focada basicamente na temática da traição e da infidelidade em uma tentativa de aproximar tais questões como sinônimas ou indissociáveis. O *método da escolha forçada* é a diretriz metodológica primordial, o qual consiste em apresentar dois dilemas fictícios para que os participantes respondam sobre qual situação os deixariam mais incomodados: saber que o(a) parceiro(a) teve relações sexuais com outra pessoa ou saber que ele(a) se apaixonou por outra pessoa.

A partir da escolha do pior cenário pelos sujeitos, conclui-se sobre tipos diferentes de ciúmes: o sexual e o emocional. A tese defendida é de que homens e mulheres manifestam ciúmes diferentes em resposta aos problemas adaptativos distintos que cada sexo enfrentou em sua evolução, sendo identificado com maior presença (em termos de frequência e intensidade) o ciúme sexual em homens, e o ciúme emocional em mulheres (Buss, 2000; Buss et al., 1992).

Deste modo, a experiência do ciúme estaria relacionada às estratégias sexuais e ao acasalamento: o medo da infidelidade sexual da parceira e seu consequente risco à própria

paternidade estariam na base do ciúme dos homens; enquanto para as mulheres o maior impacto seria de uma infidelidade emocional do parceiro, em que ele poderia se envolver com outra mulher e, conseqüentemente, comprometer seu tempo e seus recursos antes dedicados a ela e à família (Buss, 2000; A. L. M. Ramos & Calegari, 2001).

Embora esta explicação apresentada revele sobre possíveis atravessamentos sociais na experiência humana da conjugalidade, Buss (2000) é enfático em atribuir essa diferenciação entre homens e mulheres, exclusivamente, ao desenvolvimento filogenético e à adaptação da espécie humana. Tal interpretação assume posição central em nossa leitura crítica ao considerarmos que a perspectiva evolucionista produz, através de uma explicação biológica e universalizante, uma explanação que naturaliza as emoções e que reifica as diferenças sexuais.

A tendência de naturalizar o ciúme parte de uma compreensão das emoções como fenômenos corporais que seriam independentes de contextos culturais e resultantes de dimensões biológicas e psicológicas inerentes aos seres humanos. Ou seja, a premissa é de que as emoções seriam universais e invariáveis, cronológica e socialmente. O campo teórico da Antropologia das Emoções destaca críticas que evidenciam o quanto as emoções, incluindo os ciúmes, são construções sociais, com demarcações históricas e com signos culturais no modo de serem delineadas e compartilhadas (Le Breton, 2019; Rezende & Coelho, 2010).

Além do mais, interpretar as diferenças sexuais como meras respostas adaptativas da evolução da espécie (re)produz um discurso de reificação e ontologização. O próprio enfoque sobre as diferenças corporais entre homens e mulheres e como elas repercutem em modos de ser opostos resulta de posições epistemológicas e políticas construídas historicamente. Como Laqueur (2001) demonstrou em seus estudos, a concepção de homem e mulher como substancialmente diferentes e binariamente opostos consolida-se como um paradigma somente a partir do século XVIII. A concepção moderna de sujeito instaurou, assim, além da cisão razão-emoção, o binarismo natureza-cultura e masculino-feminino.

Os limites do determinismo biológico na experiência de homens e mulheres têm sido problematizados pelos estudos feministas desde a década de 70, a partir dos quais consolidou-se o construto de *gênero* com os objetivos de rejeitar a demarcação biológica inerente ao termo *sexo*; de desconstruir a suposta naturalização das diferenças; e de destacar a construção social do que é entendido como masculino e feminino (Scott, 2019; Zanello, 2018). Aponta-se que o próprio acesso, identificação e interpretação sobre corpo e biologia são mediados pela cultura e inscritos em contextos discursivos e políticos (Butler, 2012; Scott, 2019). Evidencia-se, assim, que a questão não é negar que tais diferenças existam, mas compreender como e porque a “diferença foi traduzida em oposição e desigualdade” (Zanello, 2018, p. 44).

Percebe-se que os estudos evolucionistas direcionam suas pesquisas para as diferenças entre homens e mulheres, mas não as compreendem em termos de desigualdade de poder nem de construções sociais gendradas. Ainda que se manifeste preocupações em relação a situações de violência envolvidas em experiências de ciúme, estas são entendidas, de modo geral, como pormenores de uma estratégia mais ampla de manutenção do relacionamento. Como defende Buss (2000), essa emoção não deriva de “capitalismo, patriarcado, cultura, socialização, mídia, defeitos de caráter ou neurose. Embora o ciúme possa atingir extremos patológicos ou mortais, a vasta maioria dos episódios é expressão útil de estratégias eficazes de enfrentamento destinadas a lidar com ameaças verdadeiras às relações” (p. 48)

Esse foco de análise privilegia a funcionalidade e a eficácia das manifestações ciumentas em evitar rompimentos amorosos, significando, em certo nível, que atos violentos sejam invisibilizados ou minimizados. Por fim, é necessário apontar que há críticas também em relação à validade do método da escolha forçada e à imposição desse procedimento como único pertinente ao desenvolvimento deste campo. Esse método tem sido questionado por restringir a descrição do fenômeno, limitar a abrangência da análise e apresentar resultados que não são replicáveis ou confirmados quando outros procedimentos metodológicos são

utilizados. Denuncia-se uma seletividade nas referências utilizadas por Buss (2000) ao mencionar em seus estudos apenas pesquisas que confirmem suas teorias, desconsiderando estudos que as contradizem (Ferreira, 2013; A. L. M. Ramos & Calegari, 2001).

Harris (2005) e Carvalho e Ambiel (2016) desenvolveram meta-análises de diferentes pesquisas a fim de verificar os métodos utilizados e comparar os resultados encontrados. A partir de tais estudos, identificou-se que a variedade de instrumentos utilizados se associava a resultados heterogêneos e discrepantes. Utilizando outros instrumentos metodológicos em complementação ou substituição ao método de escolha forçada, resultados contraditórios foram encontrados, tanto na identificação de diferenças sexuais em sentido oposto (mulheres com mais ciúme sexual que os homens), quanto na ausência de qualquer diferença do ciúme entre os sexos. Além de demonstrar a inconsistência do caráter inato das possíveis diferenças sexuais no sentir ciúme, Harris (2005) conclui que “simplesmente encontrar uma diferença de gênero válida, por si só, não falaria sobre a origem dessa diferença, nem a capacidade de construir uma história adaptativa que soe persuasiva prova que algum efeito de gênero é inato” (p. 85).

Tais estudos críticos demonstram o quanto a teoria evolucionista apresenta-se como um referencial teórico importante nos estudos sobre ciúmes, seja nas pesquisas que se propõe a replicar suas premissas (Ferreira, 2013), seja influenciando outras linhas teóricas que buscam ampliar suas assertivas ou refutar certas teses, como se evidencia nos campos da Análise do Comportamento e nos estudos Sociocognitivos (Costa, 2005; Harris, 2005).

Análise do Comportamento

A ideia evolucionista do ciúme enquanto adaptação da espécie encontra respaldo também na Análise do Comportamento, visto que para eles qualquer comportamento, público ou privado, tem contingências filogenéticas. Contudo, essa análise estaria limitada sem abarcar

os componentes ontogenéticos e culturais, sendo a interação destes três fatores essenciais para a leitura behaviorista de qualquer fenômeno humano (Costa, 2005; Costa & Barros, 2010).

Para os teóricos do comportamento, os fatores ontogenéticos e culturais também impactam na experiência ciumenta de homens e mulheres. Em razão disso, questiona-se a tese de uma diferenciação inata de mulheres sentirem mais ciúme emocional e homens, mais ciúme sexual. Para investigar se tais diferenças se relacionariam ao gênero ou aos aspectos que cada indivíduo valoriza em um relacionamento afetivo, Costa & Barros (2008) construíram uma metodologia para comparar fatores desencadeadores de ciúme com as concepções individuais das prioridades e dos valores atribuídos ao vínculo conjugal. Como resultado, verificou-se poucas divergências no que homens e mulheres valorizam em uma relação afetiva e nas situações desencadeadoras de ciúme. Deste modo, não apenas o caráter inato das diferenças é questionado, mas a própria noção de que tais diferenças existam.

Destaca-se como uma das premissas da Análise do Comportamento que qualquer sentimento é um comportamento privado, consequência de condicionamentos reflexos (em referência a reações fisiológicas sentidas em situações de ciúme) e operantes (ao estabelecer vínculo entre o que se sente, e como e porque se age de determinada forma). Sendo um evento privado, é possível que o ciúme se configure como uma contingência quando dele decorrer comportamentos públicos, estabelecendo-se assim uma relação de dependência entre o que se sentiu no âmbito privado e que ações foram desencadeadas no âmbito público (Costa, 2005).

Essa diferença estabelecida entre sentir e demonstrar ciúme apresenta-se como uma contribuição importante dos estudos behavioristas. Além disso, a discussão sobre as múltiplas contingências possíveis amplia o olhar sobre a diversidade de sentidos a partir dos quais o ciúme se manifesta: por reforçamento positivo (quando ao demonstrar ciúme, por exemplo, o sujeito recebe declarações de amor e garantias do comprometimento do(a) cônjuge); por reforçamento negativo (quando o(a) parceiro(a) evita, por exemplo, sair para não causar

ciúme); por generalização e imitação (quando, ao considerar a expectativa social de “ciúme como prova de amor”, o sujeito expressa ciúme); ou por punição (com a retirada de um reforço positivo ou apresentação de um reforçador negativo) (Costa, 2005; Costa & Barros, 2010).

Apesar da análise dessas múltiplas contingências e da percepção de que há, culturalmente, um padrão esperado e reforçado sobre o ciúme, a Análise do Comportamento entende que o ciúme não é necessário às relações, contrapondo-se assim à tese evolucionista que o define como estratégia útil e sábia para a sobrevivência da espécie humana (Costa, 2005). Como explica Skinner (1978), um comportamento filogeneticamente adaptado pode, ainda assim, trazer prejuízos e não ser benéfico para o indivíduo, para o grupo ou para a espécie. Desse modo, a percepção sobre prejuízos e sofrimentos que o ciúme pode acarretar ao indivíduo e a pessoas de seu convívio direciona essa crítica à imprescindibilidade do ciúme.

Além do mais, apesar das distinções apresentadas entre sentimentos e ações, os estudos sob uma perspectiva behaviorista evitam abordar eventos privados como explicações para comportamentos, ou seja, a referência causal entre o indivíduo sentir e, em decorrência disso, manifestar ciúme não se sustentaria teoricamente. Como explica Skinner (2003):

É fácil confundir o que sentimos com causa, porque nós o sentimos enquanto estamos nos comportando (ou mesmo antes de nos comportarmos), mas os eventos que são responsáveis pelo que fazemos (e, portanto, pelo que sentimos) permanecem num passado realmente distante. A análise experimental do comportamento favorece a nossa compreensão dos sentimentos por esclarecer os papéis dos ambientes passado e presente (p. 15).

Assim, embora não negue a dimensão privada dos sentimentos, a Análise do Comportamento tem seu foco de estudo direcionado, especialmente, para os eventos públicos do comportamento humano que acarretaram a própria emoção sentida. Ou seja, entende-se

experiências emocionais como produtos concomitantes, correlatos ou colaterais das interações do indivíduo com seu meio (Skinner, 2003).

Em uma proposta de aprimoramento teórico, Costa e Barros (2010) propõem que ao invés de trabalhar com o termo “ciúme”, os analistas do comportamento deveriam utilizar-se da categoria “comportamento ciumento”. Esse comportamento estaria, necessariamente, vinculado a eventos antecedentes de caráter respondente e a eventos consequentes pautados por condicionamento operante. Como explicam os autores,

o evento antecedente que compõe a interação caracterizada como comportamento emocional ciumento consiste na competição, com um rival, por reforçadores. O componente operante deste comportamento tende a ser reforçado negativamente com a remoção do rival ou atenuação da situação de competição, embora também possa ser reforçado positivamente com atenção social (p. 141).

Consideramos que essa proposta se sustenta em uma leitura ambígua: ao mesmo tempo que amplia o olhar sobre a experiência ciumenta ao integrar os estímulos antecedentes às contingências associadas, desconsidera-se a multiplicidade dessa vivência ao delimitar como critério fundamental da categoria “comportamento ciumento” a identificação de uma competição e de um rival atuando como um competidor. Percebe-se assim que, embora tais estudos behavioristas defendam que seu foco de análise é o indivíduo em seu comportamento emocional ciumento, há uma tendência de avaliar (ou mesmo averiguar) os comportamentos de outras pessoas envolvidas na situação, no caso do(a) parceiro(a) e do(a) rival.

Teoria Sociocognitiva

A interpretação sociocognitiva sobre ciúme foi desenvolvida por Harris (2004, 2005) a partir de críticas em relação às teses evolucionistas sobre ciúmes. Além das considerações apresentadas anteriormente sobre a validade do método de escolha forçada (Harris, 2005),

questiona-se que nas pesquisas evolucionistas os parâmetros sobre ciúmes (desde medidas fisiológicas a respostas comportamentais) são sempre definidos a partir de cenários hipotéticos de infidelidade, o que sinaliza limitações para avaliar a infidelidade real e a influência do histórico amoroso de cada indivíduo (Harris, 2004, 2005).

As críticas a tais procedimentos metodológicos subsidiam questionamentos epistemológicos sobre os critérios de previsão, falseabilidade e causalidade das teses evolucionistas sobre o ciúme. Ou seja, na avaliação dos teóricos sociocognitivistas, o postulado do ciúme como um mecanismo inato e diferenciado filogeneticamente em homens e mulheres não tem valor preditivo suficiente; não pode ser verificado se outras variáveis são discriminadas (por exemplo, se há presença de infidelidade real); é refutável quando outros métodos são incluídos (quando utilizam-se, por exemplo, escalas ou inventários sobre ciúme); além de não apresentar argumentos suficientes que garantam que as formas como homens e mulheres têm lidado com o ciúme estão direta e exclusivamente relacionadas a desenvolvimentos filogenéticos da espécie humana (Harris, 2004, 2005; Harris & Darby, 2010).

Importante destacar, porém, que não se questiona a função adaptativa do ciúme na manutenção dos relacionamentos, mas entende-se esse processo evolucionário como um mecanismo aprendido e não inato (Ferreira, 2013). Nessa perspectiva, mantém-se a legitimidade da abordagem evolucionista, mas questiona-se as premissas específicas sobre o ciúme e as diferenças sexuais. Harris (2004) entende que é mais provável que a seleção natural tenha moldado mecanismos gerais de ciúme para operar em uma variedade de contextos interpessoais, sendo que possíveis diferenças sexuais estariam mais relacionadas as diferenças nos julgamentos cognitivos do que nas estruturas morfológicas distintas sexualmente.

As avaliações cognitivas se apresentam, assim, como elemento primordial dessa proposta teórica que amplia a compreensão sobre os sentidos da ameaça percebida, bem como sobre os mecanismos de enfrentamento adotados pelo indivíduo em uma experiência ciumenta.

A primeira dimensão explorada pelos sociocognitivistas da percepção do que é visto como ameaçador se alinha à compreensão presente também nos estudos evolucionistas e comportamentais: a apreensão da ameaça como risco potencial de perder recompensas decorrentes dos relacionamentos, seja referente a benefícios concretos (como recursos financeiros e estruturais) ou simbólicos (como afeto e atenção) (Harris & Darby, 2010).

Um segundo aspecto abordado complexifica o debate ao evidenciar que um fator chave nessa avaliação é o nível de ameaça percebido em relação às representações do eu, afinal

a existência de um rival pode ser particularmente ameaçadora porque desafia algum aspecto da autodefinição de uma pessoa (Parrott, 1991), auto-identidade (Salovey & Rothman, 1991) ou auto-estima (Mathes, 1991). Vários teóricos notaram a importância que as relações desempenham na definição do self e do valor próprio. Portanto, os rivais dos relacionamentos não apenas ameaçam as recompensas do relacionamento, mas também o próprio valor do self. Por exemplo, quando confrontados com a infidelidade de um parceiro, as pessoas avaliam o significado da traição em termos das implicações sobre si mesmo (ela fez sexo com ele porque sou má amante ou porque sou pouco atraente?). As respostas a essas perguntas terão impacto na intensidade do sofrimento (Harris & Darby, 2010, p. 551).

Além do mais, o julgamento cognitivo sobre os níveis de ameaça desenvolve-se de forma processual. Em um primeiro estágio, o indivíduo se conscientiza de um possível rival e direciona seu foco para identificar o quanto ele é uma ameaça em potencial e se está, de fato, disputando a atenção do(a) parceiro(a). Em uma avaliação secundária, analisa-se como é melhor reagir a essa ameaça e que mecanismos de enfrentamento serão adotados (Harris & Darby, 2010). Importante pontuar que na teoria sociocognitiva os parâmetros sobre eficiência ou satisfação das respostas ao ciúme são estabelecidos em referência à preservação e à proteção

do relacionamento, ou seja, quanto maior a probabilidade de manutenção do vínculo amoroso, mais satisfatoriamente tais reações são avaliadas (Harris, 2004; Harris & Darby, 2010).

Esse foco na manutenção do casamento tem sido o principal fator observado ao se argumentar de que o ciúme tem mais efeitos positivos que negativos (Harris & Darby, 2010). Entendemos, porém, que essa premissa de avaliar como eficácia ou efeito positivo a preservação do vínculo conjugal revela valores e moralidades sociais que precisam ser problematizadas. A exaltação do casamento é resultado de desenvolvimentos históricos e culturais pautados por relações de controle e de poder que impactam homens e mulheres de formas diferentes e assimétricas (Zanello, 2018). Entendemos como ponto crítico que teorias sobre ciúmes designem como parâmetro positivo a simples preservação do relacionamento, sem refletir de forma criteriosa sobre tal valoração e ignorando discussões sobre qualidade de vida e saúde emocional das pessoas envolvidas.

Possíveis diferenças sexuais nas experiências de ciúme foram analisadas pelos estudos sociocognitivistas, concluindo-se que tais experiências apresentam muito mais similaridades do que diferenças (Harris, 2005). Avalia-se que a diversidade das manifestações ciumentas está relacionada às idiossincrasias das trajetórias individuais e das experiências de socialização de cada sujeito, não necessariamente vinculando-se a questões de gênero (Carvalho & Ambiel, 2016; Harris, 2004, 2005).

Por outro lado, ao analisar casos diagnosticados como de ciúme patológico, Harris e Darby (2010) reconheceram uma predominância masculina, cuja associação com comportamentos violentos significaria maior risco de violência contra mulheres. Contudo, ao avaliarem se o ciúme motivaria mais homicídios femininos do que masculinos, a conclusão foi de que não há razão para acreditar que a motivação ciumenta na ocorrência de assassinatos atue de forma desproporcional em homens e mulheres (Harris & Darby, 2010).

Percebe-se, assim, pontos inconsistentes nas premissas sociocognitivas sobre ciúme. A forma como se aborda sua associação com a infidelidade exemplifica esse debate. Embora os sociocognitivistas tenham extensivamente criticado os evolucionistas por estudarem o ciúme apenas em termos de infidelidade hipotética (Harris, 2004, 2005), o que se evidencia é que a crítica principal se pautava na problemática da situação imaginária de traição, sem abranger uma discussão conceitual sobre infidelidade e sobre como o ciúme se apresenta de forma muito mais ampla e complexa do que a questão da traição – seja ela factual, suposta ou delirante.

Apesar das críticas expostas, reconhecemos que os estudos sociocognitivistas ampliaram o debate ao teorizar como o ciúme também é vivido enquanto uma ameaça às representações de si (Harris & Darby, 2010). Tal compreensão revela-se como uma contribuição essencial dessa teoria, embora no desenvolvimento das teses sociocognitivas essa dimensão não tenha sido extensivamente explorada.

De todo modo, consideramos essencial essa reflexão do que significa para cada sujeito sentir-se ameaçado e que tipo de questionamento sobre si mesmo tal ameaça evidencia. Se o ciúme revela (ou pode revelar) falhas de aspectos identitários, é importante discutir, então, que configurações identitárias estão sendo ameaçadas e como elas se (re)estabelecem e se (re)organizam. Além do mais, pode-se ampliar o debate para analisar se homens e mulheres, em uma experiência ciumenta, sentem-se ameaçados identitariamente da mesma forma. Será que os sofrimentos referentes à conjugalidade configuram-se sob os mesmos mecanismos e impactam a ambos do mesmo modo?

Estudos socioculturais

As leituras socioculturais sobre o ciúme mantêm certo alinhamento teórico com os estudos sociocognitivos, embora suas análises transcendam o olhar individualizante ao focalizar as dimensões sociais e experiências culturais. Identifica-se como convergente com a

abordagem cognitiva a compreensão de como a experiência ciumenta se desenvolve: um primeiro estágio em que se avalia um evento como ameaçador (avaliação primária), para, em seguida, julgar a respeito das estratégias de como reagir (avaliação secundária) (Hupka, 1991).

Porém, o que marca o distanciamento dessas duas abordagens é que, para os teóricos culturais, tais avaliações cognitivas são, fundamentalmente, pautadas em fatores culturais e não em aspectos biográficos ou idiossincráticos. Entende-se que tanto a percepção de um evento como ameaça quanto a avaliação de quais reações são apropriadas ou eficazes são produtos da socialização (Clanton, 2007; Pines & Friedman, 1998). Como explica Hupka (1991):

sentir-se ameaçado em uma situação de ciúme é um produto da socialização. Nasce das escolhas que foram feitas no processo de criação da sociedade. Toda sociedade teve que tomar decisões sobre certas questões fundamentais, como a economia de alimentar seus membros, comportamento de acasalamento e assim por diante. Quaisquer que tenham sido as decisões ou escolhas, elas têm consequências psicológicas para o indivíduo. Ou seja, as escolhas definem para o indivíduo o que é valorizado e o que deve, portanto, ser protegido. (p.326)

Ao abordar consequências psicológicas, evidencia-se que não há uma negação da dimensão psíquica, mas um entendimento de que “a cultura de uma sociedade é uma variável mais potente do que as características do indivíduo em prever qual evento alguém avaliará como uma ameaça” (Hupka, 1991, p. 325). Os determinantes culturais seriam, assim, essenciais e preponderantes no processo de interpretar um evento como ameaçador; de identificar valores e normas sociais; e de avaliar como reagir (em conformidade ou em desafio a tais normas).

A influência cultural impactaria a ação dos sujeitos tanto nos processos de avaliação primária quanto secundária sobre o ciúme. Este impacto não é visto, porém, como uma força que unilateralmente molda ou determina os indivíduos. O conceito de cultura, para Hupka (1991), é de um corpo de costumes e normas elaborados de forma tácita e gradual pelos

próprios indivíduos e acessados por eles na busca de interesses e necessidades pessoais, sendo esse movimento marcado por uma reciprocidade, visto que as criações culturais (sejam materiais ou simbólicas) repercutem e afetam toda a sociedade.

Essa concepção revela uma dimensão política das configurações culturais, por enfatizar que “os indivíduos criam leis, costumes, normas e instituições, que permitem a todos perseguir interesses pessoais. Cada indivíduo faz uso das conquistas culturais para atingir objetivos pessoais” (Hupka, 1991, p. 326). Consideramos uma contribuição importante a politização conceitual que aponta os agenciamentos possíveis e subjacentes aos mecanismos culturais. A análise revela-se limitada, contudo, se não alcançar reflexões sobre as relações de poder que pautam tais configurações culturais: estariam todos os indivíduos, independente de variáveis de gênero ou raça, em iguais condições de oportunidade e de liberdade para criar, valorar, usufruir e se apropriar das produções culturais?

Este questionamento é explorado por Clanton (2007) ao denunciar que os estudos sobre ciúme têm negligenciado a relação dessa emoção com o poder. Para esse estudioso do campo da Sociologia das Emoções, o ponto crucial para a compreensão do ciúme está relacionado ao desequilíbrio de poder entre os casais, e não a questões isoladas e individuais de baixa autoestima. Essa dimensão interacional se articula com os contextos socioculturais que interpelam valores, padrões e normas para a vivência da emoção e da conjugalidade.

Uma compreensão sociológica do ciúme traz potenciais implicações clínicas, por propiciar que o indivíduo reflita sobre os contextos culturais em que está inserido; amplie a compreensão de suas ações para além de motivações puramente privadas ou individuais; e identifique como e porque determinados eventos são avaliados como ameaçadores e determinadas respostas se destacam (Clanton, 2007; Pines, 1992).

Por outro lado, ao se deparar com a diversidade de sentimentos associados ao ciúme (como medo, raiva, tristeza, insegurança) e com a impossibilidade de delimitá-lo

empiricamente, Hupka (1991) radicaliza suas concepções defendendo que o ciúme deve ser entendido não como uma experiência emocional, mas como uma situação social particular. A autora conclui que apenas mudanças culturais nas situações e avaliações sobre ciúmes teriam eficácia, sendo que “tomar a psicoterapia com o propósito de se sentir menos ameaçado em uma situação de ciúme é um exercício de aprender a negar sentimentos e influências culturais ou de desvalorizar a importância dos outros para nós” (Hupka, 1991, p. 352).

Identifica-se assim uma ambivalência dentro da própria abordagem no que diz respeito a quão preponderante é o fator cultural em relação às dimensões individuais, ou mesmo como se operacionaliza uma leitura sobre o ciúme que o abarque enquanto fenômeno social, mas também psicológico. Sobre tais questionamentos somam-se críticas de que as teorias socioculturais subestimam a importância dos processos intrapsíquicos e dos fatores interacionais do casal (Pines, 1992).

Nesse caso, concordamos que explicações que se aproximam de uma radicalidade pelo social correm o risco de sobrepujar a subjetividade e a vivência afetiva dos sujeitos. Como alerta Butler (2012) é problemática a dissociação feita entre cultura e sexo, como se o primeiro fosse simplesmente uma inscrição cultural e o segundo, biológica. A autora defende que nem o sexo pode ser reduzido a uma característica anatômica, por ser também um meio discursivo/cultural de construção simbólica; nem o gênero pode ser reduzido a formulações fixas da cultura- “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (p. 26).

De todo modo, as pesquisas cross-culturais revelam uma dimensão essencial na compreensão do ciúme ao evidenciarem que as formas como as pessoas o significam e o vivenciam refletem valores e normas culturais, e variam conforme os contextos sociais em que estão inseridas (Clanton, 2007; Pines 1992). Os estudos etnográficos se apresentam, assim, como uma das contribuições mais importantes dessa abordagem ao revelarem que há uma grande diversidade de formas como cada sociedade determina o que seria um evento ameaçador

e uma ação apropriada ao ciúme, sendo que tais variações estão relacionadas muito mais a regras sobre a conjugalidade do que a questões biológicas ou psicológicas.

Através de estudos etnográficos, Hupka (1991) identificou características que estariam vinculadas a uma maior prevalência de situações de ciúme. Como resultado, encontrou que essa maior preponderância estaria associada a valores culturais que enfatizam: a propriedade individual; a garantia de descendência; o controle da sexualidade com limites à liberdade e à satisfação sexual; e o prestígio do casamento (visto como meio de sobrevivência econômica, de ascensão social ou de reconhecimento do indivíduo como um partícipe adulto e competente da sociedade). Embora o autor não identifique tais características com padrões sociais permeados por uma lógica sexista, nos parece evidente tal associação, especialmente se considerarmos a realidade brasileira e seus valores culturais marcados pelo (desejo de) controle e posse sobre as mulheres e os(as) filhos(as) (Machado, 2004; Zanello, 2018).

Além disso, teóricos socioculturais discutem se homens e mulheres são interpelados e afetados por tais normas do mesmo modo. Clanton (2007) evidencia que em algumas culturas os tabus referentes ao adultério e ao controle da sexualidade costumam funcionar em um duplo padrão para as questões de gênero: em que a infidelidade masculina é mais aceitável e a feminina mais punida, o que acarreta uma valoração diferente aos ciúmes, aos significados de uma ameaça e às reações consideradas válidas para homens e para mulheres.

Pines e Friedman (1998) enfatizam o quanto há uma gama de pesquisas dedicadas a responder qual dos sexos sente mais ciúmes, mas que pouco ainda se discute se eles significam esse sentimento da mesma forma. Nesse sentido, um novo foco de estudo se estabeleceu na perspectiva de investigar quais (e como) processos culturais impactam na forma como homens e mulheres avaliam situações como ameaçadoras; definem reações como apropriadas ou inadequadas; e lidam com emoções advindas de tais experiências (Clanton, 2007; Ortiz et al., 2012; Pines & Friedman, 1998).

Algumas premissas investigadas por Pines e Friedman (1998) são de que mulheres reagem com ciúmes quando percebem ameaças à preservação de seu relacionamento amoroso; enquanto as reações masculinas estariam mais relacionadas a percepção de ameaças a sua autoestima ou a sua própria identidade. Embora os resultados empíricos dessa pesquisa tenham confirmado mais a primeira premissa do que a segunda, sinaliza-se a importância de que mais estudos explorem tais questões.

Estas reflexões trazem uma contribuição importante ao indicar novas possibilidades de compreender a complexidade e a diversidade da experiência ciumenta, na busca por analisar como são percebidas e constituídas as vivências de ciúme entre homens e mulheres. Trata-se de um caminho de análise que não se dedica a simplesmente afirmar/constatar se há um gênero mais ou menos ciumento, mas que oferece leituras possíveis de como esse afeto se instauraria enquanto performances (Butler, 2012) e emocionalidades (Le Breton, 2019).

Abordagens psicanalíticas

O campo da Psicanálise oferece uma leitura psicodinâmica sobre ciúmes com o olhar direcionado para os processos intrapsíquicos, as dimensões inconscientes e as configurações subjetivas na vivência desse afeto. Embora essa temática tangencie os escritos freudianos em diferentes momentos de seu percurso teórico (Freud, 1911/2006b, 1922/2016, 1925/2019a), é possível afirmar que não são comuns estudos em Psicanálise específicos sobre ciúme, tendo a maioria deles explorado as caracterizações patológicas desse afeto (Lachaud, 2001).

As vinculações inconscientes da experiência ciumenta se apresentam como marco diferencial dessa abordagem quando comparada a outras leituras teóricas sobre o tema. Freud (1922/2016) entende que o ciúme não se configura apenas como racional, consciente e proporcional às circunstâncias reais, mas está imerso no âmbito inconsciente e ligado às primeiras experiências emocionais infantis.

Os conceitos de narcisismo e de castração revelam-se cruciais nas discussões psicanalíticas sobre o ciúme. Tais conceitos se configuram de modo articulado ao longo do desenvolvimento, estabelecendo-se como bases para a subjetividade e para o modo como cada sujeito significará as relações consigo mesmo e com suas escolhas amorosas. O desenvolvimento do narcisismo é fundamental na constituição do Eu, quando a criança, a partir do investimento dos pais (ou cuidadores) experiencia um sentimento de plenitude e pode investir sua libido em si mesma percebendo-se plena e ideal - o que, nesse momento, tem efeito de proteção psíquica. Posteriormente, contudo, essa coincidência momentânea entre Eu real e Eu ideal é questionada quando a criança constata que não é um sujeito completo e perfeito para o outro e nem para si, tendo que lidar com a insustentabilidade de sentir-se pleno e ser seu próprio ideal. Em tal conjuntura, emerge o complexo de castração (em associação ao Complexo de Édipo) que interdita e interpela essa apreensão narcísica de si e da realidade (Freud, 1914/2006c, 1925/2019a, 1924/2019b; Laplanche & Pontalis, 2011).

As soluções e as tendências que se organizam a partir dos conflitos psíquicos envolvidos nesses dois complexos delimitam e perpassam todo o campo teórico da psicanálise, não sendo nosso objetivo aqui nos estender em tal complexidade. É fundamental compreender, porém, que a demanda expressa pelo ciúme de ser único, insubstituível e completo para o outro apresenta-se como uma reivindicação narcísica. Sua emergência revela sobre a experiência de desamparo ou da própria negação a essa falta, como destaca Brasil (2009):

Os ciúmes flertam com a totalidade, correspondem à tentativa de desconhecer a falta fundamental, acusando o outro de roubo do que é, em si mesmo, impossível: a posse total do objeto de amor. Isto é, em vez de reconhecer o limite que me faz sujeito, e não apenas um pedaço que completaria o Outro materno (o que me aniquilaria como sujeito), coloco a dor do corte na conta do outro, transformado em rival: eu não possuo todo o objeto do amor (ou todo o amor do objeto amado) não porque isso seja

impossível, mas porque alguém me rouba. Se os ciúmes flertam com a totalidade, os ciumentos querem casar com ela (p. 13).

O lugar daquele que é visto como rival ocupa posição central nas leituras psicanalíticas sobre ciúme, sendo esse lugar caracterizado muito mais pelas projeções do sujeito ciumento do que pelas ações em si daquele que parece o ameaçar. O sujeito ciumento projeta nesse rival suas idealizações, percebendo-o como um objeto ideal que ofereceria na relação amorosa algo que o próprio sujeito não pode oferecer e que receberia dessa relação aquilo que lhe é negado. Por essa contextualização, Lachaud (2001) conclui que “não é pois o objeto que determina o ciúme, é o ciúme que o forma” (p. 62), ou seja, é o sujeito ciumento que configura e significa o que seria uma cena ameaçadora e quem representaria aquilo que o ameaça.

Além disso, fica evidente que essa ferida narcísica revela muito mais sobre as frustrações do sujeito com a sua própria relação com o ideal. Nessa equação, o rival passa a ser aquele que denuncia e escancara tais frustrações e o ciúme se apresenta como o indício de que essa falta está posta. Assim, demonstra Lachaud (2001) que os dilemas do ciúme interpelam o sujeito a fazer um luto narcísico, de perdas referentes ao que ele idealiza para si e para o lugar que ocupa na vida psíquica do(a) parceiro(a), e por isso, o ciúme seria

uma prova da perda. O próprio sujeito se perde, de resto, pois na identificação com o que ele acreditava ser o objeto do desejo do Outro, algo vacila de seu próprio ser. Essa identificação garantia, de certo modo, sua existência e a representação sob a boa forma, o bom modelo, o objeto amável e amado. (Lachaud, 2001, p. 100)

Desse modo, identifica-se que para a Psicanálise a problemática revelada pela experiência ciumenta do que é ameaçador e do que se pode perder se mantêm na centralidade das análises, porém, apresenta-se como um diferencial teórico a compreensão sobre que tipo de perda e de ameaça se trata. Ou seja, o foco se transfere do medo de perder o relacionamento ou o amor do outro, para o medo de perder-se em seus próprios parâmetros de subjetivação.

Os modos como o ciúme atinge e desvela as feridas narcísicas de cada pessoa serão, porém, diversos. Para Freud (1922/2016), o ciúme precisa ser considerado em termos de economia psíquica, que se configura em três camadas de intensidades diferentes, sendo um grau normal (também nomeado como competitivo ou concorrencial), um projetado e um delirante. Como premissa inicial, Freud (1922/2016) define o ciúme como um estado emocional normal, vinculado a questões de autocrítica; sentimentos de pesar e sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado; demandas narcísicas; ou inimizades contra um rival visto como bem-sucedido. O autor chega a afirmar que se alguém parece não possuir ciúmes seria decorrente de um recalque severo e, conseqüentemente, para essa pessoa o ciúme desempenharia um papel ainda mais impactante em seu inconsciente.

Em relação ao ciúme projetado, este apresenta-se como um mecanismo de defesa em que o sujeito, para lidar com a sua própria infidelidade ou seu desejo para tal, projetaria no outro o ciúme, acusando-o de infidelidade. Dessa projeção, evidencia-se uma manifestação inconsciente dos próprios desejos reprimidos do sujeito por outras pessoas, bem como uma tentativa de se defender desses desejos, uma vez que quanto mais o sujeito desloca (por meio das projeções) para o inconsciente alheio, mais se afasta de suas próprias questões inconscientes. Apesar da projeção apresentar-se como uma marca específica nos casos de paranoia, Freud insiste no seu caráter normal em termos de funcionamento psíquico, sendo o princípio e o fim desse processo convergentes: o desconhecimento (consciente) dos próprios desejos (Laplanche & Pontalis, 2011).

O caráter delirante, por sua vez, simboliza os casos de maior complexidade já que características das demais camadas do ciúme continuariam presentes, mas somam-se complicadores: circunstâncias concretas pouco afetam o enredo ciumento (por isso, inclusive, o caráter de delírio), além das pulsões reprimidas relacionadas à infidelidade revelarem admiração e desejo do sujeito ciumento pelo próprio rival (Freud, 1922/2016).

Frente a tal complexidade, esse foi apresentado como o pior tipo de ciúme que se configura a partir da defesa contra pulsões homossexuais, atribuindo ao outro o que seria seu próprio desejo pelo objeto do mesmo sexo (Freud, 1922/2016; Mees, 2009). Como Brasil (2009) problematiza, porém, tais pulsões não significam necessariamente homossexualidade, mas questionamentos sobre a posição sexuada do que é ser um homem ou uma mulher – “o rival é amado, não sexualmente, mas narcisicamente” (p. 16).

Anteriormente à conceituação sobre tais dimensões do ciúme, Freud (1911/2006b) analisou as organizações delirantes no caso Schreber, quando pôde explorar sobre os sentidos atribuídos às vinculações homossexuais e suas interpelações excessivamente narcísicas. Dessa forma, ao se deparar com as contradições da fantasia de um desejo homossexual de amar e se identificar com um semelhante, os delírios de ciúme emergem como uma das soluções a tal conflito, quando se desloca o afeto do sujeito para acusar o outro de amar aquele que o atrai.

Importante destacar que ao teorizar sobre os modos como o ciúme se configura, há o entendimento de que tais funcionamentos seriam similares no psiquismo de homens e mulheres (Freud, 1922/2016). Contudo, ao considerar a inveja do pênis como um traço característico do fenômeno do ciúme, o autor conclui que, por isso, o ciúme teria um “um papel muito maior” (Freud, 1925/2019a, p. 266) na vida psíquica das mulheres do que dos homens.

O conceito de inveja do pênis na Psicanálise decorre da leitura de como as meninas vivenciam a percepção da falta e solucionam os conflitos edípicos. Mas, em paralelo, entende-se que o processo edípico vivenciado pelos meninos também se estrutura com respostas limitadas à constatação dessa falta fundamental (de ser não pleno para o outro) quando emerge o medo de perder ou de ser visto em falta, o que em termos psicanalíticos é traduzido pelo conceito de angústia da castração (Freud, 1925/2019a, 1924/2019b; Zanello, 2016).

Consideramos como relevantes as contribuições teóricas da Psicanálise sobre as dimensões subjetivas do ciúme, porém, entendemos que para que não seja uma análise limitada

é necessário situar essa abordagem como uma etnoterapia que demanda meta-análises conectadas a dimensões culturais, sociais e históricas. Portanto, propomos que a inveja do pênis seja lida enquanto inveja do lugar social atribuído e permitido em nossa sociedade aos homens, ou seja, entendido como um conceito relacional que revela a dimensão histórica e política da qualificação das diferenças/desigualdades, e não enquanto concepção ontológica que naturaliza e essencializa as diferenças e os privilégios identificados. Como aponta Zanello (2016):

Por que há a pressuposição de certo privilégio da relação entre pênis-falo e não na relação falta (de pênis) - feminilidade? Ou, traduzindo para uma linguagem na perspectiva de gênero: da relação entre eleição e interpretação valorativa de certos atributos físicos e comportamentais/performáticos e não de outros à margem deste lugar de eleição?. (p. 49)

Por isso, consideramos que uma leitura gendrada do conceito de narcisismo (Zanello, 2018) pode trazer considerações importantes para a compreensão da experiência do ciúme e suas possíveis configurações em homens e mulheres. Embora tais diferenças sejam tratadas pela Psicanálise em termo de processos de sexuação, defendemos que essa discussão precisa ser ampliada para as questões de gênero. Sexuação e gênero são termos interconectados, mas que exigem uma diferenciação crítica que esclareça que não são as distinções anatômicas que possibilitam e privilegiam certos processos de subjetivação, mas são as leituras sociais e valorativas dos corpos diferenciados entre homens e mulheres que instauram essas diferenças demarcadas em nossa cultura como desigualdades (Zanello, 2016).

Além disso, a própria tese suscitada por Freud (Freud, 1911/2006b, 1922/2016) da relação entre certos tipos de ciúme e pulsões e questionamentos homossexuais (seja da posição enquanto homem ou mulher) manifesta o quanto o diálogo das compreensões psicanalíticas com os estudos de gênero é latente e urgente. A ideia de um questionamento sobre posição

sexuada é atravessada pela compreensão de uma subjetivação gendrada de homens e mulheres e pela vivência das possibilidades (e também das interdições) que os interpelam (Butler, 2012).

Considerações Finais

Os resultados esperados de uma revisão narrativa da literatura apontam a importância de delimitar um mapa do conhecimento que não se limite a apenas identificar marcadores teóricos, mas possibilite uma compreensão sobre tais demarcações e sobre possíveis aberturas, barreiras e tensões entre os diferentes territórios do conhecimento. Como Vosgerau e Romanowski (2014) enfatizam, é um mapa que “nos permite continuar caminhando” (p. 172), uma vez que traz contribuições para a teoria e a prática, e situa como determinada temática tem sido estudada em um campo de conhecimento, no nosso caso, o ciúme nas áreas *Psis*.

O estado da arte realizado procurou, assim, situar os campos de teorização sobre o ciúme evidenciando o quanto as prioridades e enfoques de cada abordagem refletem formas diversas de compreender o fenômeno e de avaliar seus impactos e vivências subjetivas. Nesse sentido, um posicionamento epistemológico envolve também uma reflexão ética sobre que tipo de ciência produzir, com que tipo de sociedade se comprometer e a partir de que premissas olhar e compreender o ser humano (Figueiredo, 2008).

Para além das questões específicas discutidas no âmbito de cada abordagem teórica, consideramos fundamental problematizar três pontos cruciais que revelam limites e desafios ao estado do conhecimento sobre o tema. São eles: a associação entre ciúme, traição e preservação (ou ameaça) da conjugalidade; o olhar sobre questões históricas e culturais; e as considerações sobre emocionalidades de homens e mulheres sob o prisma de gênero.

Discutir ciúmes apenas em termos de infidelidade e de consequências para a conjugalidade oferece uma compreensão limitada de um conceito e de uma experiência, que se revelam bem mais complexos. Clarice Lispector, escritora que tão bem aborda as sutilezas e

ambivalências dos sentimentos, apresenta uma crônica em que um rapaz, ao se deparar, a certa distância, com sua namorada conversando com amigas, sente um mal-estar intenso como “se ela sempre tivesse mentido e só agora ele tivesse a prova? No entanto ela nunca dissera que não saía ou que não ria nem conversava. Mas a ideia que ele fizera dela fora traída pela visão nova: junto das amigas, ela parecia uma outra pessoa” (Lispector, 1999, p. 272). O ciúme se instaura nessa crônica não pela ideia da parceira ter ou buscar um relacionamento extraconjugal, mas sim a partir da possibilidade de parecer outra pessoa, de rir com as amigas como não ria com ele. Conclui a autora: “ele sentiu que, se houvesse possibilidade de se explicar – e não havia – proibiria que ela se encontrasse com as amigas” (p. 272).

Muitas angústias como da crônica exposta estão cotidianamente presentes na atuação em Psicologia e demandam uma compreensão de um ponto de vista clínico. Além do mais, esse enfoque na preservação do casamento como parâmetro primordial de um sucesso pessoal, ou de uma eficácia emocional, precisa ser entendido como o resultado de configurações sociais e históricas envoltas em relações de poder e em práticas de controle que refletem importantes assimetrias nas expectativas e vivências de homens e mulheres.

Essa contextualização demonstra como reflexões sobre os sentidos atribuídos ao ciúme em culturas e realidades históricas distintas trazem contribuições importantes para compreender as emocionalidades e seus efeitos nas subjetividades, que podem provocar mudanças na forma de analisar e intervir no campo *Psi*. Destaca-se, assim, que o ciúme não é “um sentimento universal, decorrência espontânea de exigências de exclusividade sobre aqueles a quem amamos; ao contrário, sua eclosão é pautada por ‘regras de relacionamento’, que o tornam legítimo e esperado em relações governadas por expectativas prescritas de reciprocidade e exclusividade” (Rezende & Coelho, 2010, locais do Kindle 95-97).

Como os estudos da Antropologia Cultural demonstram, as interpretações subjetivas permeadas pelos índices culturais repercutem na própria experiência sensorial e vivência

emocional. Ou seja, evidencia-se que existe uma inteligibilidade da emoção que desvela mecanismos conscientes e inconscientes, individuais e sociais. Le Breton (2019), explica que não é a natureza do homem que se exprime através delas [emoções], mas a situação e a existência social do sujeito. Elas se inscrevem sobre uma teia de significados e de atitudes que prescreve aos indivíduos tanto as formas de descrevê-las quanto as maneiras de exprimi-las fisicamente....As emoções são a matéria viva do fenômeno social, a base que orienta o estilo das relações nutridas pelos indivíduos, distribuindo os valores e as hierarquias que sustentam a afetividade. (p. 149)

Desse modo, entendemos que estudar um afeto envolve compreender experiências sensoriais individuais, tanto a nível consciente quanto inconsciente, mas inclui também pensar em termos de uma pedagogia dos afetos (Zanello, 2018). Ou seja, entender que existe uma lógica de configurações subjetivas e sociais em relação às emoções, a qual delimita *scripts* culturais sobre os meios de expressão de determinados sentimentos; sobre as possibilidades e aberturas culturais para tal expressão; e sobre as configurações históricas que podem proporcionar, de modo desigual, vivências emocionais para homens ou mulheres.

Como evidenciado nesta revisão, grande parte das teorias sobre ciúmes já aborda a experiência ciumenta em homens e mulheres, seja pautando suas diferenças, seja as negando. Contudo, acabam se limitando a padrões descritivos e não explicativos do fenômeno, sem problematizar concepções que podem essencializar e reificar as diferenças entre o sentir e o agir de homens e mulheres.

Portanto, considerar as relações de gênero enquanto produto e processo das emocionalidades, permite compreender como uma vivência gendrada dos afetos se insere nos processos de subjetivação e nos *scripts* culturais da conjugalidade (Zanello, 2018). Aponta-se, assim, que um olhar sob o prisma de gênero pode trazer contribuições importantes para a compreensão do ciúme nas diferentes leituras teóricas e epistemológicas no campo Psi. Esse

posicionamento se revela fundamental, especialmente, quando pensamos na realidade brasileira, ainda marcada por rígidos padrões e normas sexistas e alarmada pelos elevados índices de violências sofridas pelas mulheres (Waiselfisz, 2015) no âmbito de suas relações íntimas de afeto.

ARTIGO II

Enciumar(-se), experiência feminina? dilemas narcísicos sob a ótica interseccional de gênero

O termo ciúme, gramaticalmente, refere-se a um sentimento abstrato e, portanto, um substantivo incontável, o que indicaria sua grafia no singular. Contudo, é comum o uso do termo também no plural sob a justificativa de que haveria diferentes tipos de ciúme. Na perspectiva de estudiosos da língua portuguesa, é correto o uso do termo das duas formas, de modo a abarcar essa multiplicidade linguística e semântica. (L. C. A. Perez, n.d.)

A possibilidade de compreender o ciúme a partir de diferentes sentidos é uma das premissas deste estudo. Afinal, aponta-se que qualquer emoção se configura em meio a uma rede tecida entre significados subjetivos (conscientes e inconscientes) e simbolismos culturais, que ao serem traduzidos como experiências emocionais nas circunstâncias e singularidades de cada um acabam por revelar a história do sujeito e suas formas de compreender o mundo, de atuar e de se afetar pela realidade social (Le Breton, 2019).

O modo como as experiências emocionais se atrelam às gramáticas culturais influenciam o sentir, o nomear e o expressar dos afetos. A compreensão das emoções enquanto fenômenos sociais inscritos na cultura revela ainda que existem valores, discursos, práticas e hierarquias que sustentam parâmetros da afetividade e que funcionam a partir de lógicas sociais que legitimam ou reprovam características emocionais em contextos específico e/ou com determinados sujeitos ou coletividades (Le Breton, 2019; Rezende & Coelho, 2010).

Considerar a forma como os aspectos individuais e sociais se articulam nas vivências emocionais exige, assim, um conhecimento situado na cultura e no contexto sócio-histórico, o que significa, neste artigo, uma discussão a partir da realidade brasileira. Realidade esta marcada por profundas desigualdades sociais, raciais e de gênero, as quais, frequentemente,

tenta-se negar, deslegitimar ou invisibilizar. Isto é evidenciado por Chauí (2003), ao discutir o mito da não-violência do povo brasileiro, além de pesquisas que apontam a falácia do mito da democracia racial (Bicudo, 2010; Gonzales, 2019). Como aponta Saffioti (2011), racismo e sexismo são como ‘irmãos gêmeos” (p.124) interligados, estruturantes e imbricados nos processos sociais e subjetivos de nossa cultura.

Gênero e raça se apresentam, portanto, como construtos teóricos e ferramentas analíticas essenciais para as análises que são empreendidas neste artigo. A terminologia gênero envolve uma multiplicidade semântica e epistêmica, cuja historicidade retrata uma crítica às explicações essencialistas e puramente biológicas em torno das diferenças sexuais, da constituição da sexualidade e dos significados atribuídos ao feminino e ao masculino na sociedade (Küchemann et al., 2015; Scott, 2019; Zanello, 2018). De modo similar, raça também deve ser compreendida como uma construção social que não encontra validade ou legitimidade em qualquer critério biológico, mas que produz discursos, práticas e simbolizações que demarcam experiências diferenciadas entre aqueles/as que se identificam (ou são identificados/as) como brancos/as ou negros/as (Carneiro, 2005; Fanon, 2008; Kilomba, 2019; Schucman, 2018).

Logo, percebe-se que racismo e sexismo funcionam a partir de lógicas similares seja ao tentar construir um senso comum permeado ideologicamente por referências que se afirmariam como diferenças naturais ou biológicas (Kilomba, 2019); seja ao (re)produzir relações de poder que implicam sempre dimensões de privilégio e de opressão (Carneiro, 2005; Zanello, 2018). Deste modo, percebidas a partir da ótica de gênero e de raça, as ditas diferenças se estabelecem, na verdade, como desigualdades.

Nesta perspectiva, poder, saber e subjetividades se articulam produzindo, e ao mesmo tempo, sendo produto de, discursos, significados, práticas, instituições, valores culturais, sentidos subjetivos, concepções de mundo, parâmetros de humanidade, critérios da diferença

(Carneiro, 2005; Foucault, 1979; Zanello, 2018). Situar estes marcadores sociais em meio à lógica de funcionamento de poder permite uma compreensão hermenêutica de como se produz e se impacta subjetivações, revelando ainda uma emergência ética e política em romper com um percurso histórico que tenta silenciar ou deslegitimar as evidências de como o sexismo e o racismo perpassam o cotidiano e a sociabilidade.

Embora tais processos de (re)produção de desigualdades apresentem similaridades, há também multiplicidades e contradições que precisam ser reveladas e compreendidas (Lauretis, 2019; Saffioti, 2011). Pesquisas de intelectuais negras brasileiras destacaram-se pelo pioneirismo em demonstrar como estes fenômenos se articulam nas experiências subjetivas (Bicudo, 2010), especialmente na realidade das mulheres negras (Gonzales, 2019). Já mais recentemente o conceito de interseccionalidade foi proposto, nos estudos norte-americanos, como uma ferramenta analítica para abordar como as questões de gênero e raça se conectam (Crenshaw, 1994). Uma leitura interseccional de gênero, deste modo, possibilita identificar e nomear como se estrutura a “natureza interligada das opressões” (Collins, 2016, p. 108).

Evidencia-se que “em um sistema de poder patriarcal onde o privilégio de ter pele branca é uma espora importante, as armadilhas usadas para neutralizar mulheres negras e mulheres brancas não são as mesmas” (Lorde, 2019, p. 243). Ainda assim, estas diferenças não deveriam ser vistas como algo necessariamente ruim ou segregador, pelo contrário, não são elas “que separam as mulheres, mas nossa relutância em reconhecer essas diferenças e lidar de maneira eficaz com as distorções provocadas pelo fato de ignorarmos e interpretarmos de modo errado essas diferenças” (Lorde, 2019, p. 247).

Desse modo, entende-se que as experiências das mulheres são atravessadas por estes marcadores sociais (gênero e raça) que estruturam e perpassam suas interações e seus processos de subjetivação. Como explicado por Lauretis (2019), compreender a subjetividade enquanto múltipla e contraditória (ao invés de única e dividida) envolve pensar em um sujeito gendrado

(ou seja, marcado por uma especificidade de gênero) que se constitui ainda por meio de códigos linguísticos e representações culturais em suas relações de raça (portanto, racializado). A partir de uma releitura teórica foucaultiana, Lauretis (2019) concebe gênero enquanto uma tecnologia que é produto e processo de construções socioculturais, aparatos biomédicos, discursos científicos e diversas outras tecnologias sociais (como cinema, música, mídia) que têm o “poder de controlar o campo da significação social e assim produzir, promover e 'implantar' representações de gênero” (p. 142). Em um processo de interpelação essas representações são incorporadas e ressignificadas pela pessoa em seu processo de subjetivação, apresentando-se a dimensão de gênero tanto como representação quanto como autorrepresentação.

Nesta perspectiva, o presente estudo visa contribuir para uma compreensão de como as emocionalidades – especificamente, os ciúmes – se configuram e interpelam as mulheres de modos distintos a partir de tecnologias e performances gendradas e racializadas. Toma-se como premissa teórica que na cultura brasileira há uma forte pedagogia afetiva sobre o amor que atua como uma tecnologia de gênero, repercutindo a nível individual (ao interpelar performances às mulheres) e social (ao configurar scripts culturais em relação às emocionalidades). Algumas das características que se destacam no delineamento dessa pedagogia dos afetos são: a centralidade do parâmetros heteronormativos; a validação do matrimônio enquanto o contrato social legítimo; a expectativa de que as mulheres se dediquem e se comprometam com os homens por meio da monogamia e dos cuidados domésticos; e certa tolerância com a poligamia masculina e com o baixo investimento afetivo deles no relacionamento amoroso (Lagarde, 2001; Zanello, 2018)

Essas problematizações sobre as dimensões do amor na nossa cultura centram-se não em uma ideia metafísica ou abstrata do amar, mas em uma compreensão de como o amor tem sido entendido e vivido pelas mulheres como uma questão identitária revelando dilemas narcísicos nos processos de subjetivação e de escolha amorosa. Neste ponto, torna-se promissor

o diálogo com a Psicanálise, desde que entendida como uma etnoterapia que demanda meta-análises conectadas a dimensões culturais, sociais e históricas (Zanello, 2016).

Ao comparar como homens e mulheres procedem com as escolhas objetais (mesmo enfatizando que tais diferenças não são naturalmente universais), Freud (1914/2006c) identifica que as mulheres tendem a amar de modo narcisista, ou seja, “sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas” (Freud, 1914/2006c, p. 95). Essa dinâmica aponta para dilemas narcísicos que versam sobre sensações de incompletude e uma (perigosa) ilusão de que o objeto amoroso é aquele capaz de responder a uma plenitude de si. Como afirma Zanello (2018), as mulheres “se subjetivam de forma gendrada em uma carência a ser” (p. 90), evidenciando que o ser escolhida/amada é vivenciado por elas como uma interpelação narcísica e uma possibilidade de ser (e de se sentir legitimada) como pessoa e como mulher. Por isso, para as mulheres, estar ou não em um relacionamento amoroso pode ser sentido como sucesso/fracasso pessoal e ser experienciado como um questionamento identitário.

Essa percepção de ameaça psíquica associada ao status amoroso repercute nos processos de subjetivação e nos modos com que elas entendem e atuam na conjugalidade. Diversos estudos retratam o grande investimento afetivo/pulsional das mulheres na manutenção de seus relacionamentos amorosos, em que elas se apropriam de estratégias como: uma sobrecarga em práticas de cuidado com o outro associada a uma postura de silenciamento e renúncia de suas próprias demandas; uma intensa preocupação e busca por responder a determinado ideal estético; e uma tendência a se responsabilizar por suprir e garantir o bem-estar do outro e a continuidade da relação, mesmo se isso significar angústias ou violações da própria intimidade (Diniz & Pondaag, 2004; Lagarde, 2001; Wolf, 1992; Zanello, 2018). Além disso, outro

desdobramento importante é que as mulheres se subjetivam na relação umas com as outras por meio da rivalidade. Se trata-se de “ser escolhida”, quero ser o objeto mais

brilhante, mais reluzente, ou apagar o brilho alheio. A competição se faz aqui evidente. Ser escolhida é sempre um valor relacional, ou seja, produzido na comparação com outras mulheres disponíveis também nessa prateleira simbólica. (Zanello, 2018 p. 89)

A percepção dessa dinâmica serviu de base para que Zanello (2018) elaborasse a metáfora da “prateleira do amor” como representativa do funcionamento do dispositivo amoroso e lócus central para os processos de subjetivação das mulheres em nossa cultura. Desse modo, o *ser escolhida*, para elas, apresenta-se como basilar em suas experiências amorosas e, especialmente, em suas configurações identitárias. Quando o *ser desejada* se associa ao ser legitimada pelo outro como pessoa/mulher, entendemos que o subjetivar-se na prateleira do amor representa um lócus de vulnerabilização para as mulheres, uma vez que atribui-se aos homens o privilégio de escolha e de validação delas, ao mesmo tempo em que se estabelece um rígido ideal estético como parâmetro de valoração entre as mulheres.

Portanto, essa tendência narcísica das escolhas amorosas revela-se “desfavorável para o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual” (Freud, 1914/2006c, p. 95). Ou seja, a busca por ser escolhida nessa prateleira contribui para que as experiências afetivas e eróticas das mulheres sejam permeadas por processos de objetificação e de autoobjetificação sexual, a partir de uma promessa de que determinado ideal estético garantiria sucesso e reconhecimento enquanto sujeito (Zanello, 2018). Como explica Wolf (1992), “a sexualidade feminina é virada pelo avesso desde o nascimento, para que a ‘beleza’ assuma o seu lugar, mantendo os olhos das mulheres voltados para os seus próprios corpos, olhando de relance para cima, só para verificar a imagem refletida nos olhos dos homens” (p. 205).

Freud (1914/2006c) entende que uma determinada estética funcionaria como uma compensação para as restrições sociais vivenciadas pelas mulheres em suas experiências amorosas trazendo, para elas, uma espécie de autocontentamento. Se, por um lado, entende-se

que o ideal estético da prateleira do amor se apresenta como essa promessa de recompensa, por outro lado, é necessário problematizar o caráter nocivo dessa dinâmica no dispositivo amoroso para as mulheres. Em uma perspectiva histórica, é possível identificar como a questão da beleza se constitui em nossa sociedade como um atributo a ser perseguido e conquistado; uma valorização moral em torno da ideia de cuidado; uma premissa para o (auto)erotismo; e um critério essencial para a experiência amorosa (Zanello, 2018). Assim, a medida que o fator estético passa a ser entendido como basilar da própria identidade e dependente de uma validação externa e do olhar desejante do outro (Wolf, 1992), percebe-se que “longe de fornecer uma compensação narcísica, há uma agudização da frustração e da impotência” (Zanello, 2018, p. 88) frente a lógica de poder que configura o ideal estético.

Além do mais, como tal ideal se constrói a partir de dimensões sociais e culturais, indissociadas no Brasil de sua história (recente) colonial e escravagista, torna-se evidente o quanto a prateleira do amor funciona a partir de uma estrutura perversa e racista. Os parâmetros racistas dessa prateleira metafórica revelam-se tanto pelo ideal estético da brancura quanto pela hipersexualização dos corpos das negras. Políticas de embranquecimento da população foram estabelecidas no país a partir de discursos e práticas violentas que associavam estética a valores morais, de modo que traços fenotípicos atribuídos à negritude eram postos como feios, sujos, animalescos e primitivos, enquanto os atribuídos à branquitude eram caracterizados como belos, nobres, admiráveis (Braga, 2015).

Nessa perspectiva é que se produz também a imagem da “mulata brasileira”, em um discurso de pretenso enaltecimento da corporeidade negra (como sensual e sedutora), mas que representa, na verdade, mais uma forma de oprimir, discriminar e interditar o acesso à plena cidadania e dignidade (Gonzales, 2019). Essa hipersexualização decorre, assim, de um ideário racista que contribui para uma experiência de solidão da mulher negra (Pacheco, 2013), bem

como para uma vivência das emocionalidades que entende como uma boa estratégia subjetiva o reprimir sentimentos (Hooks, 2010).

Deste modo, pretende-se neste artigo identificar como experiências afetivas de ciúmes interpelam performances e configuram emocionalidades às mulheres no contexto conjugal heteroafetivo brasileiro. A premissa do dispositivo amoroso (Zanello, 2018) enquanto basilar aos processos de subjetivação das mulheres fundamenta este trabalho e orienta uma leitura interseccional de gênero e de raça. Trata-se, como objetivo principal, de compreender como as mulheres nomeiam, significam e lidam com o ciúme, seja ao identificarem-se como ciumentas, seja ao se perceberem objeto de ciúmes de um homem com o qual elas se relacionam (ou se relacionaram) amorosamente.

Método

Este estudo foi desenvolvido com metodologia qualitativa, a qual confere centralidade aos processos de compreender e de interpretar a realidade, tanto em sua dimensão singular, quanto histórica e coletiva (Minayo, 2012). Foi utilizada a técnica da entrevista narrativa, tendo em vista sua proposta de abertura para a fala e para a singularidade do sujeito. Compreender a narrativa, neste caso, abrange tanto a sequência cronológica dos fatos, quanto o modo como cada um delinea sentido e coerência às próprias histórias (Bauer & Gaskell, 2002), revelando, assim, certa proximidade com os construtos psicanalíticos de escuta às entrelinhas e aos não-ditos (Fontanella & Júnior, 2012; Rosa & Domingues, 2010).

No processo de preparação das entrevistas, as pesquisadoras definiram algumas temáticas a serem exploradas no estudo, especialmente: como identificava situações e sentimentos relacionados ao ciúme; como entendia as experiências de sentir e de receber ciúmes; e se percebia associação entre questões raciais e os modos como se relacionava amorosamente e/ou sentia ciúmes.

As entrevistas iniciavam-se com o convite para que a participante relatasse livremente sua(s) história(s) relacionada(s) ao ciúme. Durante a narrativa, evitava-se interrupções ou direcionamentos. A pesquisadora se manifestava de forma direta apenas após a entrevistada sinalizar a finalização de seu relato, sendo, neste momento, abordado as temáticas definidas previamente, buscando se aproximar da linguagem e da narrativa de cada participante (Bauer & Gaskell, 2002).

Os procedimentos de análise dos resultados envolveram transcrição integral de todas as entrevistas e análise de conteúdo (Bardin, 2011). Esta ferramenta hermenêutica busca compreender e revelar os sentidos que estão em um segundo plano tanto da fala quanto do contexto da mensagem. Procedeu-se com leitura flutuante do material transcrito; identificação das principais temáticas abordadas (visto que não se trabalhou com hipóteses *a priori*); leituras transversais e comparadas entre as análises empreendidas por cada um das pesquisadoras; e, por fim, definição das categorias de análise (Bardin, 2011).

As participantes da pesquisa foram mulheres que mantinham relacionamentos heteroafetivos e que identificavam o ciúme como um fator impactante em suas experiências amorosas, seja por sentirem muito ciúmes ou por serem afetadas pelo ciúme de um parceiro amoroso. Uma amostragem em bola de neve (Vinuto, 2016) foi utilizada para divulgar o convite para a pesquisa, acompanhado de um formulário online para preenchimento em caso de disponibilidade para a entrevista.

Uma definição intencional da amostra (Fontanella et al., 2008) priorizou estabelecer um grupo com diversidade étnico-racial e com demandas variadas em termos de sentir e/ou de receber ciúme. O fechamento da amostra ocorreu a partir do critério de saturação teórica (Fontanella & Júnior, 2012), identificado após a 10ª entrevista e confirmado com a delimitação a 12 mulheres entrevistadas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da UnB (Parecer nº 2.927.029) e os devidos cuidados com o acolhimento, sigilo e confidencialidade foram tomados tanto no momento de realização das entrevistas quanto nos procedimentos de registro das informações, transcrição dos áudios, análise e divulgação dos resultados. Todas as participantes concordaram com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receberam uma cópia do documento devidamente assinado.

Em relação ao perfil das participantes, a idade e a autodefinição ético-racial foram declaradas no formulário online de acesso a pesquisa, tendo 4 mulheres se identificado como brancas (Nise¹, 23 anos; Rose, 29; Cora, 52; e Nisia, 21); 4 como pardas (Patrícia, 20; Bertha, 34; Virgínia, 41; e Tereza, 42); 2 como negras (Lélia, 24; e Sueli, 36); 1 como não-branca (Conceição, 30); e 1 como preta (Elza, 26).

Resultados e Discussão

As categorias de análise serão apresentadas em 2 grupos distintos referentes a receber e a sentir ciúmes, dada a percepção de que as mulheres fizeram leituras diversas quando pensavam sobre tais experiências. Ressalta-se que, embora ao manifestarem interesse na pesquisa, as participantes tenham sinalizado qual dessas situações as impactava, durante as entrevistas tais diferenciações acabaram por diluir-se em suas narrativas, uma vez que todas elas trouxeram relatos de ambas as experiências.

Sobre o ciúme recebido

Ser a “escolhida”. A experiência de perceber o ciúme de um parceiro foi mencionada, frequentemente nas entrevistas, como sinônimo de receber o investimento afetivo/amoroso do

¹ Nome fictícios inspirados em importantes mulheres brasileiras, negras e brancas: Conceição Evaristo, Elza Soares, Virgínia Bicudo, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Tereza de Benguela, Nísia Floresta, Bertha Luz, Nise da Silveira, Rose Marie Muraro, Patrícia Galvão (Pagu), e Cora Coralina.

parceiro. No discurso de quase todas as participantes apareceu menções à ideia de que *se tá com ciúmes é porque gosta* (Sueli). Como justifica Lélia:

um ciúme que você consegue se sentir bonita, valorizada, né, você sente que a pessoa gosta de você a ponto de... até porque eu acho também que se você não se importar muito com nada, fica parecendo que você não faz questão daquilo ali, que não é tão importante assim, né?

Perceber-se objeto de ciúmes do outro aparece, neste ponto, como uma confirmação de que se é amada e, portanto - sob o prisma dos processos de subjetivação das mulheres (Zanello, 2018) – se é legitimada como pessoa e como mulher. Se o ciúme surge como a prova de que se é a escolhida, então ele apresenta interpelações narcísicas às mulheres, sendo, frequentemente, mencionadas por elas a partir de problematizações sobre autoestima. Tal conceito foi referido como uma boa imagem de si, especialmente em termos estéticos, sendo o termômetro dessa avaliação ser ou não amada, ou ser ou não escolhida por um homem. Muitas delas associavam um aumento de sua autoestima com receber ciúme do parceiro. Sob a ótica psicodinâmica das escolhas amorosas narcísicas, é compreensível certa associação entre autoestima e receber o investimento afetivo do outro (Freud, 1914/2006c).

Porém, é importante compreender que as questões de autoestima se estabelecem a partir de relações intra e intersubjetivas, em contextos históricos, sociais e culturais. Como já discutido, as tecnologias de gênero compõem pedagogias afetivas que demarcam uma centralidade da conjugalidade nos processos de subjetivação das mulheres, delineando scripts culturais que favorecem que elas se cobrem em “conquistar” ou manter um casamento (Wolf, 1992; Zanello, 2018). Em outras palavras, scripts que redimensionam para as mulheres o valor simbólico de ser (e manter-se) escolhida e para os homens concedem um espaço de privilégio do poder da escolha e da validação/valoração delas. Logo, ao vivenciarem essa dinâmica como ferramenta de validação de si através do outro, elas experienciam uma intensificação de suas

questões narcísicas, seja interpeladas por suas idealizações (sobre o que gostaria de ser aos olhos do outro), seja vulnerabilizadas frente ao poder que o outro tem sobre si, dado que a possibilidade de que o outro as (des)legitime pode impactá-las narcisicamente com questionamentos identitários (Zanello, 2018).

Identificou-se, porém, um paradoxo na relação entre ciúmes e autoestima. Se, em um primeiro momento, o ciúme do outro é recebido como uma *prova de amor*, quando manifesto em excesso ao ponto de lhes trazer sofrimento, este se torna uma “prova” de que o parceiro não confia nelas, ou de que elas próprias não seriam confiáveis (já que se atribui a eles a legitimação narcísica delas). Patrícia, por exemplo, ao relatar sobre o ciúme do namorado avalia: *eu me sentia um nada, já que a minha palavra não serve de nada e a pessoa não confia em mim*.

A narrativa de Tereza elucida essa questão ao mencionar um *momento específico que ele [o marido] demonstrou de uma forma muito intensa esse ciúme*. Embora ela nomeie como um *momento*, a situação vivida durou mais de 6 meses, em que o marido a acusava de adultério com um colega de trabalho a questionando, repetidamente, sobre detalhes de um episódio; insistia que ela mentia; a seguia e vigiava sua rotina; acessava seu celular e aplicativos de mensagem sem sua autorização; e a acusava, de modo quase delirante, de forjar histórias e tramar com outro homem contextos para enganá-lo. Tereza identificava como mesmo as lembranças desse período lhe traziam sofrimento, contudo, conclui sua narrativa dizendo que *o que mais me dói é a desconfiança de que ele possa pensar que eu possa fazer alguma coisa*. Ou seja, apesar dos constrangimentos e das angústias vividas, o que para Tereza representou mais sofrimento foi vivenciar as suspeitas do marido, entendendo-as como uma ameaça à sua própria honra e a sua valoração como pessoa/mulher.

Outra questão evidenciada nas narrativas diz respeito ao quanto os homens, raramente, nomeavam como ciúme as situações que elas identificavam como tal. Na história de Cora, ela percebe que mudou seu jeito de ser em razão das críticas do marido: *eu sempre fui uma pessoa*

super extrovertida, então eu brincava, ria, achava natural. Ele, por me ver dessa forma, quando me via me abrindo muito assim para homem e tudo, ele já ia e me chamava atenção. Seu parceiro alegava que tal postura era de cuidado com ela para que os outros homens não a interpretassem mal. Neste ponto, o controle se estendia até mesmo a familiares próximos – ele reclama até se eu ficar dando muita conversa para o meu genro. Ele fala que isso não é ciúme, mas eu acho que isso é ciúme sim, porque eu não posso conversar muito, sei lá, ou rir demais, ou alguma coisa assim.

A justificativa de um cuidado ou proteção da companheira corrobora com o discurso que romantiza o ciúme. Como reflete Nise:

eu via como um nível saudável de ciúmes. Não, não saudável, na verdade. Eu via como um nível normal, da sociedade normal, entendeu? Só que eu não conseguia argumentar, porque sempre era uma coisa...sempre era um ciúme romântico, entendeu? Sempre era essa coisa de “na verdade eu quero te proteger”. E aí, eu ficava meio sem recursos assim para argumentar, né?

Esse apelo romântico de ser a escolhida e a cuidada por ele surgiu também na narrativa de Virgínia. No início do relacionamento, o parceiro diariamente a presenteava com roupas novas, mas eram *vestidos totalmente fora dos padrões que eu to acostumada a usar, mais ou menos assim, ai eu achava “poxa, é presente! é bonito!”*, e ai eu comecei a usar, chegou o momento que o meu guarda-roupa, não me cabia mais nele, eu não existia nele. Virgínia percebeu, então, que as roupas que ganhava de presente eram estratégias dele para que ela não usasse mais as roupas que a agradavam, mas que *o deixavam com ciúme*. Ele também reclamava se ela dançasse em uma festa alegando que ela só dançava para seduzir outros homens e, aos poucos, ela foi parando de dançar, algo que, antes do relacionamento, era seu grande prazer.

Sob o discurso romantizado de ser “a escolhida” revela-se, assim, o quão vulnerável para as mulheres é a subjetivação por meio do dispositivo amoroso, sendo essa uma experiência relacional que conecta, de modo interseccional, questões de gênero e de raça. Como apontamos anteriormente, o racismo atravessa as dinâmicas amorosas, delimitando lugares de maior ou menor possibilidade de “ser escolhida” a depender de parâmetros racializados (Pacheco, 2013; Zanello, 2018).

A narrativa de Lélia evidenciou suas vivências advindas desses lugares hierarquizados e racializados da prateleira do amor:

eu acho que conta muito também, enquanto mulher negra, né?...dessa questão de que são as que menos namoram, são as que menos tem relacionamento sério, então acho que isso também interfere muito...de caras que você fica e aí falam "eu não quero nada sério" e aí aparecem, uma semana depois, namorando uma mulher branca, entendeu? E aí você gosta, fica afim, se apaixona e depois,, Isso é uma grande constante social na vida de qualquer pessoa negra, né...acho que isso geram cicatrizes né? que mudam a nossa percepção de como é nosso relacionamento.

Lélia percebe, desse modo, que esse histórico contribui para que ela se sinta insegura e fragilizada quando *consegue um namoro sério* e, assim, na tentativa de manter-se como “a escolhida”, por vezes, viveu dinâmicas abusivas em namoros - *eu não acredito que eu aceitei tantas coisas, né, que me foram impostas*. Pesquisas (Gonzales, 2019; Pacheco, 2013) evidenciam como a dimensão cor/raça regula as preferências afetivas de homens brancos e negros erotizando e hipersexualizando as mulheres negras enquanto atribuem às mulheres brancas o espaço do matrimônio e do comprometimento afetivo, correspondendo a uma concepção ainda “presente no imaginário social brasileiro e nas teorias do luso-tropicalismo freyreano de ‘a branca para casar, a mulata para f... e a preta para trabalhar’” (Pacheco, 2013, p. 277).

Ciúme “normal” x anormal. Apesar dessa romantização, ou mesmo em decorrência dela, um dilema se apresentou nas vivências de todas as entrevistadas: como identificar um possível limiar entre a ideia romantizada do ciúme e os sofrimentos vividos por elas em decorrência dessas experiências afetivas. A fala de Lélia ilustra essa problemática:

acredito, não sei se eu tô errada, posso estar errada, mas acredito que o ciúmes em certa medida é bom. Mas, isso que eu tô falando é só um senso comum, mas eu acho que você sentir ciúmes porque você gosta da pessoa, aí a pessoa precisa te respeitar e eu acho que isso quando tá nesse sentido eu acho que é bom assim, mas quando é um ciúmes que te poda, te exclui, te isola e te faz sofrer e aí não é bom, entendeu?

O nível de sofrimento sentido revelou-se como um possível critério classificatório utilizado, tendo a maioria delas estipulado nomenclaturas próprias para tais diferenciações: Patrícia fala em *ciúme x possessão*, Cora em *ciúme x ciúme possessivo*, Tereza em *ciúme natural x ciúme intenso*. Essa diversidade de nomenclaturas demonstram, em uma primeira análise, como as dimensões sociais e simbólicas compõem o sentir e o reconhecer as emocionalidades (Le Breton, 2019; Rezende & Coelho, 2010).

Além disso, os esforços por apreender quais seriam as características (a)normais do ciúme direcionado a elas revelam o quanto essa dinâmica psíquica opera a partir de mecanismos de racionalização desenvolvidos por elas na tentativa de amenizar ambivalências tanto da postura do parceiro, quanto dos seus próprios dilemas narcísicos. A racionalização funciona como uma tentativa de camuflar certos aspectos da realidade psíquica, de afastar o afeto presente e de apresentar (para si e para o outro) uma narrativa relativamente coerente (do ponto de vista lógico) e compreensível (do ponto de visto moral) (Laplanche & Pontalis, 2011).

Nas entrevistas, ficou evidente momentos em que as participantes insistiam no caráter *sútil* ou não prejudicial do ciúme direcionado a elas, ainda que seus relatos e afetos parecessem contradizer essa percepção. Inicialmente, Nise, ao comentar sobre o ciúme de um ex-namorado,

relata que *aconteciam coisas pequenas, coisas sutis em festas*, em seguida descreve as situações: *eu ia no banheiro e ele ia atrás, e ele sempre me segurava pela coisinha [cós] da calça, assim...Tipo, a gente ia andando e ele ia me segurando assim, e aí eu ficava tipo, não sei, me incomodava muito com isso...Me sentia um cachorro.*

Tereza, por sua vez, desenvolveu o hábito de sempre avisar ao marido quando fosse se levantar da mesa para ir ao banheiro, mas quando sua amiga presencia a cena há um certo estranhamento ao qual ela tenta justificar: *Eu levantei e falei: “tô indo no banheiro”. Aí ela [amiga] olhou para mim e falou: “Como assim você tem que avisar que quer ir no banheiro?” Sabe? Porque a relação dela é muito diferente. Então, se eu levantasse simplesmente e saísse, ele ia ficar meio assim: “Ué?” Então, eu tinha que dizer. Para mim, isso não é uma coisa que me incomoda, sinceramente, isso não me incomoda, para mim, é normal.* Nestes dois exemplos, é possível perceber tensões e angústias envolvidas nas situações, ao mesmo tempo em que há uma insistência em descrevê-las como banais ou inofensivas.

Ainda que a racionalização tenha uma nítida função defensiva, esse processo psíquico se aproxima mais de uma elaboração secundária do que de um mecanismo de defesa, já que não se dirige contra a satisfação pulsional mas atua, principalmente, disfarçando elementos de um conflito defensivo anterior (Laplanche & Pontalis, 2011). A racionalização sob a lógica do dispositivo amoroso funciona como uma forma de proteção narcísica, para salvar a ideia de que se é amada pelo outro.

Como apontado por Laplanche & Pontalis (2011), os processos de racionalização se respaldam (e são reforçados) pelos parâmetros culturais e discursos normalizados socialmente. O que demonstra que as tecnologias de gênero (Lauretis, 2019) constituídas sob a lógica da romantização do ciúme contribuem para que as mulheres racionalizem os impactos psíquicos associados a receber e/ou a sofrer com posturas ciumentas do cônjuge.

Importante pontuar o quanto os esforços para uma racionalização eram perpassados por angústias e, comumente, permearam-se em contextos relacionais abusivos. A própria percepção de que existiria um limiar tênue entre um sofrimento imputado pelo outro (*um ciúme que te poda, te exclui, te faz sofrer*) e um lugar de destino como mulher (ciúme necessário para *se sentir valorizada*) já representa em si uma violência (Saffioti, 1999).

Com os rígidos parâmetros sexistas e a ideia de um “destino de gênero traçado para as mulheres de sujeição aos homens” (Saffioti, 1999, p. 84), o próprio (re)conhecimento das violências torna-se um processo ambíguo, dado as desiguais relações de poder que circunscrevem dinâmicas cruéis nos relacionamentos afetivos em meio a esse aparente *continuum* entre direitos/privilégios dos homens e deveres/destino das mulheres (Guimarães & Pedroza, 2015; Saffioti, 1999).

Muitas participantes nomeavam o *ciúme em excesso* quando conseguiam identificar práticas (ou tentativas) de controle sobre sua vida e sua subjetividade. O relato de Lélia de que o namorado *me fazia não falar com nenhum amigo homem, inclusive bloquear os amigos homens que eu tinha no celular* revela de modo explícito essas práticas que, em grande medida, se configuram como situações de violência.

Ainda assim as ambiguidades em perceber ou racionalizar um limite (in)tolerável a determinados comportamentos ciumentos evidenciam a complexidade de tais experiências. Virgínia relatou as dificuldades vividas com o seu então companheiro quando decidiu realizar seu *sonho de fazer uma faculdade*, mas sua vida *foi virando aquele inferno*. Ela conta que depois de várias tentativas dele de convencê-la a não fazer o curso, ele então insistia para levá-la e busca-la na faculdade, rotina que se estendeu durante os cinco anos de curso: *quando dava o horário da aula, eu olhava assim na porta da sala, tinha uma janelinha, ele já estava lá olhando para ver com quem eu tava, o que eu tava fazendo e tudo. Ele entrava lá dentro de faculdade e ficava me curiando*.

Em sua narrativa, Virgínia percebia certo nível de controle dele, mas só nomeou como sofrimento e violência quando *ele começou a passar pra agressões verbais...piranha, vagabunda. Até então acho que ele nunca tinha ido para esse lado. Eu tinha muito medo porque ele era militar aposentado e ele tinha arma dentro de casa.* Ou seja, os esforços por racionalizar e encontrar explicações plausíveis para vivências abusivas em nome de uma aparente lógica romântica dificultam que situações de violência sejam identificadas e enfrentadas como tal.

Além disso, o fato do ciúme recebido ser comumente mencionado pelos respectivos cônjuges como cuidado e paixão constitui outro fator complicador nessa tarefa de diferenciar um ciúme (a)normal. Como abordado por Machado (1998) em seus estudos sobre violência conjugal, os parâmetros socialmente legitimados do comportamento masculino na conjugalidade correspondem a um funcionamento obsessivo, pautado em uma disposição e em uma demanda narcísica de se perceber como suprimindo/sendo tudo para o outro, adotando, assim, estratégias como “se apropriar de um objeto vivo para transformá-lo em objeto morto, e cuidar para que assim permaneça....pode igualmente enobrecer seu objeto de amor enfeinando-o, isto é, transformando-o em objeto cada vez mais indesejável” (Machado, 1998, p. 18).

Transformar o outro em um objeto morto e não desejante, revela, assim a tendência a um “narcisismo total e absoluto” (Lachaud, 2001, p. 126) das manifestações do ciúme. Por isso, Lachaud (2001) argumenta que essa valoração, como algo cotidiano e normal, pode mascarar e invisibilizar um nível intenso de sofrimento e aflição. O que se revela, inexoravelmente, nas vivências das mulheres enquanto objeto de ciúme do outro é que

o verdadeiro rival que eles [os ciumentos] combatem o tempo inteiro é o desejo, ou melhor, a autonomia do desejo, que tentam controlar. Por isso, o ataque a qualquer interesse do parceiro, a qualquer ideia ou gosto próprio, chegando a parecer sadismo o mau humor com o qual o ciumento percebe alguma alegria no parceiro e tenta boicotá-la. (Brasil, 2009, p. 18)

Autoresponsabilização delas e desresponsabilização deles. Uma última categoria identificada sobre a experiência de ser objeto de ciúme do outro refere-se a como as mulheres se percebem responsáveis pelo manejo desse ciúme sem esperar que o parceiro se responsabilize e lide com os seus próprios afetos. Pelas narrativas apresentadas, evidenciou-se que, para tal manejo, as principais estratégias adotadas foram as de se subjugar às exigências e às queixas apresentadas por eles.

Cora contou que, como o marido se incomodava e reclamava por ela gostar de conversar e rir perto de outras pessoas, ela foi se controlando para ser *menos expansiva e extrovertida*. Elza e Virgínia pararam de dançar por conta das queixas dos parceiros. Tereza e Lélia se afastaram de amigos homens e mudaram a forma de acessar suas redes sociais virtuais - *eu praticamente não acesso mais Facebook, tirei todo mundo, qualquer homem que ele não conhecesse, que não fosse parente e que não fosse alguém que, de repente, ele conhecesse muito* (Tereza).

Ainda que nas experiências relatadas, as mulheres, por vezes, questionassem seus companheiros e manifestassem desagrado com as exigências deles, percebe-se que, ao longo do relacionamento, elas cediam a essas reclamações, abdicando daquilo que causava incômodo a eles ou encontrando alternativas para não os chatear. Tereza evitava participar de almoços com colegas de trabalho que não tivessem sido marcados previamente. Se Sueli fosse almoçar com um amigo, ela dizia ao companheiro que mais pessoas também estariam presentes. Virgínia tentava, na faculdade, se aproximar e estudar apenas com colegas mais velhas - *até isso, eu escolhi minhas amizades com as mais senhoras, só com o pessoal mais assim da minha idade, porque ele achava que as outras eram putas. Então ele achava minhas amigas que eram solteiras, todas, nenhuma prestava, eram todas putas, vagabundas*.

Esses exemplos demonstram um elevado investimento afetivo/pulsional das mulheres no cuidar da relação e do parceiro, revelando uma rotina cotidiana e intensamente dedicada a

tentar evitar incômodos no parceiro. Nas entrevistas, porém, ficou evidente como elas próprias tinham pouca consciência desse desgaste emocional. Nise percebeu essa dinâmica apenas com o término do relacionamento:

antes eu sempre tava exausta, sempre tava desgastada, então eu sempre me enxerguei como uma pessoa meio velha, né? Assim, cansada e exausta. Só que desde eu terminei meu relacionamento, eu sou uma outra pessoa. Assim que tem muita energia, né? Eu não sei, aí eu pensei, eu acredito que foi dessa forma que o ciúmes me afetou, né? Ele me sufocava no sentido de eu não, não me expressar da forma que eu queria, sabe? Ao ponto de até mudar a forma que eu enxergava as coisas, sabe?

Essa subjugação ao outro é marcada, especialmente, pelo silenciamento das mulheres, o que envolve uma renúncia de si e uma anulação (ou retenção) de seus afetos e pensamentos com vistas a conseguir manter o bem-estar do parceiro e a harmonia na relação amorosa (Zanello, 2018). Diniz & Pondaag (2004) demonstram como esse silêncio reflete uma posição gendrada da mulher na sociedade apresentando-se como uma estratégia delas de sobrevivência e de enfrentamento perante situações de desigualdade de poder e de violência. Ou seja, silenciar-se é uma performance prescrita e reforçada às mulheres como uma tática para reduzir conflitos e não desagradar o parceiro, com a promessa de assim garantir-se no relacionamento e no lugar de mulher/esposa/pessoa valorizada (Zanello, 2018).

Este silenciamento impede, inclusive, que a temática dos ciúmes seja um ponto a ser conversado e compreendido entre os cônjuges, tanto que todas as participantes relataram pouco diálogo sobre o assunto. De todo modo, é importante destacar que quando marcadores de gênero e de raça se interseccionaram na experiência da conjugalidade, percebemos que novas dinâmicas se associavam ao silenciar-se.

Nise, Rose e Tereza entendiam, por exemplo, que um importante fator relacionado ao ciúme do parceiro era o fato de eles serem negros e se sentirem (ou terem sido) inferiorizados

por situações de racismo. Nise e Rose se identificavam como mulheres brancas, enquanto Tereza se declarava parda, embora o marido e seus familiares a considerassem branca. Embora demonstrassem refletir sobre racismo, elas não conseguiam abordar o assunto com o parceiro, principalmente, no tocante a possíveis impactos raciais nas subjetividades deles e nas dinâmicas conjugais estabelecidas. Esse silenciamento parece operar, então, junto com o paradoxo da negação, de certo modo comum nas dinâmicas das famílias inter-raciais: “uma defesa psíquica para evitar o contato com a dor e o sofrimento produzidos pelo racismo em relação a si próprio ou a um familiar querido, mas que na verdade o perpetua, ao deixá-lo intocado” (Schucman, 2018, p. 18).

Nesse sentido, abordar um assunto que poderia trazer desconforto ao outro, ou se posicionar de forma a não satisfazê-lo, retoma dilemas narcísicos da escolha amorosa e de seus impactos identitários. Frente a tais dilemas, as soluções encontradas/definidas pelas participantes sinalizam uma tentativa de se silenciar para se proteger como a “escolhida” e para não questionar o lugar daquele homem que as escolhe, pois se, por um lado, há um poder desigual que atribui a eles este privilégio, por outro, há que se considerar como as estruturas racistas interditam e inferiorizam esse acesso aos homens negros (Bicudo, 2010; Fanon, 2008). Por isso, estes silenciamentos revelam também as ambiguidades nas desiguais relações de poder no que tange questões raciais e de gênero.

Além disso, não só o manejo afetivo do ciúme operava a partir das ambivalências em torno da (auto/des)responsabilização, mas também as justificativas das mais variadas escolhas e ações do parceiro podiam ser ressignificadas como de responsabilidade delas, como ilustra o relato de Nise:

e eu sempre tive muito medo, assim, dele fazer merda, né? E aí sempre foi uma forma de me controlar também... e eu sempre me incomodei muito quando ele ficava aborrecido. Não gostava, né, de deixar ele aborrecido, então eu evitava, eu não saía,

não fazia as coisas. [quando questiono o que ela queria dizer com “fazer merda”, ela explica] ah, me trair. Assim, no impulso, assim, nessa birra, entende? Porque eu não me incomodava dele sair, eu achava tranquilo. O que me incomodava é ele sair emburrado comigo, sair chateado comigo, sair só porque tá com ciúmes e tá com essa birra por eu estar saindo, entendeu?

Ou seja, desta fala é possível apreender como ela se cobrava por cuidar e garantir o bem-estar dele, e caso ele se chateasse ou mesmo a traísse isso significaria tanto uma falha dela quanto uma impossibilidade de se queixar ou de sofrer, afinal ela *teria provocado* tal situação. Quando Virgínia se manifestava contrária às tentativas de controle do parceiro, sua família a criticava: *ninguém aceita o fato de eu achar que eu não tenho que ser submissa, meus cunhados falam que: “isso não existe! marido que não põe rédea em mulher”*. Tereza conta que sempre que ela precisa fazer viagens a trabalho, o seu marido *meio que dá uma desequilibrada*, e que após uma crise intensa de ciúme dele, uma amiga a aconselhou: *agora você sabe o que você tem que fazer. Você tem que fazer assim: Não inventa nada não. Não pega um cargo, não inventa de escrever projeto, não faz nada não! Fica bem quietinha, bem submissa.*

Nesse ponto, há de se destacar também como os discursos e práticas dos homens produzem (e também são produtos) destas dinâmicas. As narrativas sobre o ciúme recebido revelaram que é comum que os homens se refiram às possíveis situações de ciúme deles como uma mera reação às ações e às escolhas da parceira. Ou seja, eles também parecem se desresponsabilizar pelo manejo de seus afetos responsabilizando-as por provoca-los.

O marido de Virgínia ao se incomodar porque um homem tinha a assediado, a culpabiliza pela situação e pelo seu incômodo: *tá vendo, se você se desse o respeito, isso não teria acontecido. Porque você quer agir como uma vagabunda, porque vagabunda que veste um biquíni desse*. Já o namorado de Rose dizia que se sentia inseguro/ciumento quando ela usava o celular e então insistia para que eles ficassem juntos o tempo todo para que ela não

tivesse como usar o aparelho e ele, assim, sentisse menos ciúmes. Frente a estas queixas, caberia a elas então - na percepção deles e delas - abdicar destes comportamentos ditos provocativos para manter a harmonia da relação (Diniz & Pondaag, 2004; Zanello, 2018).

Sobre o ciúme que sentem

“Risco” de serem abandonadas. A narrativa de Conceição sobre suas experiências em sentir ciúmes explicita características fundamentais desta categoria de análise. Para ela, *quanto mais eu gosto da pessoa, mais ciúmes eu tenho*. Por se perceber uma pessoa muito ciumenta nos relacionamentos amorosos, mas também com familiares e amigas, ela avalia que *o ciúme está na minha vida desde sempre*. No atual relacionamento, ela diz que pensa o tempo todo sobre isso, imaginando que ele pode traí-la, que outras mulheres podem interessá-lo, que ela sofreria em uma separação ou em ser abandonada, mas ainda assim afirma que *só agora ele percebeu que eu sou um pouquinho mais ciumenta do que ele esperava, mas eu tento não demonstrar, 90% do meu ciúme fica só para mim, os outros 10 é o que eu falo, só quando alguma coisa começa a realmente incomodar muito*. O dilema que ela vivia no momento da entrevista é que, por razões profissionais, o marido faria diversas viagens a trabalho, e que nesse contexto ela disse a ele que ficava insegura com a situação, mas que entendia e apoiava a ida dele - *“olha, eu boto fé, acho que você tem que iré a sua oportunidade, vá”*.

Os seguintes aspectos se destacam na análise empreendida: (a) um discurso que naturaliza a ideia de que as experiências de gostar e de sentir ciúmes seriam indissociáveis; (b) um medo intenso de ser abandonada ou traída; (c) um investimento emocional elevado em disfarçar ou silenciar suas queixas em relação ao próprio ciúme sentido; e (d) uma percepção de que o ciúme seria um problema individual e caberia a ela exclusivamente o manejo desse sentimento.

O discurso da romantização do ciúme, presente nas categorias relacionadas ao ciúme recebido, se apresenta aqui também quando as participantes mencionam o próprio ciúme

(sentido): *ele está muito atrelado, sim, a quantidade de amor que eu sinto* (Conceição) ou *se eu não tenho ciúmes nenhum da pessoa, é porque aquela pessoa, para mim, não significa tanta coisa* (Lélia).

Apesar de uma aparente similaridade nessa romantização, aponta-se aspectos psicodinâmicos diferenciados para as experiências de sentir e receber ciúmes. Se as mulheres romantizaram o ciúme recebido em uma tentativa de afirmar-se como “a escolhida”, quando se trata do próprio ciúme, o que se revela é um esforço por manter-se nessa relação e um medo de não corresponder, plenamente, ao desejo do outro.

Contudo, ao mesmo tempo que se apresenta essa demanda de ser tudo para o outro, os dilemas do ciúme revelam em si mesmo tal impossibilidade. Como Rose pontua: *eu até falava para ele “eu não me sinto a menina dos olhos pra você”. E eu queria ser e eu sentia que eu não era*. E assim, o ciúme se torna, “pois, uma prova da perda. O próprio sujeito se perde, de resto, pois na identificação com o que ele acreditava ser o objeto do desejo do Outro, algo vacila de seu próprio ser” (Lachaud, 2001, p. 100).

O ciúme sentido por elas, desse modo, se relaciona com a demanda narcísica de garantir-se amada e com a percepção de que há um risco constante de que seus companheiros possam encontrar em outra mulher a plenitude/satisfação que elas próprias não teriam sido capazes de oferecer a eles. Por essa razão, os ciúmes delas são vivenciados intensamente como um *medo de ser abandonada, de perder o relacionamento, de ser traída ou de ser trocada*, como se esse afeto demonstrasse uma ameaça de perder seu lugar na prateleira do amor ou, mesmo denunciasse quão vulnerável, para elas, é a subjetivação por meio do dispositivo amoroso.

Apesar dos relatos de que tais medos seriam frequentes em seus cotidianos, de modo similar revelaram-se constantes os esforços pessoais para não manifestá-los para o parceiro. Nesse âmbito, surgiram justificativas como: evitar demonstrar *fraqueza* e assim ficar

vulnerável para que o parceiro a manipule (Patrícia); não parecer/ser *uma mulher chata* (Conceição e Cora); ou aparentar ser uma pessoa *segura de si* (Elza) mesmo quando percebiam que essa sensação de insegurança se associava a situações concretas de traição do parceiro.

Nessa perspectiva, foi comum as participantes entenderem seu ciúme como um problema individual, em relação ao qual se responsabilizavam em controlar e se culpabilizavam caso o parceiro percebesse ou se incomodasse com suas queixas ciumentas. Narrativas sobre baixa autoestima apareceram como uma explicação causal para os ciúmes sentidos, e até para justificar a traição do parceiro – *se a mulher não tem autoestima, aí fica com ciúme, aí o marido fica de saco cheio e às vezes você desencadeia mesmo alguma coisa que ele vai fazer, de tanto você pegar no pé dele, né?* (Cora).

Percebe-se, assim, que a dinâmica de autoresponsabilização inclui desde o ciúme sentido às possíveis repercussões desse afeto no relacionamento e nos comportamentos do parceiro. O que significou que, embora as mulheres associem o seu ciúme ao medo de ser traída, mesmo quando elas descobriam uma traição, a tendência foi que elas continuassem no relacionamento. Mecanismos de racionalização e de denegação (ele fez isso, *mas* eu o amo) participaram da configuração desse contexto subjetivo, como ilustra a fala de Cora:

nunca peguei nada dele, de vacilo, entendeu? Assim, claro que já houve uma traição. Já, mas dizendo ele que foi uma coisa rápida, sem muito envolvimento. Mas, assim, ele não deixa transparecer nada assim...Ele me passa confiança, sempre me passou confiança. Eu...o problema está em mim: eu ficava insegura, ficava totalmente insegura, começava a pensar besteira...

Quando Elza descobre uma traição do parceiro, ela também demonstra se culpabilizar pela ação dele: *sofri muito e eu perguntava para ele se tinha algum problema em mim, algum problema no nosso relacionamento, no beijo, no sexo sempre perguntei tudo, e ele falava que tava tudo bem.* Nestes casos, destacou-se como há uma tolerância das mulheres com as

infidelidades do parceiro, o que evidencia a lógica da poligamia consentida aos homens e demonstra como as gramáticas de gênero da nossa sociedade valoram de modos completamente opostos o comprometimento afetivo de homens e mulheres (Lagarde, 2001) . Estudos socioculturais apontam como os tabus referentes ao adultério e ao controle da sexualidade se associam com as experiências de sentir e manifestar ciúmes, especialmente se existe culturalmente um duplo padrão para as questões de gênero em que a infidelidade masculina é mais aceitável, enquanto a feminina é execrada (Clanton, 2007).

Além dessa racionalização em torno do adultério masculino, destacou-se o fato de que as mulheres avaliam que um comportamento inadequado do parceiro (como uma traição) repercutiria em uma valoração negativa delas, mas não necessariamente deles. Sueli ao comentar o quanto receia ser traída, conclui que: *a grande questão era ser feita de trouxa, ser passada pra trás....não vou ser mulher trouxa*. Ou seja, uma traição dele desvalorizaria ela. Essa sensação de serem inferiorizadas ou deslegitimadas por eles retorna, assim, à discussão anterior de que o dispositivo amoroso, enquanto processo de subjetivação central para as mulheres, atribui aos homens um lugar privilegiado de validar ou não a honra e as qualidades da mulher (Zanello, 2018).

Ciumenta: de insegura a louca?. As desigualdades de poder - até certo ponto implícitas nas dinâmicas da conjugalidade - se revelaram imbricadas nas experiências ciumentas das mulheres e foram explicitadas quando os níveis de sofrimento se intensificam e os processos de violência psicológica foram identificados. Neste ponto, uma dinâmica comumente observada nas narrativas foi a tentativa dos parceiros de desqualificar as mulheres quando estas mencionavam sobre ciúmes ou sobre suas desconfianças em relação a situações de infidelidade deles.

Mesmo em situações que as participantes descobriam um interesse ou um envolvimento extraconjugal do parceiro, eles insistiam no discurso de que elas seriam inseguras e frágeis pela

baixa autoestima. Neste ponto, é ilustrativa a fala de Elza: *eu chegava e conversava: “olha, eu to vendo isso de errado”, aí a pessoa sempre fala né “você tá louca!”*. A acusação de serem loucas, instáveis emocionalmente ou delirantes evidencia um padrão de manipulação emocional que corresponde ao fenômeno do *gaslighting* (Abramson, 2014), configurando um quadro de violências psicológicas.

Lélia, por exemplo, relatou que, em um episódio, ela viu no celular do namorado que ele havia trocado fotos de mulheres nuas com um amigo. Por considerar essa postura desleal, ela o questionou sobre isso e ele se posicionou dizendo:

"isso é coisa da sua cabeça, você tá ficando louca" aí ele ficava rindo de mim enquanto eu tava nervosa. Ele: "olha como é que você tá, olha o seu estado", entendeu? [...]
"nossa, socorro, olha que loucura, você é muito louca" e chegou um momento que eu duvidei da minha sanidade mental, entendeu? eu duvidei assim não só da minha sanidade mental, duvidei do que eu vi! Eu fiquei: “Será que eu vi mesmo ou será que não?”

O *gaslighting* é um termo utilizado para descrever dinâmicas de manipulação emocional, na qual o autor do *gaslighting* tenta (conscientemente ou não) induzir em alguém a sensação de que suas reações, percepções, memórias e/ou crenças não são apenas equivocadas, mas totalmente sem fundamento - paradigmaticamente, tão infundadas que qualificaria o outro como louco. Essa dinâmica é diferente de uma simples discordância, pois envolve um processo em que, por repetidas vezes, há um descrédito do outro, que não é reconhecido em seu lugar de interlocutor/sujeito e que objetiva que este não mais se reconheça como tal (Abramson, 2014).

O *gaslighting* pode ocorrer em diferentes contextos e se configurar em relações interpessoais independentemente dos padrões de gênero. Contudo, Abramson (2014) enfatiza que, na maior parte das vezes, os alvos do *gaslighting* são as mulheres e os perpetradores os

homens, o que coincide com dois fatores que contribuem para um efeito mais intenso dessa dinâmica: o âmbito de desigualdade de poder no qual o *gaslighting* ocorre e o grau de importância e afeto atribuído àquele que faz *gaslighting*.

Além disso, as normas sexistas dos scripts culturais apresentam-se como substrato e como produto das dinâmicas de *gaslighting*, uma vez que existe uma pedagogia afetiva que disserta sobre como os homens seriam confiantes e certos em suas atitudes e as mulheres, inseguras quanto às suas opiniões e frágeis psicologicamente (Abramson, 2014; Zanello, 2018).

Logo, tais normas são produzidas e reforçadas pelo *gaslighting* que visa minar e deslegitimar as experiências, as crenças e as percepções de uma outra pessoa, como se ela perdesse a si mesma – ainda que de modo parcial e temporário (Abramson, 2014). Sendo assim, à medida que tais dinâmicas são repetidas, invisibilizadas e naturalizadas produz-se um processo de sofrimento e de adoecimento psíquico. Situações como essa foram frequentes em um namoro de Lélia, que durou apenas 3 meses, mas lhe acarretou um intenso sofrimento psíquico:

então eu tinha surtos, assim, eu virei o estereótipo da mulher histérica do Freud, sabe? Eu tinha, completamente, surtos mesmo...porque ele me prendia, prendia que eu gritava - e não que adiantasse algo já que ele era surdo – mas eu ficava completamente desesperada, tinha crise de ansiedade, vomitava, teve dia que eu vomitei 8 vezes numa crise de ansiedade por causa dessas coisas.

Essa carga emocional intensa envolvida nos relacionamentos perpassados pelo ciúme revela assim o quanto o alto investimento psíquico por parte das mulheres na manutenção do relacionamento e na cobrança que fazem a si próprias para garanti-lo, configuram espaços de vulnerabilidades que se complexificam à medida que seus cônjuges passam a cometer violências contra elas. Além do mais, é importante pontuar que as três participantes da pesquisa (Elza, Lélia e Virgínia) que relataram situações de violências psicológicas e morais cometidas por companheiros são negras, evidenciando como as interseccionalidades de gênero e raça

configuram experiências de opressão às mulheres negras. No Brasil, elas são as principais vítimas da violência doméstica e de feminicídios (Waiselfisz, 2015).

Rivalidade feminina acirrada por dilemas raciais e estéticos. A terceira categoria identificada na experiência de sentir ciúmes refere-se a comparações com outras mulheres. Em todas as narrativas, constatou-se a lógica de uma rivalidade, seja concreta ou simbólica. Como rivalidade concreta, consideramos situações de sentir ciúmes de mulher(es) específica(s) com as quais elas temem que o parceiro estabeleça relacionamentos afetivo-sexuais e/ou com as quais o parceiro já tenha se relacionado. Já a rivalidade simbólica, apresentou-se a partir do sentir ciúme de mulheres que não compartilham de uma realidade factual com elas, como pessoas públicas de mídias televisivas, redes sociais ou revistas pornográficas.

A história de Elza elucidada a associação do seu ciúme com uma rivalidade concreta, pautada em quanto ela se percebia a preferida do amor do outro. Quando iniciou o relacionamento, o parceiro mantinha um relacionamento com outra mulher, mas ao formalizar o namoro ela afirma que: *eu não tinha ciúmes dela de jeito nenhum, né? Para mim, era coisa passada, se ele deixou de ficar com ela e escolheu namorar comigo, me pedir em namoro e tudo, então realmente ele não gostava dela, e passou a gostar de mim.* Quando descobriu que ele tinha a traído com essa outra mulher, direcionou sua decepção mais a ela do que a ele:

pelo fato de a gente mulher, a gente tem que se unir e não destruir uma à outra. Eu fiquei assim mesmo com ela. Nossa! A gente fez o curso juntas... Ela mesmo viu o tanto que ele fez mal a ela trocando ela por mim. Por que ela quer isso pra ela de novo? Entendeu?

Logo, em um primeiro momento Elza se compara com essa outra mulher como uma forma de valorar a si própria a partir da escolha do parceiro em namorá-la. Porém, quando descobre a traição e se depara com a ideia de ser preterida por ele, ela entende tal circunstância como um indício de falha dela: *chorei muito, me senti muito mal, porque? porque eu sempre*

perguntava para ele se tinha algum problema em mim [...] querendo ou não a gente coloca a culpa em si, a gente fala “que que eu fiz para não ter dado certo?”.

Em relação à rivalidade simbólica, algumas entrevistadas relataram sentir ciúmes do parceiro se ele admirava alguma atriz ou gostava de ver revistas com nudez feminina. Neste ponto, o relato de Rose se destacou ao contar que até no momento de assistir um filme com o namorado ela escolhia um em que não atuassem atrizes muito bonitas para evitar enciumar-se: *eu ficava bem triste, não me sentia suficiente. E se a pessoa ela vai assistir, ou vai olhar um Instagram ou vai abrir uma notícia aleatória, ela não necessariamente tá me dizendo que eu sou horrível, mas eu lia desse jeito, sabe? era bem terrível pra mim mesma.*

Embora a primeira dimensão dessa rivalidade se associe mais diretamente com o receio por uma infidelidade do parceiro; e a segunda sinalize um medo de ser inferiorizada quando comparada a outras mulheres, as duas dinâmicas revelam uma mesma premissa norteadora: um questionamento narcísico gendrado. A dimensão narcísica se revela tanto pela constatação (ou pelo receio) de não estar na posição daquela que representa “tudo” para o outro, quanto pelo impacto identitário sentido na frustração desse ideal. A fala de Conceição ilustra tais dilemas: *o meu medo é de confirmar que eu não sou tudo aquilo que eu quero ser.* Uma leitura gendrada dos processos narcísicos, contudo, explicita o que na experiência das mulheres significaria este desejo do *todo*: ser a escolhida e a que supre a *tudo* que o outro deseja.

Neste ponto, o rivalizar-se com outras mulheres se apresenta como uma tentativa de proteger a legitimidade advinda do *ser escolhida*, ao mesmo tempo que evita entrar em contato com tais dilemas. Se a demanda ciumenta revela, por um lado, uma reivindicação narcísica por ser o tudo para o outro, quando esta impossibilidade se evidencia a rivalidade parece disfarçar essa falha: “eu não possuo todo o objeto do amor (ou todo o amor do objeto amado) não porque isso seja impossível, mas porque alguém me rouba” (Brasil, 2009).

Além disso, considerando que na nossa cultura as mulheres são subjetivadas a partir do dispositivo amoroso, tem-se que o principal parâmetro presente nas lógicas da rivalidade relaciona-se ao ideal estético (Zanello, 2018). Ou seja, a beleza como o principal fator a ser considerado na comparação e na valoração das mulheres no que seria uma disputa por ser escolhida/amada. E este ideal na sociedade brasileira, como apontado anteriormente, é, sobretudo, branco e jovem.

Interessante notar que, para as entrevistadas de cor preta e parda, o caráter racial desses padrões estéticos é muito evidente, enquanto que as entrevistadas brancas demonstraram pouca percepção em relação a tais dinâmicas. Embora essas diferenças possam parecer paradoxais, na verdade, elas apenas explicitam o que os estudos sobre a branquitude têm revelado: que as pessoas brancas não pensam sobre sua condição racial, colocando-se como parte do grupo de referência de um universal-humano, e, em consequência disso, ou se silenciam (quando possível) sobre o assunto racial, ou revelam (quando questionadas) uma percepção da raça não como diferença, mas como desigualdade/hierarquia (Bento, 2002). Ou seja, há uma lógica ambígua de ocultamento e negação do racismo mantida por uma cumplicidade narcísica no discurso da branquitude, em que evita-se possíveis desconfortos ou questionamentos em abordar o quanto os próprios privilégios brancos decorrem, produzem e mantêm as estruturas racistas (Bento, 2002; Kilomba, 2019; Schucman, 2014).

Considerando o caráter silenciado(r) do racismo brasileiro, optamos por perguntar nas entrevistas se a participantes consideravam que questões raciais se associavam, de algum modo, com os ciúmes ou com a forma com que se relacionavam amorosamente. A tal questionamento, as mulheres brancas percebiam possíveis associações apenas quando o parceiro não era branco, demonstrando o caráter relacional das identidades/identificações raciais (Schucman, 2018). Já no caso das entrevistadas negras, identificou-se que, independente da cor/raça do parceiro, elas demonstravam já terem refletido sobre o assunto em outros

contextos. Ainda assim destaca-se que a temática da racialidade praticamente não apareceu de forma explícita e espontânea nas narrativas, mas a partir do momento em que se construiu uma abertura a esse diálogo, diversas reflexões emergiram nas entrevistas.

As narrativas das mulheres negras demonstram as angústias do lugar de opressão interseccional vivida, revelando como as lógicas racistas impactam, de modos diversos, seus processos de subjetivação e de afetividade. Ora por se compararem e se perceberem em desvantagem: *parece que eu tô numa grande competição com todas as mulheres do mundo e nessa grande competição enquanto mulher negra eu tô perdendo, entendeu? a todo momento essa é a sensação que eu tenho* (Lélia). Ora por serem julgadas/cobradas a se tornarem uma (boa) representante de seu contexto racial, como ilustrado na narrativa de Sueli e explicado por Kilomba (2019): “um status de representar a negritude anuncia o racismo: ela tem de representar aqueles/as que não estão lá, e pessoas negras não estão lá por que seu acesso às estruturas é negado. Um círculo duplo, de inclusão e exclusão” (p. 173):

Tem uma questão de ser negra e ser de uma classe média, então a gente não tinha contextos em que tinha outros negros. Então minha mãe sempre falava “Olha, se comporte que nós somos os únicos negros aqui.”. Ou então, eu tinha uma visão que eu tinha que fazer a mais para me destacar, né? Então tem muito dessa competição dentro de mim assim. Então eu tinha que ser a melhor aluna ou a melhor filha, né?... Só que eu sofria com isso, tinha um custo, né? Eu tinha dores de estômago todo final de semestre; eu tinha que me destacar em qualquer ambiente. Então acho que essa competição dá uma sensação de que “Eu tenho que tá atenta. Eu tô na frente, e tem alguém atrás, tá vindo, não posso ser passada para trás”, sabe? [...] Então isso aparece nos ciúmes também, um pavor de ser passada pra trás (Sueli)

Neste ponto, destaca-se como a experiência de rivalizar-se com outras mulheres (na tentativa de afirmar-se como a preferida/especial) está associada com a de sentir-se

constantemente ameaçada pelo risco de ser deslegitimada pelo outro; mas, sobretudo, como o racismo atravessa tais processos. Por isso, é fundamental compreender como os discursos e práticas raciais impactam nas emocionalidades e performances, desde a lógica do silenciamento às configurações de disputa ou competição.

Além dos critérios raciais, a questão geracional também se fez presente nos discursos das mulheres sobre os ciúmes que sentiam e sobre como se comparavam com outras mulheres. O incômodo com a ideia de envelhecer e o medo de que o parceiro se interessasse por mulheres mais jovens esteve presente tanto nas falas de uma entrevistada de 29 anos quanto de 52. Deste modo, evidencia-se que mesmo um lugar “privilegiado” da prateleira do amor revela uma armadilha já que “1) processos normais do desenvolvimento fazem com que a manutenção desse lugar seja sempre efêmera e provisória (por exemplo, o envelhecimento e ganho de peso); 2) sempre haverá a possibilidade de novos ‘produtos’/mulheres que se encaixem melhor nesse ideal” (Zanello, 2018, p.84).

Por fim, essa vivência da comparação e da busca por corresponder a determinado ideal estético tem sido potencialmente intensificada em razão da cultura contemporânea das redes sociais virtuais e do culto à imagem e a padrões de beleza inatingíveis e insustentáveis. Não foi coincidência, portanto, que as experiências ciumentas tenham sido comumente associadas a conflitos que se deram em torno da virtualidade ou a partir das dimensões virtuais dos relacionamentos. Logo, surgiram com frequências relatos de controlar o celular do parceiro (ou ter seu celular acessado por ele, com ou sem sua anuência); verificar com quem conversava nas redes sociais; fiscalizar que tipo de perfil/assunto atraía o outro na internet.

Rose admitiu *monitorar facebook, twitter e instagram* do namorado e ter tido o hábito de cancelar nos aplicativos dele, caso ele estivesse *seguindo mulheres bonitas*. Porém, posteriormente, ela reflete que

eu tinha muito ciúmes de uma amiga dele, que hoje eu vejo que eu que achava ela linda e eu tinha mais obsessão por ela do que ele. Eu olhava o instagram dela o tempo inteiro, era uma coisa meio doente assim....eu ficava com raiva dela se ela postasse uma foto de biquíni, sacou? e tipo, eu pensei, meu deus, aí foi aí que eu comecei a falar "eu to virando uma pessoa que eu não quero ser....meu deus eu tô me transformando em uma pessoa horrível, uma pessoa misógina que odeia mulheres.

Esse relato demonstra que o lugar e o significado que a pessoa ciumenta atribui para seu dito rival representa suas próprias idealizações e denuncia suas frustrações em não atingi-las (Freud, 1922/2016; Lachaud, 2001), mas que estes processos narcísicos precisam ser lidos a partir de uma ótica de gênero (Zanello, 2016, 2018). Como destaca Brasil (2009), “o rival amado constitui-se, via identificação, em esteio narcísico contra a fragilidade das posições sexuadas, masculina ou feminina. Os rivais são idealizados, portadores imaginários ou da potência masculina ou do segredo da feminilidade e da sedução” (p. 15).

Interessante destacar ainda que Rose manifestou uma posição de disputa com outras mulheres, mas, ao mesmo tempo, falou de um esforço para questionar e não reforçar a lógica da rivalidade feminina. Essa problemática também apareceu na narrativa de Patrícia quando fala sobre avaliar se uma pessoa está mesmo *demonstrando alguma ameaça*, e, em seguida, parece recuar em sua análise:

esse termo ameaça, às vezes, me deixa um pouco incomodada, até porque, assim, a gente não vive mais no tempo da idade média, da pré-história em que, enfim, a gente tem que ficar lutando por homem, até porque é só uma pessoa, entende? Então, assim, querendo ou não a gente vive em uma sociedade patriarcal de uma maneira, assim, muito acentuada, então, a rivalidade feminina sempre foi uma coisa que acontece desde que a gente é criada, desde criança basicamente, a gente sempre é incentivada a

competir com outras mulheres, assim por um homem que nem é lá, assim, essas coisas, sabe?

Estas reflexões vão ao encontro do que Zanello (2018) discute sobre como os homens lucram com o dispositivo amoroso seja recebendo o cuidado e o investimento afetivo de suas parceiras, seja ocupando o lugar de avaliar o valor das mulheres (em termos de estética e de performance) instigando comparações e julgamentos. Por isso, destaca a autora que:

a maioria dos homens acredita narcisicamente nesse suposto valor do desespero das mulheres por eles; mas, de um ponto de vista psicodinâmico, a origem desse investimento é outra: por ser identitário, trata-se de algo narcísico. A ‘disputa’ entre elas não é por ele, mas pelo reconhecimento (‘ser escolhida’) que dele pode advir (Zanello, 2018, p. 89).

Considerações Finais

Esta pesquisa se propôs a compreender como o ciúme se configura e é resignificado na experiência de mulheres em relacionamentos heteroafetivos abarcando as dimensões do sentir e do receber esse afeto. Evidenciou-se o quanto as experiências ciumentas são lidas de formas diversas a partir de como os sujeitos se posicionam e são posicionados como mulheres ou homens. Nesse sentido, a forma como as participantes referiam-se ao próprio ciúme foi significativamente diferente de como entendiam tal sentimento nos homens. Além disso, as narrativas das mulheres negras demonstraram como suas vivências afetivas e, conseqüentemente, suas subjetividades são atravessadas por práticas racistas. Por isso, destacamos como as emocionalidades precisam ser lidas sob uma ótica de gênero, de raça e de suas respectivas interseccionalidades.

Nessa perspectiva, o conceito de dispositivo amoroso (Zanello, 2018) revelou-se fundamental na análises empreendidas de como os ciúmes se configuram em suas experiências

amorosas. A partir da metáfora da prateleira do amor, entende-se que o ser desejada e escolhida para um relacionamento amoroso é vivenciado por elas como uma conquista pessoal, que as interpela identitariamente revelando dilemas narcísicos sobre o ser mulher e o sentir-se legitimada enquanto pessoa/sujeito/mulher. Como demonstrado neste estudo, há a percepção do ciúme de um parceiro amoroso como um indício da escolha e da preferência deles por elas, o que contribui para que elas romantizem o ciúme recebido; tentem racionalizar e minimizar o próprio sofrimento quando identificam um excesso ciumento no outro; e se autoresponsabilizem por cuidar e evitar incômodos do parceiro, em geral, se silenciando e se sujeitando às exigências dele a fim de manter o relacionamento. Se o ciúme deles foi visto como uma possibilidade de garantia de seu lugar como escolhida, o ciúme sentido por elas se apresentou como uma ameaça a tal lugar, uma vez que revelam o risco de serem abandonadas e perderem o relacionamento; o medo de serem desqualificadas ao serem tratadas como inseguras ou loucas; e o acirramento da disputa com outras mulheres por um (bom) lugar na prateleira do amor.

Estas dimensões subjetivas apresentadas precisam ser compreendidas de modo contextualizado a questões sociais, culturais e relacionais, dado que o dispositivo amoroso se configura enquanto processo e produto de uma rede de significações e de elementos diversos (Zanello, 2018). Neste ponto, podemos destacar o quanto os discursos masculinos e outras tecnologias de gênero (como músicas, filmes, etc.) reforçam a ideia de que o controle e a subjugação dos corpos e das subjetividades das mulheres seriam formas de cuidado e de proteção para elas. Além do mais, é possível perceber que o receio das mulheres de serem valorada negativamente esteve associado com práticas de *gaslighting* cometidas por parceiros que se utilizavam de estratégias de manipulação emocional para ridicularizá-las e responsabilizá-las por conflitos sobre ciúme.

Destaca-se, assim, o quanto as experiências ciumentas e suas configurações nas relações heteroafetivas evidenciam relações de poder, enredadas entre posições de privilégios concedidos aos homens e de vulnerabilizações atribuídas às mulheres. Afinal, nessa pedagogia afetiva caberia a eles o poder de escolha e de legitimação delas, enquanto elas cuidariam do bem estar do outro e da harmonia conjugal, a fim de garantir-se como a preferida por eles, sob o risco de que um preterimento afetivo signifique uma deslegitimação de si como pessoa/sujeito/mulher.

Essa dinâmica entre ser preferida ou preterida apareceu mesmo em narrativas de mulheres que não mantinham relacionamentos monogâmicos e, por isso, não percebiam como problema ou temor a ideia de relacionamentos extraconjugais. Nísia, por exemplo, vivia um relacionamento poliamoroso, mas vivenciou muito ciúme quando um dos seus namorados pareceu privilegiar uma amiga em detrimento dela: *ela fica sentada no banco da frente, usando a jaqueta do meu namorado?*. Esta situação revela duas questões fundamentais a serem salientadas: a compreensão de que os dilemas de ciúme extrapolam questões de infidelidade; e a percepção de que a flexibilização de padrões de monogamia e de conjugalidade não necessariamente cessam angústias e conflitos decorrentes dos ciúmes.

Ainda assim aponta-se a importância de que novos estudos sejam desenvolvidos de modo a compreender como as emocionalidades, incluindo os ciúmes, são vivenciadas em relacionamentos pautados por diferentes acordos afetivos, como relacionamentos abertos ou poliamorosos (Pilão & Goldenberg, 2012). Ademais, é importante ressaltar que esta pesquisa focalizou a experiência de mulheres cis em relacionamentos heteroafetivos, não explorando, portanto, como questões relacionadas às diversidades sexuais e de gênero podem se interseccionar nas experiências ciumentas. Sugere-se que estudos posteriores discutam tais temáticas.

Por fim, é relevante mencionar que essa análise gendrada das emocionalidades pressupõe um jogo duplo em relação ao próprio construto de gênero, pois ao mesmo tempo que partimos do pressuposto de que seu uso é imprescindível, também reconhecemos sua insuficiência ontológica em afirmar ou garantir algo próprio da categoria de mulheres ou homens (Butler, 2019). Nos apropriamos, contudo, de certa lógica binária ao discutir sobre as experiências de homens e mulheres, e sobre as relações estabelecidas entre eles, por reconhecer que os processos de subjetivação de nossa cultura historicamente situada privilegia determinadas performances e scripts a partir de construções gendradas e racializadas dos corpos, enquanto homens ou mulheres, brancos/as ou negros/as. Deste modo, foi estabelecido uma análise norteada por um binarismo estratégico a fim de favorecer uma genealogia reflexiva a partir do gênero (Butler, 2019; Zanello, 2018).

Logo, não se pretendeu neste trabalho produzir essencializações de características designadas como femininas ou reificações sobre sentidos e significados dos ciúmes. Nesse sentido, a busca por estabelecer um diálogo entre os Estudos de Gênero e de Raça com a Psicanálise se fundamenta à medida que reconhecemos as dimensões psíquicas e inconscientes das subjetividades e buscamos incorporar o âmbito dos desejos nas configurações subjetivas, sociais e culturais (Butler, 2012; Gonzales, 2019; Zanello, 2016, 2018). Conclui-se, portanto, que as emocionalidades emergem frente a scripts culturais e se configuram a partir do modo como as relações afetivas são construídas e valoradas pelos sujeitos, em um jogo de forças em que o ciúme se faz presente denunciando (e prenunciando) dilemas narcísicos gendrados e racializados.

ARTIGO III

Os ciúmes e os anseios de (im)potência masculina: leitura psicodinâmica sob uma ótica de gênero

As tradicionais histórias sobre ciúme na cultura ocidental têm um ponto em comum em seus enredos: os ciumentos são homens. Da história bíblica de Caim, do clássico shakespeariano Otelo até o conflito machadiano entre Bentinho, Capitu e Escobar. Inclusive, o paralelo entre a obra de Shakespeare e de Machado Assis é mencionado pelos críticos literários, mas também pelo próprio narrador de Dom Casmurro: Santiago refere a si mesmo como Otelo, embora enfatize uma diferença fundamental entre as histórias, visto que entende que sua Desdêmona (no caso, Capitu) seria culpada (Assis, 2020; Caldwell, 2008).

Dom Casmurro seria, afinal, a história sobre a desilusão amorosa de Bentinho decorrente da traição de sua amada Capitu ou sobre seu ciúme excessivo operando uma lógica quase delirante que convence (o narrador e seus leitores) da infidelidade da esposa? Se hoje esse debate pode ecoar nas análises literárias é em razão da postura crítica e investigativa de Caldwell (2008) que em 1960 se propôs a refletir sobre tal veredito após a constatação de que “praticamente três gerações – pelo menos de críticos – julgaram Capitu culpada” e pouco exploraram o comportamento ciumento de Bentinho (p.100).

Dessa problematização, evidencia-se o quanto tradicionalmente há uma forte associação entre ciúme masculino e sofrimento amoroso em enredos marcadamente trágicos. Se já na década de 40, o psicanalista francês Daniel Lagache analisava que os homens eram os que mais matavam e se suicidavam em contextos ciumentos; atualmente os elevados números de feminicídios no Brasil corroboram essa análise ao evidenciar o quanto o comportamento ciumento masculino está presente em situações de violências cometidas contra mulheres (Ávila

et al., 2020; Fernandes et al., 2018) sob o polêmico argumento de crime passional ou sob a lógica de uma violenta emoção (Arreguy, 2011).

É possível – e urgente – questionar que premissas sustentam tais dinâmicas, afinal se enciumar-se não é uma experiência unicamente masculina, porque os desfechos ciumentosos trágicos são preponderantemente protagonizados por homens? A experiência ciumenta, afinal, ocorre de modo diferenciado em homens e mulheres? Ou, como questionado em estudo anterior: “existiria alguma particularidade nos homens, ou nesse lugar, para que se sentissem tão afetados pela relação com o outro, produzindo um ciúme tão agressivo para si e para os outros?” (Reis, 2015, p. 43).

Para a Psicanálise, o ciúme precisa ser compreendido enquanto uma questão de economia libidinal e não de estruturação psíquica. Como explica Freud (1922/2006), esse afeto “não é de forma alguma racional, isto é, oriundo de vínculos atuais, proporcionais às efetivas circunstâncias e inteiramente dominado pelo Ego consciente, pois ele está profundamente arraigado no inconsciente” (p. 193).

A discussão psicanalítica sobre ciúme está essencialmente vinculada às dinâmicas narcísicas que envolvem tanto a percepção de si enquanto sujeito faltante e limitado, quanto o desejo direcionado ao outro que move-se a partir dessa falta, mas busca caminhos para negá-la ou suplantá-la (Brasil, 2009; Lachaud, 2001; Quinet, 2009). Ao aproximar esse afeto da angústia, tem-se que “o ciúme é, portanto, o outro lado do desejo – é o sinal da incompletude do sujeito” (Quinet, 2009, p. 135). Deste modo, entende-se que

o ciúme é uma das primeiras formas de simbolização do desamparo. O ciumento diz claramente: Não ame ninguém para além de mim; sem seu amor, eu morro — desamparo invertido e transformado num insaciável desejo de onipotência, onipresença e onisciência. O ciumento quer tudo do objeto, quer ser o único a produzir alegria no

objeto de amor, quer saber de tudo dele, quer estar presente o tempo todo. Numa palavra, quer ter poder total sobre seu alvo amado. (Belo, 2015, P. 66)

Se a demanda ciumenta de requerer um lugar único e majestoso para o outro pode ser lida enquanto uma reivindicação narcísica (Brasil, 2009), a frustração dessa idealização (de si, do outro e da própria concepção amorosa) desencadeia um processo de luto narcísico (Lachaud, 2001) ao fazer emergir questões relacionadas à castração e à indubitável impossibilidade de suplência total do sujeito (para si mesmo e para o outro). Neste ponto, a compreensão psicanalítica diferencia as direções tomadas por homens e mulheres em relação ao complexo de Édipo, ao de castração e, conseqüentemente, à relação fálica de perceber-se - mais ou menos - faltante ou potente (Freud, 1914/2006c, 1924/2019b). A feminilidade seria, então, associada à falta, enquanto o masculino se aproximaria da lógica da Lei e do poder.

Seria problemático, contudo, “considerar a construção do feminino e do masculino como eternizados, ‘a-priori’ universais e a-historicizados. São construções de categorias quase míticas porque fundantes, porque constituem o “impensado” das diferenças de gênero” (Machado, 1998, p. 18). Logo, defende-se a importância de compreender as resoluções subjetivas para a angústia de castração circunscritas às dimensões culturais e históricas que atravessam os processos de subjetivação. Afinal, como destaca Zanello (2018), em culturas sexistas o tornar-se pessoa/sujeito está indissociado das performances e dos scripts culturais que conformam o tornar-se homem ou mulher. Nessa perspectiva, o que se propõe é uma leitura gendrada tanto do conceito de narcisismo quanto de masculino.

Uma premissa básica no debate sobre masculinidade é que esta não é mero reflexo de uma essência mítica ou inata, nem manifestação de uma natureza biológica, mas é um construto social, histórico e simbólico que demarca definições sobre masculino e sobre relações de gênero (Colling & Tedeschi, 2019; Connell & Messerschmidt, 2013; Kimmel, 1998; Zanello,

2018). Entende-se que, embora seja evidente uma pluralidade de masculinidades, estas se organizam de modo hierárquico entre si e em relação às mulheres.

Do conceito de masculinidade hegemônica, apreende-se que há um padrão de atitudes, valores e ideais em relação aos quais os sujeitos buscam/precisam se posicionar para serem (re)conhecidos enquanto homens (Connell & Messerschmidt, 2013). Estas configurações de práticas sociais a respeito do masculino estão enredadas em relações de poder que instituem lógicas normativas e ideológicas sobre o tornar-se homem, mas sobretudo, sobre um tornar-se homem honrado, legitimado e valorado positivamente.

Uma análise histórica da cultura ocidental permite identificar como há uma socialização dos homens voltada para o exercício do poder (Saffioti, 2011), em que

a construção cultural das categorias do masculino está se fazendo num campo minado onde se enredam, se misturam e se fundem as identificações com a ideia de portador da lei simbólica (e, portanto, também a ela submisso), produtor arbitrário de lei (e, portanto, sem estar ou precisar a ela se submeter), agente do poder e agente da violência. Tais são as armadilhas das concepções de masculinidade. (Machado, 2004, p.72)

Aponta-se, além disso, a respeito das constantes provas sobre a própria masculinidade, especialmente perante outros homens - por serem eles próprios que (se) avaliam e (se) legitimam (Kimmel, 1998). A ideia de que é necessário provar-se enquanto homem demonstra quão contraditório pode ser essa lógica de potência atribuída ao masculino, dado que essa necessidade de reafirmar-se constantemente revela também um risco permanente de perda de poder e de status (Colling & Tedeschi, 2019), que é vivido subjetivamente como uma interpelação identitária ao resgatar demandas narcísicas sobre perceber-se sujeito/homem (Zanello, 2018).

Como demonstrado por Zanello (2018), na cultura brasileira, os processos de subjetivação dos homens pautam-se pelo dispositivo da eficácia: as injeções identitárias sobre

ser homem estruturam-se a partir de demandas sobre as virilidades sexuais e laborativas. Ser potente sexualmente e com poder laborativo/financeiro são parâmetros de afirmação sobre a masculinidade que se organizam em paralelo a uma ordem negativa: opor-se àquilo que possa os identificar ou os aproximar do que seria visto como feminino – sensibilidade, fragilidade, passividade, cuidado, amorosidade.

Evidencia-se, assim, como há uma interpelação para um embrutecimento afetivo dos homens, no qual os valores de virilidade e de dominação são associados a um “exercício de si mesmo, não apenas no controle sobre as próprias ações, mas também, inclusive, no controle das emoções” (Zanello, 2018, p. 178). Trata-se, portanto, de uma discussão que envolve tanto dimensões culturais e políticas a respeito de identidade de gênero e socialização masculina; quanto a apreensão das emoções como fenômeno social e simbólico.

Os estudos do campo da Antropologia das Emoções demonstram como as percepções sensoriais, as repercussões emocionais de dada vivência e as formas possíveis de expressar afetos refletem normas coletivas - mais ou menos - implícitas e traduzem, dentro das circunstâncias singulares de cada sujeito, uma inteligibilidade simbólica e culturalmente construída sobre cada sentimento (Le Breton, 2019).

Uma análise contextual sobre as emoções permite identificar também como as experiências emocionais são atravessadas por concepções morais, por posições subjetivas demarcadas em relações de poder e por processos de aprendizagem e de identificações sociais (Rezende & Coelho, 2010). Como aponta Le Breton (2019), o “desencadear das emoções é necessariamente um dado cultural tramado no âmago do vínculo social e nutrido por toda a história do sujeito. Ele mostra aos outros uma maneira pessoal de ver o mundo e ser afetado por ele” (p. 146).

Nessa perspectiva, o desenho dessa pesquisa baseia-se na busca por entender o ciúme como uma emoção inscrita (e prescrita) em uma gramática cultural que se expressa por uma

diversidade de sentidos e possibilidades que tomam forma na história individual, mas também nos pactos coletivos que sustentam as masculinidades. Logo, destaca-se dois pontos fundamentais que serão explorados neste artigo: como o fenômeno do ciúme se configura nas vivências subjetivas e como é atravessado por questões de gênero. Objetiva-se, portanto, empreender uma análise hermenêutica de como os homens entendem, nomeiam e experienciam os ciúmes.

Método

Esta é uma pesquisa qualitativa que tem como base a busca de uma “congruência entre os paradigmas teóricos (que fundamentam a definição do objeto e a formulação do problema) e os métodos e técnicas empregados (para abordar a realidade empírica)” (Fontanella et al, 2008, p. 19). Desse modo, foram desafios constantes: a compreensão sobre o universo da pesquisa, a estratégia para acessar a amostra e os caminhos metodológicos para a escuta dos sujeitos da pesquisa.

Considerando a dimensão íntima e privada do objeto de estudo, a amostragem por bola de neve (Vinuto, 2016) se revelou promissora para o objetivo de identificar possíveis sujeitos interessados em participar da pesquisa. Neste intuito, um texto de divulgação sobre a pesquisa foi elaborado e divulgado em diferentes redes de contato, em que se enfatizava o convite para a participação, bem como o pedido para que o mesmo fosse reencaminhado amplamente em suas respectivas redes.

As informações divulgadas destacavam que era uma pesquisa do campo da Psicologia que objetivava compreender sobre o ciúme e a experiência amorosa, tendo o devido cuidado ético com o sigilo. O convite para uma entrevista individual destinava-se a homens que mantinham relacionamentos heteroafetivos e que identificavam o ciúme como um fator presente e impactante em suas vivências pessoais e em suas experiências amorosas. Ao final

do texto, havia o link de um formulário virtual para os interessados informarem: dados pessoais para contato; idade; renda familiar; autoidentificação racial; e demanda sobre ciúme (a tabela 1 descreve como estas duas últimas questões foram formuladas).

O acompanhamento das respostas ao formulário representou uma outra etapa metodológica. A maioria dos registros de interessados se deu nos primeiros dias após a divulgação e como a taxa de resposta diminuía com o tempo, optou-se pelo fechamento da amostra inicial. Do montante de 76 respostas ao formulário, procedeu-se com uma primeira análise adotando como critérios de exclusão: cadastros com informações incompletas, respostas em duplicidade ou fora do perfil estipulado (como a resposta de mulheres ao formulário). Deste procedimento, definiu-se um espectro de 67 sujeitos interessados na pesquisa.

Na etapa seguinte, identificou-se que 46,3% declararam se afetar pelo ciúme que uma parceira (ou ex) sentiam deles; 14,9% por sentir muito ciúme; 22,4% se afetavam por ambos contextos; e 16,1% preencheram a opção “outros”, especificando situações diversas desde não sentir “nenhum ciúme” a identificar como um ciúme “apenas moderado”. Essa amostra inicial revelou-se diversa também em termos de idade, identificação racial e renda familiar.

Dado o caráter qualitativo deste estudo, o foco na compreensão e na interpretação do problema de pesquisa (Minayo, 2012) e a proposta de realizar entrevistas em profundidade, optou-se por uma amostragem intencional para a delimitação de oito sujeitos entrevistados. Os atributos essenciais nesta definição amostral foram definidos de modo a garantir tanto uma diversidade social, etária e étnico-racial, quanto uma variedade em termos de como os dilemas ciumentosos se apresentavam em suas vivências. Na tabela a seguir, apresenta-se um panorama descritivo dos sujeitos, identificados por nomes fictícios e pelas respostas ao formulário virtual:

Tabela 1

Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos	Idade	Renda familiar	De modo geral, como o ciúme mais te afeta? ²	Em termos de cor /raça, como você se identifica? ³
Marcelo	42	6 a 9 Salários Mínimos	Por você sentir muito ciúme	Pardo
Martin	54	4 a 6 Salários Mínimos	Pelo ciúme que uma parceira (ou ex) sente de você	Pardo
Felipe	28	6 a 9 Salários Mínimos	Por ambas: o ciúme que você sente e que sua parceira (ou ex) sente;	Branco
Luciano	22	1 a 3 Salários Mínimos	Por você sentir muito ciúme	Preto
Joel	55	4 a 6 Salários Mínimos	Outros – tenho ciúmes moderado	Pardo
Ronaldo	25	+ de 16 Salários Mínimos	Por ambas: o ciúme que você sente e que sua parceira (ou ex) sente;	Branco
Vicente	22	0 a 1 Salário Mínimo	Pelo ciúme que uma parceira (ou ex) sente de você	Pardo
Alfredo	25	+ de 16 Salários Mínimos	Pelo ciúme que uma parceira (ou ex) sente de você	Negro

Em razão da pandemia de COVID-19, foi necessário realizar as entrevistas virtualmente através de uma plataforma de videoconferências. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi preenchido em um formulário online por todos os participantes que recebiam uma cópia do referido termo por e-mail. As entrevistas duraram em média 90 minutos, foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A técnica de entrevista narrativa foi empregada dado sua proposta de “gerar histórias” (Bauer & Gaskell, 2002, p. 105) em uma conversa marcada por uma postura aberta e não

² Questão fechada com as seguintes possibilidades de respostas: por sentir muito ciúme; pelo ciúme que uma parceira (ou ex) sente de você; por ambas situações; ou outros (com respectivo campo para especificação).

³ Questão aberta

diretiva da pesquisadora e por uma liberdade para o sujeito relatar suas vivências com seu ritmo e linguagem próprios. Os participantes eram convidados, assim, a relatar suas histórias relacionadas a ciúme e após indicarem o término de seus relatos, a pesquisadora trazia algumas questões a fim de explorar temáticas definidas previamente na pesquisa como relevantes para este estudo. Tais questões abordavam como os sujeitos comparavam as experiências de sentir e receber ciúme; e como (e se) percebiam alguma associação entre questões raciais e suas experiências ciumentas e/ou amorosas.

Nesta interlocução com os sujeitos da pesquisa, adotou-se uma postura ativa da pesquisadora ao indagar, interpretar e estabelecer uma perspectiva crítica, em um trabalho de campo cujos resultados são construídos e não meramente coletados ou contemplados (Minayo, 2012; Rosa & Domingues, 2010). De modo similar, há o entendimento de que o “movimento classificatório que privilegia o sentido do material de campo não deve buscar nele uma verdade essencialista, mas o significado que os entrevistados expressam” (Minayo, 2012, p. 624).

Depois de transcritas as entrevistas, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo para analisá-las (Bardin, 2011). Nesta perspectiva, em uma primeira etapa, duas pesquisadoras leram separadamente todas as entrevistas buscando identificar os temas mais frequentes e relevantes das narrativas. Posteriormente, empreendeu-se discussões entre as pesquisadoras a fim de comparar pontos de vista, identificar temáticas transversais a todo material transcrito, elencar as categorias de análise e estabelecer um diálogo entre os fundamentos teóricos e a escuta dos sujeitos. A apresentação e discussão dos resultados a seguir está orientada no sentido de ir

construindo um relato composto por depoimentos pessoais e visões subjetivas dos interlocutores, em que as falas de uns se acrescentam às dos outros e se compõem com ou se contrapõem às observações.... [para] tecer uma história ou uma narrativa coletiva,

da qual ressaltam vivências e experiências com suas riquezas e contradições. (Minayo, 2012, p. 623)

Resultados e Discussão

Considerando que as emocionalidades permeiam as experiências subjetivas e que o foco da pesquisa foi compreender como elas se configuram e são (re)significadas, as categorias de análise serão apresentadas a partir de uma diferenciação entre sentir ciúme e recebe-lo de uma parceira. As reflexões sobre o ciúme recebido serão apresentadas em uma única categoria de análise nomeada “elas ciumentas, eles fortalecidos”; já as experiências do afeto sentido serão discutidas em três categorias distintas: “enciumar-se em meio às questões narcísicas da (im)potência”; “perceber e se esquivar: das ambivalências do afeto ciumento”; e “um ciúme disfarçado, mas que exige delas submissão”.

Estas duas dimensões foram abordadas nas narrativas dos sujeitos a partir de relatos que variavam tanto em termos da direcionalidade do ciúme quanto circunscritas em diferentes relações conjugais estabelecidas por eles. Metade da amostra, por exemplo, relatou suas experiências ciumentas restritas a um único vínculo amoroso, enquanto o restante abordou situações vividas em diferentes relacionamentos tanto relacionadas a ciúme recebido quanto sentido. Duas narrativas enfatizaram quase exclusivamente sobre receber ciúmes de uma parceira, tendo os sujeitos (Martin e Vicente) afirmado que sentir ciúme era algo muito incomum em suas vidas; enquanto em uma entrevista (Luciano) o sujeito abordou apenas o próprio ciúme destacando que a namorada não sentia tal afeto. Já nas demais entrevistas, as histórias e as reflexões compartilhadas perpassaram tanto as experiências de sentir quanto de receber ciúme.

Sobre o ciúme recebido: elas ciumentas, eles fortalecidos

Sobre a experiência de perceber-se objeto de ciúme de uma parceira, foi comum que os homens interpretassem como algo benéfico para eles por estar ligado ao *amor dela, ao cuidado pela família em si*⁴ (Marcelo); e a *ser amado, ter alguém que se importa com você, que não quer te perder* (Felipe). Mesmo no caso em que o sujeito (Luciano) relatou apenas experiências do próprio ciúme enfatizando que a namorada não sentia ou demonstrava tal afeto, foi possível identificar uma semelhança com tais interpretações, dado que a ausência de ciúme dela suscitava nele dúvidas se ela de fato gostava dele.

Essa avaliação positiva do ciúme recebido era mencionada por eles em um tom de confissão marcada por uma lógica ambivalente que envolvia perceber que a parceira está incomodada/enciumada e sentir prazer com a situação, ainda que também reclamassem do ciúme dela. A fala de Ronaldo é expressiva desse contexto:

Como eu me sinto? [quando ela está com ciúmes] Eu me sinto mal porque eu sei que ela não tá muito bem. Porque ela não fica muito bem, né? Ah, mas ao mesmo tempo eu gosto de saber que ela se importa assim o suficiente. Tem essa coisa, né? No fundinho, no fundinho...talvez dentro de uma caixinha secreta no meu cérebro, eu me sinto um pouco tranquilizado pelo fato de que ela tem ciúmes.

A experiência de receber o ciúme demonstra, por um lado, como eles a interpretam a partir das repercussões subjetivas para eles (Felipe: *eu ousou dizer que faz até bem para a autoestima, sabe?*), e por outro lado, como julgam a parceira como insegura ou imatura em razão daquele afeto. Estas duas dimensões, contudo, se retroalimentam de modo a trazer certo empoderamento aos homens em suas relações conjugais, como afirma, inclusive, um dos

⁴ As falas dos participantes serão transcritas de modo literal em formato itálico, seguindo normas de citação da APA, mas respeitando o estilo de linguagem e as pausas comuns da linguagem falada.

participantes: *mas é aí que entra a questão, porque ela sempre foi insegura e eu me sentia forte, amado, confortável* (Alfredo).

Estudos teóricos com uma perspectiva de gênero analisam como as relações heteroafetivas são marcadas por posições (sociais e subjetivas) hierarquicamente desiguais entre homens e mulheres. Como discutido por Lagarde (2001), o apaixonamento traz uma potência de autoestima para os homens a medida que, culturalmente, espera-se que as mulheres busquem e se dediquem ao benefício e ao melhoramento do parceiro para que ele possa, então, amá-la. Zanello (2018), por sua vez, evidencia como os homens lucram com o dispositivo amoroso das mulheres: como para elas o ser escolhida e amada tem um caráter central em seus processos identitários, isso contribui para o lugar/desejo de poder masculino como aqueles que escolhem e, conseqüentemente, legitimam as experiências amorosas e narcísicas delas.

Contudo, apesar dessa avaliação inicial do ciúme como positivo, os entrevistados falaram de um limiar a partir do qual o consideraram como excessivo. O fator que mais influenciaria esse parâmetro, de acordo com os sujeitos, é a tentativa da parceira de controlar a vida deles. Relatos comuns trazidos para exemplificar essa postura excessiva delas: olhar o celular, ler mensagens trocadas por eles, questionar suas ações nas redes sociais, perguntar com quem conversou. Em geral, essas posturas eram entendidas como uma *coisa chata*, que os irritava e que incomodava por estar invadindo a privacidade.

Embora tais situações fossem mencionadas, principalmente como um transtorno e um aborrecimento, é interessante notar o quanto eles enfatizavam que não cediam a tais tentativas de controle. Essa dita resistência aparece nas narrativas em diferentes contextos, ora em uma atitude de afirmar seus desejos e singularidades (como expressa Vicente: *eu não fazia para provocar, sabe, as coisas que eu fazia das quais ela não gostava eu fazia porque era um prazer meu*); ora buscando desqualificar tal demanda (Alfredo ao negar cancelar uma amizade nas redes sociais: *eu não vou fazer isso, porque não faz sentido! Eu acredito que eu sou livre e*

você também é livre); ora enfrentando com sarcasmo a situação (Martin conta que *debochava e embirrava: eu fazia questão de não dizer, algo que eu sabia que ela queria saber*).

Estes exemplos indicam como a afirmação de uma independência e de uma não subjugação às demandas feitas pelas mulheres são centrais no modo como lidam com o ciúme delas, sobretudo porque são pontos basilares dos processos identitários masculinos. Não ocupar uma posição subalterna se apresenta como parâmetro de hombridade (Kimmel, 1998), o que revela tanto o desejo e a busca por legitimar-se em um lugar de dominante na relação com os outros quanto um movimento de autocentramento dos homens nos relacionamentos amorosos (Zanello, 2018).

Além do mais, um debate que apareceu em muitas narrativas se refere ao ciúme ter ou não “motivo”, avaliando que os ciúmes delas seriam injustificados caso não houvesse infidelidade da parte deles. Ainda assim, ficou evidente que mesmo nos relatos em que eles não eram (ou não tinham sido) fiéis, tal reconhecimento não era assumido para a parceira e nem minimizava as reclamações deles em relação a elas. Por exemplo, Ronaldo ao se queixar da postura ciumenta de uma ex namorada:

Qualquer coisa, virou quase uma paranoia, assim, né? Eu acho. Qualquer coisa era, era eu me apaixonando por alguém, entendeu? E era direcionada a uma pessoa específica. E aí isso eventualmente quebrou a nossa, acabou mesmo a relação. Devido a esses ciúmes, né? Porque não tinha, não tinha mais... não valia mais a pena para mim, né, digamos, estar com ela.

Em um momento posterior da entrevista, ele, contudo, pondera que *o chato é que, na verdade, ela tinha motivo para ter ciúmes, né?*, referindo-se ao fato de que, na época, ele ainda se sentia apaixonado por uma namorada anterior, que, inclusive, era a mesma *pessoa específica* mencionada pela sua parceira. Embora haja tal reconhecimento na entrevista, ele admite que sempre negava para a parceira qualquer interesse ou infidelidade, insistindo no discurso de que

o problema do relacionamento tinha sido o ciúme excessivo e a instabilidade emocional da companheira.

O que nos interessa aqui não é uma discussão moralista sobre as particularidades do desejo amoroso como abordado pelo Ronaldo em sua narrativa, mas sim problematizar como há um manejo dos dilemas ciumentos da parceira direcionado a tentar deslegitimar as queixas delas utilizando-se de estratégias de manipulação psicológica, fenômeno descrito na literatura como *gaslighting* (Abramson, 2014). Tal dinâmica apareceu também em outras narrativas, marcadas por uma intencionalidade dos sujeitos em utilizar-se dessas estratégias a fim de desqualificar a mulher e, ao mesmo tempo, preservar-se em um lugar de saber/poder sobre o outro. Neste ponto, é importante que se nomeie estas práticas enquanto uma violência psicológica que repercute seriamente na saúde mental de quem sofre situações de *gaslighting*.

Por fim, foi possível perceber como os discursos sobre ciúmes podem facilmente reforçar estereótipos de gênero de modo a manter/estabelecer uma relação desigual de poder, em que caberia as mulheres silenciar-se sobre seus incômodos para não trazer desarmonia à família ou desconforto aos parceiros, os quais usufruem do privilégio de ser os que escolhem e decidem sobre o vínculo amoroso (Zanello, 2018).

Sobre o ciúme sentido

Enciumar-se em meio às questões narcísicas da (im)potência. A experiência de sentir ciúme se configura em torno de 3 dimensões: o próprio sujeito, a pessoa amada, e aquela vista como rival. Embora seja comum a associação do ciúme com o medo da infidelidade de uma parceira, as narrativas desta pesquisa revelaram que essa vinculação não necessariamente domina as experiências ciumentas masculinas.

Ao mencionarem os contextos em que se percebiam ciumentos, seus incômodos eram retratados estando mais direcionados às outras pessoas do que à própria parceira. Como aponta

Felipe: *é por isso que eu falo que eu acho que eu confio, que o problema não é eu não confiar nela, né...é sempre pensando na intenção do outro, e não na intenção dela.*

Ronaldo tentando traduzir seus incômodos: *é uma questão, às vezes, de saber, por exemplo, se o cara é muito bonito, se é muito inteligente dependendo, né? Sei lá, se ele é bem-sucedido, rsrs,...né? Eu fico pensando quão interessante ela ia achar esse cara, entendeu?.*

Enquanto Alfredo destaca: *eu acho que a questão dos ciúmes é o que aquela pessoa é, o que aquela pessoa representa e quais sentimentos aquela pessoa está despertando na pessoa que eu amo, né?*

Estas falas devem ser analisadas por dois primas. Por um lado, há um enfoque sobre o outro ser mais *bonito* ou *mais requisitado* - *todas as meninas estavam interessadas nele, queriam beijar ele* - como comenta Luciano; ou como refere Ronaldo: *se a pessoa é muito forte, ou alta, ou com capacidade provedora, ou muito inteligente, ou bem-sucedida*. A partir de uma lógica de comparação em relação a si próprio, há uma interpelação identitária do sujeito relacionada à potência: e se eu não for tão potente quanto o outro? E se o outro homem for mais poderoso que eu?. Ou seja, emergem questões próprias ao dispositivo da eficácia que pautam a subjetivação masculina: sendo o outro mais potente, será mais homem que eu? Serei deslegitimado como homem/sujeito? (Zanello, 2018).

Por outro lado, essa suposta ameaça é posta em prova quando o sujeito se questiona sobre como a parceira enxerga e trata o outro. Neste ponto, um simples olhar, “algo inevitável em qualquer relacionamento, na medida em que revela a marca da presença do outro, terceiro, expondo a falta e a diferença” (Arreguy, 2004, p. 118) é interpretado como um desvio (do olhar e da conduta) da mulher. A fala de Alfredo ilustra o sentir-se inferior e/ou excluído daquela interação:

Do que eu me senti ameaçado? Foi a forma que tudo aconteceu né. Dela querer tirar foto dele, dela ter a iniciativa de ir conversar com ele, dela dizer a frase “Ah os nossos

olhares foram de [sic] encontro” isso soou como uma frase romântica, né? (...) Tipo a forma que ela falava sabe? que me deixou daquele jeito, (...) porque é o que eles tanto tão conversando ali, que papo é esse que tá ali...O que que eles tão conversando que até agora ela não sentiu minha falta? Onde que eu entro nessa conversa, entendeu?

Como explicitado neste exemplo, o medo de que a parceira tenha um relacionamento extraconjugal se torna secundário quando o sujeito se depara com a possibilidade de ela descobrir no outro algo que a atraia e que ele próprio não tem, não sabe ou não pode supri-la. Perceber-se em falta revela dilemas narcísicos para qualquer sujeito, estando no centro da problemática ciumenta (Brasil, 2009; Lachaud, 2001). Contudo, é fundamental compreender como a experiência psíquica de corte narcísico se configura a partir de um genderamento que interpela questões identitárias distintas para homens ou mulheres.

No caso dos homens, a angústia de castração é retomada nas experiências ciumentas quando ele se dá conta que é impossível ser esse sujeito pleno e completo (idealizado por ele próprio) que ocuparia um lugar de suplência total para o objeto amado. Ao se deparar com a impossibilidade narcísica de ser um todo, há o questionamento: como ela é capaz de gozar sem mim? Como discute Lachaud (2001), “ser ciumento é ser ciumento de TODO. O ciúme é reivindicação do TODO. É investir, de modo imaginário, uma posição suposta TODA. Ser ciumento é dizer não à falta” (p. 81).

Neste ponto, desejos da parceira não supridos por ele ou interesses não direcionado para os interesses dele, são percebidos como ameaça e desencadeiam uma lógica ciumenta. Como os ciúmes de Marcelo ao perceber que a esposa era mais compreensiva com os funcionários da empresa dela do que com ele; ou de Felipe quando soube que a companheira contou algo pessoal dela para um amigo antes de contar para ele; ou de Luciano ao queixar-se da simpatia e dos sorrisos da namorada. Aliás, em diferentes narrativas apareceu um incômodo ciumento associado ao tempo ou à dedicação da parceira aos familiares (especialmente pais e irmãos

dela), revelando que qualquer evento ou pessoa que receba o investimento afetivo da mulher pode ser percebido por eles como um constrangimento ou uma desconsideração a eles próprios.

Por isso, embora a preocupação com relações extraconjugais não seja predominante nas narrativas, não é possível descartar por completo a problemática da traição, uma vez que o sujeito se sente traído por não receber tudo da parceira - desde sorriso, olhar, compreensão, tempo, até o desejo como um todo. E nesse apelo narcísico de uma castração não resolvida, esse não recebimento de tudo do outro é entendido não enquanto uma característica da própria subjetivação humana, mas como uma afronta daquela que não teria cumprido a promessa romântica de entrega total ou como uma humilhação provocada por aquele sujeito-rival que lhe rouba o desejo da parceira (Brasil, 2009)

A forma como os homens se referem aos ditos rivais, inclusive, revela um incômodo, mas sobretudo uma admiração por eles. Afinal, como nos lembra a Psicanálise, esse incômodo está diretamente relacionado a tal admiração, uma vez que a experiência frustrada de um Eu Ideal estabelece a busca por um Ideal de Eu que parece inalcançável para si na mesma proporção em que parece alcançado pelos outros (Freud, 1914/2006c). Como destaca Lachaud (2001), “se o ciúme atinge esse narcisismo, é talvez menos porque ‘eu não sou tão bom quanto o outro’ do que porque o outro tem, em meu imaginário, o que eu não tenho” (p. 35).

Essa experiência psíquica de corte narcísico é vivenciada subjetivamente em uma particularidade que está necessariamente circunscrita em um contexto histórico e cultural e, por isso mesmo, precisa ser lida a partir dessa contextualização. Neste ponto, os parâmetros dessa idealização de si e do rival se conectam com a configuração da própria masculinidade hegemônica. Deste conceito, apreende-se que há um espectro de ações e posturas que os sujeitos deveriam adotar para se colocarem em um lugar de legitimidade enquanto homem e de poder frente aos outros homens e às mulheres (Connell & Messerschmidt, 2013).

A conformação histórica da masculinidade hegemônica em uma cultura sexista e patriarcal como a brasileira (Chauí, 2003) apresenta a promessa de um lugar privilegiado aos homens na sociedade e, especialmente, na família como aquele que representa a Lei (Machado, 2004) e que lucra com o cuidado e a dedicação das mulheres (Zanello, 2018). Esses privilégios, contudo, se vinculam a uma lógica hierarquizada que envolve tanto a disputa entre os homens (masculinidades dominantes x subalternas) quanto a subjugação das mulheres.

Não é por acaso que nas narrativas sobre os ciúmes fica evidente tanto o sentir-se traído nesta promessa/desejo de ser o “todo poderoso”, quanto os discursos que buscam inferiorizar outros homens e, ao mesmo tempo, desqualificar e descredibilizar as mulheres. Tal dinâmica será melhor abordada nas categorias seguintes que tratarão as interpretações que os próprios sujeitos fazem de suas experiências ciumentas e o modo com que lidam com as mesmas, em tais circunstâncias.

Perceber e se esquivar: das ambivalências do afeto ciumento. Ao discorrerem sobre o próprio ciúme, a maioria dos participantes fez menção a sentir-se inseguro, não confiante e/ou com autoestima baixa. Para Luciano, seus problemas no passado com ciúme excessivo estavam relacionados a uma *questão de falta de autoconfiança, autoestima*, avaliando que o fato de ser um homem gordo impactava diretamente neste ponto. Muitos identificaram como problemático o sentir ciúme por ser uma experiência que os vulnerabilizava. Alfredo, por exemplo, reconhece que se sente *impotente* e Felipe enfatiza sobre ser algo que o *desestabiliza* emocionalmente: *é uma coisa que desafia um pouco a minha lógica, sabe? Porque eu não quero sentir aquilo, eu não entendo porque que aquilo acontece e logicamente eu acho um sentimento que ele é ruim, que ele é danoso.*

Ficou evidente, porém, uma resistência dos sujeitos em se aprofundar nessa questão: mesmo quando mencionavam esses incômodos, rapidamente, o discurso era direcionado para afirmações de *que se você não tiver o ciúme, eu acho que o relacionamento não vai muito bem*

não (Joel) ou *porque se tem amor, tem ciúmes, né* (Alfredo). Em alguns casos, como de Joel, sob a justificativa de que *é normal sentir ciúme*, os sujeitos nem mesmo admitiam tal desconforto, apesar de terem manifestado interesse na participação na pesquisa, declarado que o próprio ciúme era um fator impactante em suas vivências e relatado diversos episódios que os incomodavam.

Nota-se que existe uma ambivalência em torno de perceber/assumir o incômodo ciumento, principalmente, porque esse afeto interpela narcisicamente o sujeito e coloca em cheque sua masculinidade. Em outras palavras, o ciúme traz questionamentos sobre os lugares em que cada um se posiciona (ou deseja) dentro do enquadre da masculinidade hegemônica, escancarando, inclusive, as angústias de posições subalternizadas como a de homens negros em contextos racistas. Luciano, por exemplo, identifica que a questão racial (se identifica como preto) tem *papel significativo no processo* em torno da sua autoestima. Interessante notar, neste caso, uma lógica dupla em seu discurso: ele associa seu ciúme à baixa autoestima e associa sua autoestima à experiência racial. Quando questionado, porém, sobre as conexões entre sentir ciúme e suas vivências como um homem negro, ele nega tal relação.

De todo modo, ao longo da pesquisa foi possível identificar diferentes mecanismos de defesa frequentemente utilizados pelos sujeitos como uma forma de preservar-se (ou preservar seu status de legitimidade enquanto homem): a racionalização, a negação e o isolamento. No processo de racionalização, há uma tentativa de evitar entrar em contato com angústias, dissociando o afeto da experiência vivida, enquanto uma nova narrativa é elaborada (Laplanche & Pontalis, 2011). Os exemplos anteriores evidenciam tal dinâmica: assim que o desconforto da vivência ciumenta é mencionado, o discurso se reveste de afirmações de que é um sentimento *normal* ou uma situação corriqueira. Em outras circunstâncias, destacou-se a negação daquele afeto e uma tentativa de substituir por uma outra leitura da situação: *isso não*

é ciúme, é só um cuidado com ela (Joel); eu não fazia por ciúme, fazia por preocupação (Marcelo).

Interessante notar o quanto esses mecanismos inconscientes se ancoram em discursos e práticas culturais que têm forte legitimidade na sociedade, e por isso mesmo, acabam sendo endossados nessa dialética. Nesse sentido, é possível visualizar como as falas dos sujeitos são atravessadas por uma pedagogia dos afetos que revelam uma sociabilidade pautada na romantização do ciúme e na ideologia do amor romântico. Se o ideário do amor romântico exalta a entrega total ao relacionamento, a idealização do outro e o sofrimento inerente ao medo da perda (Freire Costa, 1998) cabe problematizar como tais scripts demarcam expectativas desiguais e são mantidos a partir de performances distintas interpeladas a homens e mulheres (Lagarde, 2001; Zanello, 2018).

O isolamento, por sua vez, funciona de modo similar à racionalização na medida em que também é uma estratégia de impedir uma tomada de consciência sobre a angústia, mas neste mecanismo o que ocorre é um investimento libidinal em uma questão específica na tentativa de estabelecer um corte que interromperia demais associações e reflexões sobre suas vivências. Laplace & Pontalis (2011) enfatizam o quanto este é um “modo arcaico de defesa contra a pulsão” (p.258).

Alfredo, por exemplo, depois de mencionar todo o incômodo pela namorada ter olhado, tirado foto, puxado assunto, se aproximado de outro homem, conclui que o problema foi apenas por ela não lhe apresentar para o homem em questão. O mecanismo de isolamento pode ser constatado não apenas através dessas explicações simplistas e desconectadas, mas, sobretudo, quando tal fato é aparentemente resolvido, mas os dilemas ciumentosos persistem e, rapidamente, se reorganizam em torno de outra demanda.

Na entrevista de Felipe ele reconhece que estava se *contradizendo*: ele tinha atribuído seu ciúme, inicialmente, a uma amizade da sua companheira que ele não conhecia, mas depois

que conheceu o amigo dela, justificava seu incômodo alegando que os dois conversavam no telefone em horários *estranhos*. Felipe então percebe essa dinâmica e discorre sobre ela: *eu fico me apegando e tento trazer elementos que no fundo não têm sentido, eu sei disso, né, mas fico tentando achar pelo em ovo para justificar aquilo, para justificar os ciúmes, pra justificar o que eu tô sentindo.*

Estes mecanismos tentam operacionalizar respostas para as ambivalências imbricadas ao afeto ciumento. O que se evidencia é como a dúvida do ciumento parece se configurar para que não haja solução possível, como se fosse uma demanda de “verificação que nenhuma prova jamais poderá satisfazer. Encontrar o que ele busca, não o acalmaria” (Lachaud, 2001, p. 118).

A problemática da impotência revela um luto narcísico dos sujeitos, mas para além disso, também exprime uma reivindicação masculina pela manutenção de seus privilégios. Esta questão pode ser percebida a partir das estratégias construídas para responder e manejar os dilemas ciumentos em seus relacionamentos, como será discutido na próxima categoria de análise.

Um ciúme disfarçado, mas que exige delas submissão. Como exposto, a negação do ciúme enquanto um mecanismo de defesa ocorre a um nível inconsciente buscando estabelecer uma rejeição de dada realidade psíquica e, conseqüentemente, das angústias associadas a ela. Contudo, a partir das entrevistas foi possível identificar um outro processo de negação em relação ao ciúme que se estabelece em um âmbito consciente. Neste processo, os sujeitos, apesar de reconhecerem e se referirem ao seu ciúme na entrevista, enfatizavam que não assumiam tal afeto para suas parceiras.

Marcelo diz que não gosta de *usar a palavra ciúme*, enquanto Alfredo destaca: *eu não falo pra ela [que é ciúme]. Porque, eu acho que ela se aproveitaria desse meu ponto fraco.... eu não queria admitir isso pra ela, não queria que ela achasse que eu era fraco, ou que eu estava na mão dela, né.* Este ponto revela como a manifestação emocional de sentimentos como

o ciúme é percebida como uma ameaça à ideia de virilidade e, por isso, “eles se silenciam para priorizar suas próprias necessidades e manter o sentimento de autossuficiência” (Zanello, 2018, p. 119).

Apesar de não nomeados como ciúme, os sujeitos manifestavam seus incômodos demonstrando para as parceiras sua insatisfação em relação a elas. Estas queixas estiveram, sobretudo, relacionadas a: estilo de roupa, tempo dedicado aos familiares delas, jeito que elas conversavam com outras pessoas, interações nas redes sociais, postura simpática, amizades que mantinham.

Fica evidente como nessa dinâmica há uma reprodução de estereótipos de gênero: mulheres como indefesas, ingênuas, influenciáveis; e homens como aqueles que teriam que mandar, ensinar e/ou tutelar as escolhas das mulheres. Luciano reclama com a parceira por ela ser *amigável e ingênuo* e não perceber que *muito homens se aproximavam dela com segundas intenções*. Joel admite que um episódio *ultrapassou o ciúme normal* quando ele percebeu um homem olhando com insistência para sua esposa:

a forma como a pessoa olhava, né?...eu diria para você que fisicamente eu tive uma reação louca, que eu nunca tinha pensado, né? Porque a vontade que eu tive foi de pegar o cara e quebrar ele mesmo com uma barra daquela lá da academia, né?.

Joel encerra o relato contando que a esposa *sequer* tinha observado tal olhar, o que na lógica dele reforçava a imagem da esposa como incapaz de se proteger sem a presença dele. Marcelo, por sua vez, ao reclamar que a esposa usava roupas justas ou curtas enfatiza: *por ser uma mulher casada e estar com aquele tipo de roupa, eu não acho isso legal, porque provoca, chama atenção de outras pessoas....enfim, eu digo “você tem que pegar minha opinião, se preservar”*.

Logo, os sujeitos revestem suas questões ciumentas com discursos sobre cuidado buscando disfarçar suas tentativas de controle sob o lema de um romantismo e/ou de uma

preocupação. Marcelo, apesar de relatar diversas situações de conflito envolvendo a roupa que a esposa usava, justifica-se: *Eu nunca cheguei a falar assim “tira!” Nunca falei isso, nunca mesmo. Eu falo “isso não está legal, não está legal, tem alguma outra roupa para você usar?”*. Já Joel comenta: *eu olho assim e falo “Olha, vai devagar, segura ai...”. Mas eu não impeço, entendeu? Não impeço de acontecer. A minha esposa fez lipoaspiração, né? Aí mexeu nos seios e tal, aí eu falei pra ela assim “Tu vai querer usar blusa sem sutiã?” [risos]*.

Estes exemplos evidenciam que há um desejo/atitude de controlar o outro sendo expresso de uma forma considerada carinhosa, o que pode ser denominado como opressão com carinho (Zanello, 2018). Marcelo, inclusive, ressalta diversas vezes na entrevista que percebe uma melhora grande dele, porque ao invés de brigar, ele tenta convencer a parceira de que determinados comportamentos dela seriam equivocados ou inadequados. Quando questionado na entrevista da percepção dele sobre como a esposa entendia essas mudanças ou como ela se sentia nas situações de ciúme, Marcelo afirma que não sabe dizer e que nunca tinha pensado sobre isso.

Como explica Machado (1998), “ao invés de qualquer indagação sobre os desejos das mulheres, nos relatos masculinos, os comportamentos femininos são reduzidos à aproximação ou distanciamento ao ideal do comportamento feminino, ao qual cabe a eles controlar” (p. 36). Ou seja, embora algumas mudanças comportamentais possam ser identificadas (por exemplo, argumentar ao invés de brigar), permanece a dificuldade em reconhecer a alteridade e a autonomia das mulheres, em uma demanda de se afirmar (e ser reconhecido) como aquele que teria a autoridade para avaliar e avalizar as mulheres e suas subjetividades.

Além do mais, evidencia-se o quanto há uma expectativa de que as parceiras sejam as responsáveis por acolher e por resolver os incômodos ciumentos deles. Logo, há uma heteroresponsabilização delas acompanhada de uma desresponsabilização deles. Ronaldo apresenta o seguinte relato:

às vezes eu sinto ciúmes e, e eu sinto que falar com ela vai resolver esse ciúme, sabe? Que vai passar....aí eu converso com ela e eu me sinto bem assim. É uma coisa que talvez seja mais fácil para um homem fazer do que para uma mulher, eu acho. Eu não, eu não sei muito bem porque eu acho isso, mas eu acho que talvez seja mais fácil - eu acho - colocar a carga do meu ciúmes, é... Não é colocar minha carga do ciúmes nela, mas é como se ela conseguisse aliviar essa carga, né? De alguma forma. É, é... ela consegue, né?

Este cuidado delas seria no sentido de se submeterem às demandas deles e silenciarem suas angústias de forma a garantir o bem estar emocional de seu cônjuge buscando uma harmonia conjugal e familiar. Deste script cultural, depreende-se que um não cumprimento dessas performances de gênero, desencadeia uma lógica punitivista (Butler, 2019). A narrativa de Marcelo ilustra bem esse processo quando ele reclama que a esposa seria *difícil* (já que *ela não aceita essas minhas observações*) e, então, comenta sobre ele ter sido infiel:

Eu tive relacionamentos [extraconjugais] dentro do meu casamento, conheci outras pessoas, ela descobriu até um caso, então, e eu procurei isso, porque era uma pessoa que me escutava, era uma pessoa que me entendia, enfim, que estava mais de acordo com o que eu pensava talvez nesse sentido [do ciúme]...então, talvez assim foi uma forma de punir, eu ter tido essa atitude uma forma de punir...uma forma de puni-la. É, talvez algo nesse sentido, eu querer devolver alguma coisa que ela me deu, de uma forma que ela me deixou insatisfeito.

Como é possível deduzir da lógica expressa por Márcio, a esposa teria responsabilidade, inclusive, pela traição, já que ele teria buscado relacionamentos extraconjugais porque não se sentia acolhido por ela. Ou seja, uma das consequências por ela não corresponder suficientemente bem o script de esposa compreensiva e submissa, seria a possibilidade de ser traída ou perder o status advindo do casamento.

Além dessa dinâmica de tentar culpabilizar as mulheres pelas atitudes de seus parceiros, fica evidente como há uma flexibilização em relação aos padrões de (in)fidelidade masculina. Como aponta Lagarde (2001), há um consentimento e até um estímulo social para a poligamia por parte dos homens. Considerando a posição privilegiada de escolher e validar o relacionamento amoroso e suas parceiras, as questões que envolvem ciúme e adultério passam a se apresentar enquanto disputa de poder e afirmação de potência.

Considerações Finais

Este estudo evidenciou como as questões do ciúme transitam entre dimensões individuais e repertórios sociais revelando diferentes maneiras como os sujeitos se afetam por determinadas situações, as interpretam como ameaçadoras, e identificam possibilidades para experienciar sensações e expressar incômodos e emoções em seus relacionamentos. Por isso, a compreensão sobre esse afeto precisa incluir tanto uma contextualização das gramáticas culturais que configuram uma pedagogia afetiva quanto um olhar crítico e uma escuta atenta às vivências emocionais de cada sujeito.

Da leitura antropológica é possível situar o ciúme enquanto um sentimento moral que revela “uma relação estabelecida no íntimo do sujeito com a alteridade” (Rezende & Coelho, 2010, posição 937). Assim, pelas análises apresentadas, fica evidente como as sociabilidades e as moralidades de uma cultura sexista e patriarcal influenciam no modo como os homens lidam com as suas emocionalidades e reconhecem as particularidades e os desejos das mulheres.

O que se desvela neste processo não é apenas a dimensão social das emoções, mas como os padrões de masculinidades se enredam às questões narcísicas. Logo, é possível perceber como as experiências ciumentas masculinas se traduzem a partir da ótica do dispositivo da eficácia. Sobre o enciumar-se, por exemplo, se destaca o não reconhecer/assumir tal afeto para não demonstrar fraqueza; o disputar poder com outros homens em uma lógica de dominante x

subalterno; e o tentar controlar e subjugar as mulheres para receber delas dedicação e obediência. Já quando se percebem objeto de ciúme de uma mulher o que se destaca é como desqualificam e reclamam das queixas ciumentas da parceira afirmando um lugar de fragilidade emocional das mulheres ao mesmo tempo que protestam/demandam por uma independência e superioridade deles (por vezes, agindo de forma violenta).

Estas duas dimensões combinam tanto a dinâmica de se desresponsabilizar pelos próprios afetos esperando que as mulheres os compreendam e se responsabilizem pelo cuidado das emoções e do bem estar deles e da relação amorosa; quanto a de se considerar em um lugar de autoridade como aquele que tem o saber-poder de avaliar e avalizar as mulheres, exigindo um controle da subjetividade delas. A díade *bicho danado-homem honrado*, analisada por Machado (2004) ao discorrer sobre masculinidades, relações de gênero e os códigos relacionais da honra, figura em consonância com tal análise teórica, afinal

bicho danado remete ao que não se submete à lei social, ao que tudo pode: à pura potência. *Homem honrado* remete ao que se submete à lei social, desde que, em nome desta, sua posição seja a de exercer primordialmente o controle dos outros. Não se trata de homens que podem escolher ou serem postos na posição de *bichos danados* e *homens honrados*. É a própria concepção de masculino que inscreve esta dupla posição de poder (Machado, 2004, p. 71)

Neste artigo foi possível assim explorar sobre o engendramento das emoções e dos processos de subjetivação masculina. É necessário apontar, contudo, que os marcadores de gênero não dão conta sozinhos de explicar as vivências e as identificações dos sujeitos, especialmente se considerarmos que o sexismo da cultura brasileira está indissociado do racismo (Gonzales, 2019; Zanello, 2018). Ou seja, considera-se relevante que a leitura gendrada aqui proposta dos construtos de narcisismo e masculinidade seja articulada a uma compreensão racializada destes mesmos conceitos.

Desse modo, fica evidente como este ponto se coloca como uma limitação deste estudo e, conseqüentemente, como uma abertura para que mais pesquisas possam explorar tal perspectiva. Como aponta Minayo (2012), uma obra nunca está suficientemente acabada e é fundamental um posicionamento da autoria sobre “suas condições e suas dificuldades de interpretação, pois elas fazem parte da objetivação da realidade e de sua própria objetivação” (Minayo, 2012, p. 625).

Apesar de ter sido investigado o atravessamento das questões raciais nas experiências conjugais, este não foi um dado que se destacou, uma vez que a maioria dos entrevistados relatou não identificar ou compreender tais influências em suas vivências pessoais. Tal conjuntura foi avaliada enquanto uma limitação do próprio método da pesquisa e da complexidade em abordar sobre as repercussões do racismo nas relações de afetos e nas dinâmicas conjugais (Schucman, 2018).

Por fim, pontua-se que o recorte metodológico foi definido a partir do enfoque sobre as vivências de ciúme para homens cis em relacionamentos heteroafetivos. Os parâmetros em relação a contratos conjugais - monogâmicos ou não – não foram estipulados a priori como critérios de inclusão/exclusão e nem apresentaram consistência metodológica suficiente para se configurarem como uma categoria de análise (mesmo que alguns sujeitos da pesquisa tenham relatado sobre suas experiências emocionais em diferentes contextos relacionais). Estas questões apontam para a importância de que novos estudos sejam empreendidos de modo a oferecer compreensões do ciúme que também abarquem essa multiplicidade de sentidos e possibilidades das identidades de gênero, das vivências amorosas e das emocionalidades.

ARTIGO IV

A vivência dos ciúmes e os processos de subjetivação de homens: por uma discussão gendrada dos afetos

Os índices das violências cometidas contra mulheres no contexto doméstico e da conjugalidade são alarmantes. Pesquisa de abrangência nacional aponta que 27,4% da população feminina acima de 16 anos sofreu algum tipo de agressão no intervalo de um ano, sendo 76,4% dos autores dessas violências conhecidos, a maioria com os quais havia vínculo afetivo (FBSP & Datafolha, 2019). A própria casa continua se revelando como um dos lugares mais perigosos para as mulheres, onde ocorrem 42% das agressões (FBSP & Datafolha, 2019), bem como a maior parte das violências letais (Cerqueira et al., 2020). Além disso, o Brasil ocupa o 5º lugar do ranking mundial de feminicídios (Waiselfisz, 2015).

Estes crimes comumente estão associados a contextos de ciúmes, de tentativas de controle e de não aceitação masculina do término do relacionamento conjugal (Ávila et al., 2020; FBSP & Datafolha, 2019; Fernandes et al., 2018). Percebe-se, neste ponto, que estas motivações aparecem tanto na fala de homens autores de violência ao tentar justificar atos violentos cometidos contra mulheres (Ávila et al., 2020; Beiras et al., 2020; Fernandes et al., 2018), quanto nos discursos do senso comum, de homens ou mulheres, em relação a tal problemática (Avon & Data Popular, 2013; Instituto AVON/IPSOS, 2011).

Além disso, não é possível desconsiderar como o próprio Sistema de Justiça tem, historicamente, reforçado e naturalizado explicações sobre ciúmes ou (des)controle emocional masculino nas questões relativas às violências contra mulheres em contextos da conjugalidade. A tese da legítima defesa da honra, por exemplo, embora não prevista legalmente, foi amplamente utilizada no ordenamento jurídico brasileiro (de modo explícito ou mascarado), para absolver homens acusados de agressão e de feminicídio (M. D. Ramos, 2012; Toigo,

2010). Apenas em 2021, tal tese foi considerada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal “por violar os princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana, da proteção à vida e da igualdade de gênero” (STF, 2021).

Essa aparente coincidência em discursos individuais, sociais e/ou institucionais é, na verdade, mais uma evidência do quanto a estrutura da sociedade brasileira é violenta e sustentada por padrões patriarcais e machistas que, ao mesmo tempo que naturalizam as desigualdades de poder entre homens e mulheres, tentam invisibilizar essa dimensão legitimando e banalizando violências (Chauí, 2003).

Por isso, é importante estabelecer um jogo duplo para compreender como a questão do ciúme se insere na problemática da violência contra mulheres. Se por um lado, de fato as motivações ciumentas estão comumente presentes nas situações de violência a ponto de ser um dos mais importantes fatores de risco na ocorrência de violência contra mulheres, inclusive as letais (M. Tavares & Medeiros, 2020); por outro, não podemos simplificar essa problemática a ponto de tratá-la como uma questão individual ou meramente passional com o risco de essencializar ou reificar tal afeto.

Pelo contrário, é fundamental compreender como as emocionalidades são experiências gendradas e, portanto, estruturadas e significadas a partir de relações de poder inscritas no sistema de gênero (Zanello, 2018). Ou seja, o comportamento ciumento masculino apresenta-se como um importante fator de risco, não necessariamente em razão de uma característica *a priori* deste afeto, mas sim porque essa vivência emocional se dá circunscrita em um contexto histórico e social que atribui privilégios e poderes aos homens, inclusive em termos de controle e dominação dos corpos e das subjetividades femininas.

Estudos do campo da Sociologia das Emoções, como de Clanton (2007), destacam o quanto a relação entre ciúmes e poder tem sido negligenciada, especialmente em abordagens da Psicologia, as quais enfocam sobremaneira a associação entre autoestima e ciúmes, em

leituras mais individualizadas das experiências emocionais. Le Breton (2019), em seus estudos de Antropologia das Emoções, demonstra, inclusive, como as dimensões culturais e sociais influenciam não apenas a forma de manifestar as emoções, mas também de senti-las e identificá-las.

Para este trabalho, entende-se como fundamental que tais conhecimentos produzidos pelos estudos sociológicos e antropológicos sejam abarcados pelo olhar da Psicologia na compreensão das experiências ciumentas e na consolidação de uma prática *Psi* estruturada a partir de questões éticas, políticas e históricas que atravessam a nossa realidade. Por isso, considera-se que o estudo dos afetos deve envolver tanto as experiências sensoriais individuais (a nível consciente e inconsciente), quanto as configurações subjetivas e sociais em relação às emoções, as quais se apresentam enquanto uma pedagogia dos afetos (Zanello, 2018). Em outras palavras, trata-se de compreender como os *scripts* culturais delimitam e normatizam vivências afetivas interpelando performances e emocionalidades de modo desigual entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, o conceito de gênero revela-se basilar nas discussões teóricas deste artigo, bem como nas intervenções psicossociais com homens autores de violência doméstica. Como evidencia Küchemann et al (2015), tal construto apresenta-se enquanto

uma ferramenta analítica que nos indica haver a dimensão do social nos fenômenos que nos parecem naturais. Mais precisamente, evidencia uma das estratégias de poder que consiste em naturalizar as relações sociais no intento de mascarar as relações de poder subjacentes. O conceito de gênero questiona os fenômenos que são percebidos (ou tidos) como naturais sob a ótica segundo a qual toda a produção do conhecimento é permeada por relações de poder.(Küchemann et al., 2015, p. 65)

Logo, compreender como as subjetividades e as emocionalidade são gendradas nos permite (a) olhar para a historicidade da construção de dada visão de gênero e das significações

atribuídas ao feminino e masculino; (b) entender que estas não são categorias imutáveis, ainda que possam ser percebidas como hegemônicas; (c) focar não na descrição de causalidade dos fenômenos, mas, especialmente, na compreensão de suas configurações, representações e meios de legitimação das tecnologias de gênero; e (d) apreender como o gênero perpassa as experiências humanas se interseccionando com questões raciais e estruturando dinâmicas relacionais de poder (Connell & Messerschmidt, 2013; Lauretis, 2019; Machado, 2004; Scott, 2019; Zanello, 2018).

A construção das masculinidades configura-se, portanto, enquanto um processo histórico estabelecido em torno de hierarquias que sustentam um sistema patriarcal de gênero marcado pelas desigualdades de poder e pelas lógicas de dominação de homens sobre mulheres e também sobre outros homens (Connell & Messerschmidt, 2013). Nesse sentido, o construto de masculinidade hegemônica elucidada como tais lógicas se estabelecem enquanto um padrão de práticas, discursos e simbolismos. Como explicam os autores:

a masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (Connell & Messerschmidt, 2013, p. 245)

Uma dimensão essencial deste conceito revela-se, assim, na ênfase sobre a pluralidade das masculinidades, marcadas, sobretudo, por padrões hierárquicos entre elas e destas sobre as mulheres. Interessante ressaltar, porém, que os próprios autores indicam um necessário aprimoramento teórico em torno de questões referentes às hierarquias de gênero; às dinâmicas sociais e subjetivas no âmbito das masculinidades; e à contextualização geográfica e histórica de como se configura tal construto em cada cultura (Connell & Messerschmidt, 2013).

Estabelecendo um diálogo com tais demandas teóricas, propõe-se neste trabalho uma leitura sobre os padrões hegemônicos de masculinidades no Brasil sob a lógica do dispositivo da eficácia, conforme defendida por Zanello (2018). A autora explica que um dispositivo se estabelece histórica e socialmente ao conectar as dimensões de saber, de poder e de subjetividade, apresentando-se como uma categoria analítica de (re)produção de sentidos e significados atravessados por tecnologias de gênero que constroem, mantêm e reafirmam caminhos privilegiados de subjetivação para homens e mulheres (Zanello, 2018).

Tem-se, portanto, que na cultura brasileira o processo de tornar-se homem e de ser identificado e legitimado enquanto tal configura-se em torno de dois pilares fundamentais: a virilidade laborativa e a virilidade sexual. A demanda de ser bem sucedido profissionalmente, potente na vida sexual, dominante e impenetrável interpela os homens em seus processos de subjetivação e em suas emocionalidades, o que significa também que qualquer falha apontada no dispositivo da eficácia é vivenciada por eles enquanto um questionamento identitário gendrado (“não sou [suficientemente] homem?”).

O objetivo deste artigo é abordar a psicodinâmica dos ciúmes em homens a partir do constructo do dispositivo da eficácia, explorando como as experiências ciumentas masculinas se articulam a situações de violência cometidas contra mulheres. Visa-se, com isso, à abertura da escuta do caráter gendrado dessa emocionalidade, sua compreensão, e decorrente possibilidade de intervenção, a partir dessa perspectiva.

Método

Este relato de pesquisa científica fundamenta-se em premissas epistemológicas que compreendem o fazer ciência a partir de um comprometimento ético-político com a realidade estudada e com a produção do conhecimento (Rey, 2005), optou-se por uma abordagem qualitativa, a qual pesquisadora e pesquisados são entendidos enquanto sujeitos implicados na

construção de conhecimento, cujas subjetividades não se pretende negar ou anular em nome de uma pretensa neutralidade científica, sendo entendidas como produto e produtora das redes simbólicas do social, da cultura e do político (Rey, 2005; Rosa & Domingues, 2010).

Diferentes autoras denunciam, inclusive, o quanto o discurso da objetividade, na maior parte das vezes, foi utilizado para invisibilizar o lugar das mulheres na história e generalizar discursos masculinos e patriarcais como universais. Nesse sentido, assumir a dimensão subjetiva do pesquisar, para a partir dela buscar uma diferenciação e uma postura crítica na construção do conhecimento, permite maior fidedignidade e objetividade para a própria ciência (Harding, 1987; Keller, 2006; Scott, 2019)

Além do mais, a metodologia qualitativa confere centralidade aos processos de compreender e interpretar, sendo tais pontos basilares a esta pesquisa. Como explica Minayo (2012), essa compreensão busca a singularidade do sujeito, mas a localiza em um contexto que é histórico e coletivo e portanto, necessariamente, contingente, limitada e sem a pretensão de ser unívoca e absoluta, afinal

o ser que compreende, compreende na ação e na linguagem e ambas têm como características serem conflituosas e contraditórias pelos efeitos do poder, das relações sociais de produção, das desigualdades sociais e dos interesses. Interpretar é um ato contínuo que sucede à compreensão e também está presente nela: toda compreensão guarda em si uma possibilidade de interpretação, isto é, de apropriação do que se compreende. A interpretação se funda existencialmente na compreensão e não vice-versa, pois interpretar é elaborar as possibilidades projetadas pelo que é compreendido. (Minayo, 2012, p. 623)

Entendemos que a fala é o método possível e potencial de acessar o sujeito, reconhecendo a sua palavra como expressão de sua subjetividade, de seus saberes e verdades, que não estão postos *a priori*, como algo a ser extraído ou coletado, mas que são situados e

instaurados a partir da relação transferencial estabelecida com o/a pesquisador/a (Fontanella & Júnior, 2012; Rosa & Domingues, 2010). A transferência ocorre em qualquer relação interpessoal, porém uma leitura psicanalítica de tal dinâmica subjetiva permite que ela se torne visível e operacionalizável não apenas em um âmbito clínico, mas também nos contextos de pesquisas, como nas situações de entrevistas.

Em termos metodológicos, fala-se em instrumentalizar a transferência para a observação, a compreensão e a produção de um texto metapsicológico, considerando que o suposto saber pertence àquele/a que fala e reflete a partir de uma postura atenta e implicada do/a pesquisador/a naquela relação (Fontanella & Júnior, 2012; Rosa & Domingues, 2010). Para tanto, as demandas da pesquisa precisam ser postas de uma forma suficientemente ampla para que o entrevistado possa também formular suas próprias questões e responder a elas “na transferência, de forma singular, sem pressões prévias” (Rosa & Domingues, 2010, p. 186).

O interesse por entrevistar de uma forma não estruturada, mas com profundidade e com abertura para a fala e para a singularidade do sujeito justificou a escolha do método da entrevista narrativa (Bauer & Gaskell, 2002). O gerar e o contar histórias implica, nesse caso, tanto uma dimensão cronológica (da sequência de episódios), quanto uma não cronológica (evidenciada a partir dos enredos que se configuram para permear sentido e coerência às narrativas) (Bauer & Gaskell, 2002). A compreensão de uma narrativa incluindo estas duas dimensões se conecta assim aos construtos psicanalíticos que propõem uma escuta atenta também às entrelinhas, aos não-ditos e àquilo que pode parecer contraditório (Fontanella & Júnior, 2012; Rosa & Domingues, 2010).

Como o objetivo deste estudo era compreender as vivências do ciúme em homens autores de violência doméstica que apresentavam queixas relacionadas ao ciúme, avaliou-se o NAFVD (Núcleo de Atendimento à Família e Autores de Violência Doméstica do Governo do Distrito Federal) como um contexto adequado para acessar sujeitos para a pesquisa. O

NAFAVD é um serviço público que compõe a rede de enfrentamento a violência contra mulheres no DF e que desenvolve um trabalho de responsabilização, reeducação e reflexão com homens autores de violência denunciados em processos judiciais de Lei Maria da Penha.

Os seguintes procedimentos metodológicos foram adotados: (a) autorização institucional do serviço; (b) apresentação da pesquisa para a equipe psicossocial responsável pelos atendimentos; (c) delimitação de um perfil que abarcasse homens que já haviam iniciado acompanhamento no NAFAVD, sido denunciados por episódios de violência doméstica contra mulheres e tivessem relatado em seus atendimentos problemáticas relacionadas a ciúme; (d) contato prévio do NAFAVD com os perfis identificados para um convite inicial sobre a pesquisa; (e) posterior contato telefônico feito pela pesquisadora a fim de fornecer demais explicações sobre a pesquisa, os trâmites éticos e a logística das entrevistas.

Da equipe psicossocial do NAFAVD foram recebidas oito indicações de homens que tinham se disponibilizado a participarem da pesquisa. Todos foram entrevistados virtualmente pela pesquisadora, por meio de aplicativo de videochamada, tendo gravação de áudio com posterior transcrição por parte da equipe de pesquisa. Em uma análise inicial, foi possível perceber uma diversidade de relatos e percepções dos sujeitos sobre suas experiências ciumentas, em alguns casos, inclusive, negando tal problemática em sua vida ou não associando o ciúme aos episódios de violência pelos quais tinham sido denunciados.

Como um recorte metodológico para este estudo, optou-se por analisar em profundidade somente os dois casos em que os sujeitos tinham, em suas narrativas, identificado o ciúme como elemento essencial para o encaminhamento ao ato de violência. Logo, será apresentado a seguir um estudo de caso múltiplo a partir das narrativas de dois sujeitos. A entrevista de

Jonas⁵ durou 1h15min e a de Lucas foi realizada em 2 dias consecutivos com duração total de 2h29min.

A análise temática proposta por Virginia Braun e Victoria Clarke (Braun & Clarke, 2006; L. K. de Souza, 2019) foi utilizada a fim de explorar as narrativas a um nível latente e interpretativo, ou seja, para além do conteúdo semântico do que se diz, investigar também aquilo que está subjacente à fala: não-ditos, ideologias expressas, ideias implícitas.

A análise empreendida estruturou-se como abordagem teórica do tipo reflexiva em que se definiu um tema específico para ser explorado nas narrativas, a saber, o conceito de dispositivo de eficácia e como ele se configura nos processos de subjetivação e nas experiências ciumentas relatadas pelos sujeitos da pesquisa.

Resultados e Discussão

Apresenta-se a seguir uma breve descrição de cada um dos sujeitos da pesquisa, para então discutir sobre como o dispositivo da eficácia se evidencia em suas falas e histórias e como a questão do ciúme se insere nessa problemática.

Os sujeitos da pesquisa

Jonas, 40 anos, se identificou como branco e relatou trabalhar como motorista (renda de 1 a 2 salários mínimos) e estar na expectativa de ter a carteira assinada pela empresa. Sobre sua situação conjugal, estava lidando com uma separação recente, após um relacionamento de 14 anos com Lúcia. Contou que nos últimos 5 anos, ocorreram diversos conflitos envolvendo os ciúmes que sentia de Lúcia, que culminaram na decisão dela de sair de casa e ir embora com os filhos para sua cidade natal em outro Estado. Jonas havia participado de modo presencial do atendimento psicossocial no NAFVD e, na época da entrevista, mantinha-se em acompanhamento remoto em razão dos protocolos de saúde adotados durante a pandemia de

⁵ Todos os nomes citados neste trabalho são fictícios.

COVID-19. Jonas havia sido encaminhado ao NAFVD para o cumprimento de um acordo judicial realizado no âmbito de um processo de Lei Maria da Penha, em que foi denunciado por agredir fisicamente Lúcia. Jonas relatou ainda que havia outros 2 processos de Lei Maria da Penha contra ele referentes a outras situações de violência cometidas contra Lúcia.

Lucas, 23 anos, se identificou como pardo e relatou trabalhar com carteira assinada em um supermercado (renda de 1 a 2 salários mínimos). Na sua entrevista, relatou, especialmente, suas experiências ciumentas em relação a sua atual companheira, Ingrid, com quem namorava há cerca de 2 anos. Lucas havia participado de modo presencial do atendimento psicossocial no NAFVD e, na época da entrevista, mantinha-se em acompanhamento remoto em razão dos protocolos de saúde adotados durante a pandemia de COVID-19. O seu encaminhamento ao NAFVD para o cumprimento de um acordo judicial, porém, referia-se a um processo de Lei Maria da Penha contra uma ex-namorada, Marina, com quem havia se relacionado por 3 meses há 4 anos.

Dispositivo da eficácia: legitimar-se homem

As questões relacionadas às dimensões laborativa e financeira apareceram nas narrativas de Jonas e de Lucas associadas à ideia de masculinidade, em um processo de afirmar-se como homem e, especialmente, de legitimar-se em um lugar viril e respeitável, o qual estaria diretamente relacionado a dado patamar profissional ou de renda.

Jonas se percebia em um lugar hierárquico na família como aquele que tinha que ser respeitado e obedecido, especialmente por se considerar o provedor financeiro, mesmo relatando que Lúcia também tinha um trabalho regular e uma renda própria. É possível perceber como a casa ocupa um lugar simbólico de poder para ele, sendo que em nenhum momento ele parece considerar que Lúcia poderia ter algum direito patrimonial sobre o bem (considerando a recente separação após 14 anos juntos) ou que, durante o relacionamento, ela poderia fazer parte das decisões sobre o cotidiano doméstico. Ele relata que, sempre que brigavam, Lúcia

saía de casa e depois de uns dias *pedia para voltar pra casa*⁶, avaliando, porém, que *agora se ela quiser voltar aqui pra casa, acho que eu não vou aceitar ela mais não*. Diversas vezes ele fala de *falta de respeito na própria casa* quando sentia que Lúcia ou o irmão dela (“irmão de criação” como define o vínculo afetivo não consanguíneo entre eles) não seguiam a lógica hierárquica validada por ele. Ao queixar da presença do cunhado em sua casa, reclama: *ele tinha que tentar me agradar, ele tinha que tentar assim, estar mais próximo comigo aqui em casa.... Porque se ele for na sua casa, ele vai cumprimentar, em primeiro lugar, você, depois sua esposa*. Essa relação de dominação permeada por questões financeiras, seja porque Lúcia teria um trabalho inferior ao dele ou porque o cunhado não trabalhava e, no passado, já tinha roubado um dinheiro dele, revela um movimento de Jonas buscando validação e privilégio para si.

Na narrativa de Lucas, por sua vez, destaca-se o processo de busca por alcançar determinado padrão de uma masculinidade hegemônica. Durante o relacionamento com Ingrid, Lucas esteve um período desempregado em que se preocupava, sobretudo, com a possibilidade da família da namorada o considerar um *vagabundo*. Ele avalia *que a nossa relação nunca foi aceita pela família, né, pela família dela. Por conta de preconceito e por aí vai*. Ao narrar sobre esse período, conta que *eu tinha que me esconder debaixo da mesa do quarto dela, debaixo da cama, atrás do guarda roupa. Então assim, foi um momento que eu vivi que eu não quero viver mais, foi a gota d'água*.

Nesse sentido, é possível destacar como o termo *vagabundo* representava para Lucas uma ameaça a sua própria masculinidade, como se o mesmo fosse visto (e se sentisse) como um não-homem, o que ilustra como uma falha no dispositivo da eficácia traz questionamentos

⁶ As citações referentes as falas dos participantes serão expressas sempre em itálico, mantendo a transcrição literal e fidedigna das falas expressas oralmente. A forma com que as citações serão apresentadas ao longo do texto seguirá padrões da APA

narcísicos e identitários para o sujeito (Zanello, 2018). O xingamento vagabundo é entendido como um dos piores atribuíveis a alguém, sendo que quando direcionado a um homem, na cultura brasileira, alude a uma “virilidade faltante” (Zanello & Gomes, 2010, P. 273) e, portanto, toma esse caráter ofensivo que aponta também para algo que se apresenta interditando o sujeito em termos de reconhecimento/afirmação de sua produtividade e potência, ou seja, de sua masculinidade (Zanello & Romero, 2012).

Lucas relata grande incômodo, por exemplo, com o fato de que, mesmo com o emprego formal, o sogro parecia ainda o ver como um vagabundo, tendo afirmado que *nem se você ganhar na mega sena* concordaria com o relacionamento. Interessante apontar que, nesse contexto, o pai de Ingrid não era a pessoa com a qual ela tinha mais afinidade ou com a qual ela mantinha relações de dependência (seja afetiva ou financeira). Contudo, é o posicionamento dele que mais impacta emocionalmente Lucas, revelando como a busca por validação da masculinidade é reforçada, avaliada e legitimada perante os demais homens (Zanello, 2018).

Por outro lado, quando Lucas consegue um emprego, ele se cobra por suprir financeiramente todas as demandas da namorada: *ela gosta de ter do bom e do melhor....e eu, não sei pros outros homens, mas eu não gosto de ficar falando "ah eu tô gastando muito", "ah, poxa, não tá sobrando nada pra mim", entendeu? Eu não sou assim, não.* Na ideia de que não pode falhar em comparecer como homem e em garantir-se como provedor, Lucas chega a se endividar, ao mesmo tempo que insiste para que Ingrid não receba qualquer apoio financeiro de sua mãe ou outros familiares.

Evidencia-se, nesse ponto, como Lucas sente-se ameaçado narcisicamente em sua masculinidade, ainda que em relação a um ideal, ou a um dado parâmetro de masculinidade hegemônica, conforme Connell e Messerschmidt (2013). Tal ameaça se apresenta tanto pelo risco de não ser um provedor suficientemente bom, quanto por perceber uma diferença em termos de poder financeiro entre eles, como se evidencia na seguinte reflexão feita por ele:

porque a minha vida é diferente da dela, de classe social, a minha vida é mais difícil, eu sempre tenho que estar correndo atrás das coisas, dos meus objetivos. Eu nunca tive nada, assim, de mão beijada, entendeu? A hora que eu quisesse, tava na minha mão, entendeu? Nunca, eu nunca tive assim. Pra mim, tudo foi suado. Ela não, ela é diferente de mim, ela já foi pro exterior, já conheceu lugares, enfim, totalmente diferente.

Importante contextualizar também que esse é um relacionamento inter-racial entre um homem pardo e uma mulher branca e que por mais que Lucas não destaque tal diferença como um fator relevante, é possível refletir como as intersecções entre gênero e raça promovem pontos de tensionamentos em termos de lógica de poder, especialmente em uma sociedade como a brasileira marcada por rígidos padrões sexistas e racistas (Schucman, 2018; Zanello, 2018).

O imperativo da virilidade laborativa precisa ser compreendido, porém, em associação com as injunções identitárias de caráter sexual, pois o desempenho sexual também é fator crucial para a masculinidade hegemônica. Essa demanda em se legitimar potente sexualmente reflete-se em cobranças ou comparações em torno do número de parceiras, de dada performance no ato sexual ou mesmo de certas características da(s) mulher(es) com quem transaram. Como explica Zanello (2018), “quanto mais ‘difícil’ ou disputada (cobiçada) a mulher na prateleira do amor, maior o coroamento viril do homem que a ‘conseguiu’.... há aí uma competição entre pares e uma sensação de vitória” (p. 256).

Na narrativa de Lucas, tais questões se destacam quando ele discorre sobre a vida sexual com a namorada, evidenciando sua satisfação viril-narcísica em se sentir validado por ter sido o homem que *tirou a virgindade* dela:

Porque ela gosta de mim, querendo ou não ela disse que gosta de mim e que ela nunca gostou de alguém como ela gosta de mim, né? E também pelo fato de ela nunca ter se

relacionado com nenhuma outra pessoa. Então depois eu me senti assim... parece que subiu uma autoestima dentro de mim, eu falei "poxa, eu fui o primeiro dela, entendeu?".

Se a “conquista” sexual de Ingrid significou para Lucas um aumento de autoestima com caráter de validação narcísica de sua masculinidade, o risco de perda desse vínculo afetivo (e, conseqüentemente, desse lugar de poder na relação com ela) passa a ser vivenciado por ele como uma ameaça a sua própria subjetividade.

Os ciúmes operando falhas e furos no dispositivo da eficácia

Ao falar sobre seu ciúme, Lucas identifica que se incomoda com qualquer homem que direcione um olhar ou uma palavra para Ingrid, admitindo que *qualquer coisinha que aconteça é motivo pra eu ter ciúmes*, seja de *primo, amigo, familiar, motorista de uber*, etc. Um exemplo ilustrativo de tal contexto:

aí, poxa, se ela vai comigo numa loja, ou em qualquer outro lugar, se um cara falar bom dia pra ela e ela fala "ah, bom dia", aí o cara fala "fica com deus" aí ela "amém, fica com deus". Aí eu falo, poxa, véi, o cara tá passando do ponto, né? Ainda quer que fique com deus? Aí, poxa, aí, já é demais.

Das experiências ciumentas de Lucas, destacam-se dois pontos fundamentais que precisam ser analisados à luz da teoria do dispositivo da eficácia. O primeiro deles é o quanto ele se sente ameaçado por todos os outros homens, mas, especialmente, por aqueles que ele percebe em um lugar hierarquicamente superior em termos de potência sexual e/ou laborativa. O segundo se refere ao fato de que qualquer interesse ou afeto de Ingrid direcionado a algo diferente da opinião ou da realidade de Lucas é sentido por ele como uma deslegitimação dele como pessoa/homem, interpelando-o narcisicamente (Zanello, 2018).

Na lógica de que todo e qualquer homem seria uma ameaça, Lucas tenta insistentemente evitar qualquer contato da namorada, sem a presença dele, com figuras masculinas. Ao descrever uma cena em que usavam um aplicativo de transporte, ele enfatiza:

aí eu esperava, nós pagava e nós descia junto do carro. É porque eu não confiava, então, eu não vou dar um de besta aqui, saio de dentro do carro e abro o portão enquanto o cara xaveca ela ali dentro? Não, não, pelo amor de Deus, entendeu?.

Em outra situação, Lucas, que estudou até o Ensino Médio, relata desconfiança com a vivência de Ingrid na faculdade, tendo adotado o hábito de, inclusive, ir até lá vigia-la (*ah, pensei: vou ver o que que ela tanto faz na faculdade, né?*). Nesse contexto, ele se incomoda especialmente por um colega de curso dela que descreve como *bombadinho e tal, se acha o banbanban da faculdade, o garanhão*, e que dava carona para ela após as aulas. Lucas, então, avisa à namorada que não queria que ela pegasse mais a carona e informa que diariamente ela voltaria de Uber para casa. Nos casos em que ele não estivesse junto com ela nesse retorno, ele exigia que ela fizesse uma videochamada com ele, durante todo o trajeto dentro do carro.

A seção seguinte abordará como o controle e, por vezes, a violência, se apresentam como tentativas de reestabelecer uma sensação de poder viril associada à masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013). Por ora, é importante enfatizar o quanto Lucas projeta neste homem com quem rivaliza suas próprias idealizações, associando a esse rival uma função de objeto ideal que poderia oferecer a Ingrid algo que ele próprio não provê e que receberia, inclusive, aquilo que ele teme que esteja lhe sendo negado por ela.

Nesta perspectiva, Lachaud (2001) ressalta como as feridas narcísicas evidenciadas pelos dilemas ciumentosos revelam, especialmente, as frustrações do sujeito em torno da sua própria relação com o ideal e, por isso, “não é pois o objeto que determina o ciúme, é o ciúme que o forma” (Lachaud, 2001, p. 62). Para responder a essa sensação de ameaça, Lucas opera sob a lógica do dispositivo da eficácia, buscando afirmar-se potente e superior: passa a malhar, banca financeiramente o transporte da namorada para casa (ainda que isso lhe traga desajustes financeiros), insiste em um discurso de desqualificar o rival (*conheço esse cara, eu sei que ele é pilantra mesmo*) e ocupa uma postura de poder e dominação em relação à namorada.

Os ciúmes o interpelam narcisicamente a tal ponto que quando Lucas descobre que a namorada tinha curtido um vídeo no Instagram de um homem famoso (*um cara lá dançando no Instagram, sem camisa todo travadinho e tal né?*), ele sente que, além daquilo despertar medo por um possível término (*às vezes, eu ficava com medo, eu não sou desse jeito, então ela vai procurar um outro que seja, entendeu?*), o que mais o incomodava era por entender que com aquela curtida ela estaria o criticando e o desqualificando como homem (*porque, eu não sou bombadinho, eu não sou travadão, entendeu?*).

Já nos relatos de Jonas sobre o ciúme que sentia de Lúcia, também é possível identificar como seus incômodos se originam em uma demanda sua de ser e de saber tudo sobre o outro: ele banca celulares caros para a esposa, mas ela faz uso do telefone de uma forma que ele não previa e não dominava. O desejo de ser um todo que completa e supre qualquer demanda do outro revela uma reivindicação narcísica em que o ciúme, ao mesmo tempo que almeja essa totalidade, é um indício da falência inquestionável (afinal, impossível) dessa plenitude (Brasil, 2009; Lachaud, 2001). Ao descrever o ciúme que sentia quando Lúcia usava o celular, Jonas destaca:

Nunca tive ciúme dela ir trabalhar ou ficar mexendo lá no telefone não. Eu só ficava assim, não sei o que estava acontecendo comigo, eu ficava doente só quando eu chegava em casa e via ela mexendo no telefone, lá no serviço eu já nem me preocupava, ela até me mandava um áudio no telefone, nós se falava... Mas quando chegava em casa, eu cagava de ciúme do telefone, quando eu via ela uns 10, 15 minutos no telefone, meu Deus do céu, parecia que tinha ficado 1 ano.

Quando ele presenciava Lúcia usando o celular, a ideia de que ela estaria se divertindo ou se dedicando a algo que não dizia respeito a ele, era interpretada por ele como um indício de traição. Ao mesmo tempo, ele não admitia, nem mesmo nomeava como ciúmes o que sentia: *é que eu achava pesado, né, falar “ciúme”.... por que se a gente fala, aí é que a mulher vai se*

achar...E aí a gente assim vai se entregar pra ela, se falar assim, problema ciúme, falando que é ciúme mesmo, aí a gente fica sem como já se entregar, né, entendeu?”

O que se evidencia, nesse caso, é como o ciúme traz uma sensação de impotência para os homens, que parece desestabilizar o lugar de dominante ao qual almejam e acreditam merecer, tanto de dominação em relação às mulheres, aos outros homens e a si mesmo. Como discute Zanello (2018), “expressar afetos seria considerado como algo desvirilizante. Da mesma forma em relação ao sofrimento, o homem viril deveria escondê-lo e superá-lo em silêncio” (p.182). Tal silenciamento do ciúme ocorre, portanto, como uma tentativa de manter-se em uma posição de privilégio associada aos ideais da masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013; Zanello, 2018). Esse silêncio, contudo, não se sustenta quando se trata de tentar controlar (ou manifestar exigências sobre) a atitude ou a própria subjetividade das mulheres com as quais se relacionam.

O controle e a violência: desejos de reafirmar-se homem?

Associado à ideia de não falar abertamente sobre receios ou inseguranças que o afeto ciumento despertaria neles, apareceu no discurso de ambos a noção de terem vivido uma experiência traumática que teria despertado o ciúme. Para Lucas, *a minha insegurança que eu tenho por ela é a partir da sementinha, do dia que o cara plantou lá na loja na minha frente, então assim, eu tenho trauma por isso, entendeu?.* Lucas identifica o início de seu comportamento ciumento após esse episódio em que um homem paquerou Ingrid na sua frente. Já Jonas avalia que não sentia ciúmes de Lúcia no início do relacionamento, mas que percebe que *eu chegava e ela se assustava, jogava o telefone pro lado.... daí, eu cheguei a ter ciúme, a partir do momento que eu fiquei assim, traumatizado por causa desse telefone, né. Dela mexer e se esconder da minha pessoa, né.*

Evidenciou-se, porém, que na própria narrativa deles, ambos já tinham relatado diversos episódios ciumentos vivenciados antes da dita cena traumática. Já era comum, inclusive, que

eles exigissem determinados comportamentos das parceiras para evitar o incômodo ciumento deles - seja quando Lucas exigia que Ingrid não saísse sozinha ou não voltasse de carona da faculdade; seja quando Jonas brigava com Lúcia por ela, na ausência dele, receber visitas do irmão em casa. O que parece, contudo, diferenciar para eles os momentos narrados como traumáticos é a ocorrência de violência física seja de Lucas contra o rival (*aí eu não me segurei mais, voei em cima dele mesmo, bati nele lá dentro da loja mesmo*), seja de Jonas contra a parceira (*aí eu fiquei assim, eu fui procurar ela, e eu não sei, não tive como procurar, fiquei tão nervoso, que eu peguei o telefone dela e quebrei. Eu cheguei a quebrar 5 telefones nesse período todo*).

Nesse ponto, as narrativas sobre as cenas traumáticas aludem a uma percepção de excesso de um não saber: não saber totalmente o que se passa com o outro, não saber como lidar com um sentir-se excluído ou desconsiderado. É importante compreender, assim, que

eles [os agressores em relações conjugais violentas] não se interpelam sobre o porque agiram desta ou daquela forma. Sua interpelação é apenas e somente sobre seus excessos: descontrole, bebida ou o “eu não sei o que me deu”. O descontrole, o ficar “transtornado” não constituem o ato violento. É a “sua” função disciplinar que o constitui, cabendo à fraqueza, apenas os “excessos”. Os espaços lacunares por onde se constroem os atos de violência, não são vividos como falta, mas como uma resposta rápida que devem dar a um “não saber”. Os atos de violência parecem não interpelar os sujeitos agressores sobre porque afinal agrediram fisicamente, e se têm alguma culpa. São vividos como decisões em nome de um poder e de uma “lei” que encarnam. (Machado, 2004, p. 10)

Logo, as violências cometidas se configuram simbolicamente em torno da problemática impotência-potência. É possível identificar que, comumente, atos de violência são praticados pelos homens quando se deparam com uma experiência de impotência (Saffioti, 1999) e tentam

reestabelecer um poder sobre o qual entendem ser detentores, tanto em termos de privilégio de uma masculinidade hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013; Zanello, 2018), quanto pelos padrões patriarcais e machistas estruturantes em nossa sociedade (Chauí, 2003). Torna-se urgente, portanto, problematizar essa potência autointitulada e reforçada pela lógica do dispositivo da eficácia (Zanello, 2018), afinal, esta tenta se sustentar com base na subjugação da mulheres e nas relações desiguais de poder marcadas por dinâmicas gendradas e racializadas.

Da análise discursiva sobre as experiências traumáticas narradas, evidencia-se também como os sujeitos pareciam responsabilizar suas companheiras tanto pelo ato de traumatizá-los quanto por cuidar/resolver o trauma deles. Jonas avalia: *eu queria que ela visse onde é que tava assim a minha falha, a minha cobrança dela, a minha fraqueza...dizer assim “eu vou ajudar ele, tá fraco dessa forma aqui”, mas ela nunca foi pra esse lado...não, [ela] não fez nada que me ajudasse*. Uma postura parecida é demonstrada por Lucas: *eu já falei pra ela “tenha um pouco de paciência comigo porque é o meu jeito, eu não sei como é que eu vou fazer pra mudar essa situação”, então, a melhor saída que eu poderia resolver isso mesmo é ela estando perto de mim*.

Essa dinâmica estruturada pela hiper-responsabilização das mulheres junto a uma desresponsabilização dos homens, especialmente, quando se trata de cuidar dos afetos e do relacionamento amoroso, ficou evidente também na pesquisa realizada sobre a vivência do ciúme em mulheres. A dimensão relacional do gênero se explicita, portanto, em tal dinâmica: enquanto mulheres, subjetivadas a partir do dispositivo amoroso e materno, apresentam um elevado investimento afetivo em cuidar do bem-estar do parceiro de modo a ser (e manter-se) escolhida e legitimada na relação amorosa; homens, sob a lógica do dispositivo da eficácia, se eximem de responsabilizar-se por suas emoções para legitimar-se em certo ideal de

masculinidade, ao mesmo tempo em que lucram com essa dedicação e subjugação de suas parceiras (Zanello, 2018).

Essa (hiper/des)responsabilização se insere também nas questões diretamente relacionadas à violência, seja nos discursos masculinos de minimizar atos violentos cometidos (Lucas fala em *um certo dia que eu até apertei o corpo dela*, enquanto Jonas *chegou o ponto de eu até triscar a mão nela, né* – ambos se referindo a agressões físicas cometidas); seja na tentativa de justificar que agiram em resposta a uma provocação ou a um excesso delas, ou seja, elas seriam as culpadas por não se adequarem ao *jeito* deles. Duas vinhetas narrativas demonstram tais questões:

Jonas: *já percebi [que ela tem medo de mim], e aí assim, é em vez dela ter medo, era isso que eu queria que ela chegasse o ponto, já que ela tem medo, medo de eu chegar a fazer algo com ela, de desconfiança com ela no telefone, então ela chegava “sei lá, fulano. É assim, assim, assim... vou passar a usar mais o telefone quando tu tiver do meu lado”, aí assim, ela acabava o meu medo, acabava esse trauma, esse problema.*

Lucas: *Então, eu não gosto disso. Aí ela faz o que eu mandei, entendeu?... aí ela “não, não vou lá não, você sabe que...e eu não te conheço? Eu sei como você é, eu não vou lá não”.... Aí eu falo pra ela “pois é, você se comporta, porque eu não vou aturar esse tipo de coisa não”, entendeu? muitas pessoas me conhecem e sabem como é que eu sou, que eu sou “carga explosiva”.*

Demonstra-se, portanto, uma conformidade teórica com demais estudos que têm discutido sobre como os homens autores de violência culpabilizam as mulheres pelas violências sofridas por elas, revelando uma performance masculina de avaliar como legítimas suas ações (ou tentativas) de controle e de dominação, muitas vezes chanceladas e naturalizadas pela cultura machista e patriarcal (Beiras et al., 2020; Machado, 2004). Além disso, é importante compreender que há uma responsabilização da mulher não só pela resolução (ou pela

culpabilização) do conflito agressivo, mas também em relação aos dilemas ciumentos vivenciados pelos homens.

Considerações Finais

As análises empreendidas, neste trabalho, demonstram o quanto as emoções são, ao mesmo tempo, fenômenos subjetivos e sociais que revelam dimensões psíquicas e relacionais, mas que precisam ser lidas também na forma como se contextualizam histórica e culturalmente (Le Breton, 2019; Rezende & Coelho, 2010; Zanello, 2018). Evidenciou-se como, nos discursos de homens autores de violência, tanto as demandas sobre ciúmes quanto as ameaças/ocorrências de agressão se apresentam como estratégias de controle sobre os corpos e as subjetividades das mulheres, em um movimento de afirmar-se em sua masculinidade mantendo-se em uma posição de privilégio e de poder.

Logo, torna-se fundamental superar leituras universalizantes e essencializadoras sobre os afetos, compreendendo que, em culturas sexistas como a brasileira, os caminhos de subjetivação se estabelecem de forma gendrada, sendo o gênero ferramenta essencial para o estudo das emocionalidades, para a escuta clínica e para a intervenção com homens autores de violência.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa trouxe elementos importantes para compreender como homens e mulheres lidam com o fenômeno do ciúme, inclusive, significando de formas bem distintas quando esse afeto é sentido ou recebido de um outro. Nesta perspectiva, uma reflexão que se sobressai são os pontos que convergiram entre os relatos femininos sobre como percebem e recebem o ciúme dos homens e a forma como eles próprios narraram suas experiências de sentir e demonstrar esse afeto. De forma paralela, notou-se convergências também entre os relatos masculinos sobre os ciúmes das suas parceiras direcionados a eles e as percepções das mulheres sobre suas próprias vivências ciumentas. A partir destas convergências foi possível definir um quadro compreensivo sobre as experiências ciumentas para homens e mulheres.

Sobre o ciúme dos homens, destacaram-se as seguintes características: (a) eles não nomeiam ou assumem suas demandas como ciúme; (b) tentam justificá-las em torno de ideias sobre cuidado; (c) as angústias ciumentas deles se associam a ideia de elas desejarem algo não suprido por eles ou não direcionado aos interesses deles; (d) buscam controlar as escolhas e as ações da parceira, ora tentando disfarçar suas exigências em uma lógica de opressão com carinho (como presentear com roupas que considera mais adequadas ou pedir atenção exclusiva do tempo dela), ora reivindicando explicitamente e de forma violenta (como impedir determinadas ações proibindo ou ameaçando); (e) há a expectativa de que as mulheres adotem estratégias para evitar despertar o ciúme deles (por exemplo, sendo menos simpáticas ou restringindo contatos sociais com familiares e amigos); (f) adesão a uma lógica na qual se elas não se ajustarem ou não cuidarem suficientemente bem dos incômodos ciumentos deles, há o constante risco/ameaça de que eles buscariam uma outra mulher que cumprisse tal *script*.

Sobre o ciúme das mulheres, destacaram-se as seguintes características: (a) a percepção de que elas se enciumam por serem inseguras ou instáveis emocionalmente; (b) quando

manifestam ciúme são vistas como parceiras chatas e, por isso, tentam disfarçar seus afetos para evitar crises com o parceiro e no relacionamento amoroso; (c) a vivência do ciúme nelas se associa a um medo intenso de ser abandonada ou traída; (d) a descoberta de uma traição do parceiro traz interpelações sobre falhas dela enquanto mulher e resulta em mais investimento emocional por parte dela para cuidar e/ou resgatar o vínculo conjugal; (e) as queixas ciumentas delas são, comumente, qualificadas como loucura em práticas recorrentes de manipulação emocional que ao fim geram também um processo de deslegitimá-las enquanto sujeitos.

Esta diferenciação pôde ser feita a partir dos elementos que surgiram em comum nas entrevistas das mulheres e dos homens, especialmente, quando a análise contrapõe as experiências de ciúme sentido e recebido em cada um dos grupos entrevistados. Por outro lado, um ponto recorrente que surgiu de forma similar em todas as narrativas da pesquisa foi a percepção de que o ciúme é uma evidência e uma confirmação de que se ama e/ou que se é amado.

Se o discurso sobre *ciúme como prova de amor* indica certa proximidade nas experiências de mulheres e homens, os resultados dessa pesquisa apontam para uma necessária problematização dos efeitos discursivos e performáticos da própria concepção de amor e do lugar que esse afeto ocupa nas vivências pessoais e nos próprios processos de subjetivação.

Neste ponto, os diálogos teóricos com as pesquisas de Zanello (2018) se revelaram fundamentais por evidenciar como as questões amorosas ocupam um lugar central na subjetivação das mulheres. Pela metáfora da prateleira do amor discute-se como o ser escolhida e o ser desejada por um homem se traduzem como uma prova de sua mulheridade, ou seja, como aquilo que as valida como pessoa/mulher. Por isso, quando o ciúme que recebe é mencionado por elas como uma confirmação de que se é amada pelo outro, trata-se de uma questão que repercute narcisicamente em suas angústias como sujeito faltante que parece experimentar a plenitude ao ser preenchida pelo desejo do outro. Ademais, se o ciúme que

sentem é visto como desagradável ou irritativo – ainda que lido como inerente ao gostar – isso ameaçaria o seu lugar como escolhida, amada e legitimada. Logo, sob a ótica do dispositivo amoroso, o discurso do ciúme como indício de amor revela questões psicodinâmicas próprias às vivências das mulheres.

Por outro lado, os caminhos privilegiados de subjetivação masculina não se baseiam nas experiências amorosas, mas na busca por uma afirmação de potência em termos sexuais e laborais. Como nomeia Zanello (2018) é pelo dispositivo da eficácia que os homens estabelecem sua masculinidade e demandam reconhecimento e privilégio na medida em que tentam instaurar um padrão de dominação em relação aos outros homens e às mulheres. Neste contexto, a experiência de sentir ciúmes revela um risco de fragilizar-se emocionalmente e ser visto em uma posição subalterna pelos outros homens (rivais factíveis ou não) e pelas mulheres. Já a dimensão de receber ciúme de uma parceira parece os fortalecer nessa posição de dominante, seja percebendo-se no centro das atenções dela, seja protestando por um lugar de independência que não se abalaria pelas queixas de uma parceira. Trata-se, portanto, de novamente engendrar a escuta sobre o ciúme como proporcional ao amor, já que o dispositivo da eficácia revela o quanto tal discurso se reveste pelos desejos de onipotência masculina desvelando questões narcísicas em torno da angústia de castração.

As reflexões de Machado (1998) corroboram tais análises ao apontar que:

o desejo de ser desejada, o inscrever-se pelo olhar do amado, parece ser estruturante da identidade amorosa feminina: a metáfora de ser desejada sexualmente se sobrepõe à metáfora de ser reconhecida pelo olhar masculino e as duas se retroalimentam. O desejo amoroso e sexual masculino aparece como aquele que se reconhece porque deseja a mulher mais do que por ser desejado. A metáfora de desejar se sobrepõe à posição de ser aquele que representa o poder e a lei de reconhecer. Parecem ser os registros da

sexualidade e da afetividade, os registros que mais inscrevem o modelo hierárquico de gênero. (p. 30)

Por isso, uma compreensão gendrada dos afetos alerta para a constatação do quanto os scripts culturais e as performances de gênero se apresentam de formas diferenciadas entre homens e mulheres, mas especialmente (re)produzem desigualdades de poder entre eles. Como avalia Welzer-Lang (2001),

não somente homens e mulheres não percebem da mesma maneira os fenômenos, que são no entanto designados pelas mesmas palavras, mas sobretudo não percebem que o conjunto do social está dividido segundo o mesmo simbólico que atribui aos homens e ao masculino as funções nobres e às mulheres e ao feminino as tarefas e funções afetadas de pouco valor. (p. 461)

Logo, a identificação dessas assimetrias relacionais suscita a discussão sobre a problemática das violências cometida por homens contra mulheres em suas relações íntimas de afeto. Considerando que esta pesquisa analisou a vivência de homens com queixas relacionadas ao ciúme para aqueles que (a) não necessariamente estivessem envolvidos em atos de violência doméstica, e para os que (b) tivessem sido denunciados por violências enquadradas pela Lei Maria da Penha, torna-se fundamental questionar se a experiência ciumenta se apresentou de forma diferenciada entre estes dois grupos.

Neste ponto, não se destacou diferenças significativas entre eles em termos da psicodinâmica do ciúme. Tal percepção desencadeia, de todo modo, reflexões importantes sobre tal problemática. Em primeiro lugar, este fato corrobora a tese da complexidade e da multicausalidade do fenômeno da violência doméstica contra mulheres (Diniz & Angelim, 2003; Guimarães & Pedroza, 2015; Saffioti, 1999), indicando não ser possível localizar em um único fator (por exemplo, ciúme excessivo) o que diferenciaria a ocorrência de um episódio de violência. Uma segunda questão evidencia, contudo, como as similaridades dos discursos

masculinos sobre as experiências ciumentas e sobre suas relações afetivas com mulheres são indicativos relevantes de como as questões de gênero perpassam e conformam expectativas, performances e emocionalidades nas vivências amorosas e nas situações de violência no âmbito da conjugalidade (Beiras et al., 2020; Machado, 2004).

Em terceiro lugar, aponta-se como a identificação e a nomeação da violência é um ponto crucial para a problematização desta questão, afinal na maioria das narrativas deste estudo apareceram relatos de episódios de violência que não eram reconhecidos enquanto tal. Isto revela tanto a tendência, comum aos discursos masculinos, de negar e minimizar a violência cometida (Beiras et al., 2020; Machado, 2004); quanto a invisibilização de algo essencialmente violento que é a tentativa de controle e dominação do outro - embora tais práticas e ideias sejam, de certo modo, naturalizadas pelos próprios padrões de masculinidade hegemônica (Beiras et al., 2020; Connell & Messerschmidt, 2013; Machado, 2004; Welzer-Lang, 2001).

As queixas em torno da sensação de impotência que atravessam as experiências ciumentas masculinas se dimensionam ainda mais quando estas escancaram o desejo de onipotência, de onisciência e de onipresença que, frequentemente, sustentam os processos narcísicos dos homens. A angústia ciumenta ao perceber as mulheres como sujeito desejante e a sensação de sentir-se ameaçado por elas desejarem para além (ou diferente) deles acarreta um movimento de tentar transformá-las em objeto morto não desejante. Esta dinâmica, por si só, já se estrutura violenta à medida em que se entende como violência a recusa e a anulação da alteridade (Barus-Michel, 2011; Chauí, 2003; Pedrosa & Zanello, 2016).

Esta não nomeação da violência apareceu também nas narrativas das mulheres, evidenciando como o ciúme se reveste pelo ideário romântico com a ideia de uma paixão intensa que reforçaria o lugar delas como amadas/desejadas e pouparia de críticas àquele que as escolhe e as legitima socialmente. Essa dificuldade em reconhecer e apontar situações

abusivas vividas não as exime, contudo, de sofrerem as consequências – físicas e psíquicas - dos atos de violência perpetrados contra elas.

Nesta perspectiva, é importante pontuar ainda como esses mecanismos de racionalização (Laplanche & Pontalis, 2011) - operados tanto por homens quanto por mulheres (embora em contingências e sentidos distintos) - em torno do (re)conhecimento do caráter violador do ciúme, encontram eco nos parâmetros culturais, nas tecnologias de gênero e nos discursos normalizados socialmente sobre ciúme, amor, violência e conjugalidade.

Por isso, a compreensão das emoções como um elemento social se tornou basilar e transversal nesta pesquisa. Situar a vivência do ciúme em meio aos repertórios culturais, aos simbolismos sociais e às normas coletivas implícitas contribui para entendê-lo como um aprendizado emocional internalizado e para superar a ideia das emoções como um dado psicobiológico individual, reflexo de uma universalidade invariável (Le Breton, 2019; Rezende & Coelho, 2010). Afinal, embora se fale sobre ciúmes em diferentes grupos, culturas e épocas, o que se deduz a partir da leitura antropológica das emoções é escutar e perscrutar as particularidades dos sentidos, das sensações, das linguagens e das práticas sociais relacionadas aos afetos em cada conjuntura. Conclui-se, portanto, que

a emoção não seria apenas um construto histórico-cultural; a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida. É nesse sentido que se pode falar de uma “micropolítica da emoção”, ou seja, de sua capacidade para dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual. (Rezende & Coelho, 2010, posição 934)

Enfatizar o caráter micropolítico das emoções alerta para a necessidade de politizar e historicizar a compreensão das emocionalidades na escuta clínica, mas também na própria produção de conhecimento científico sobre o tema. Isto posto, é inegável os desafios

metodológicos na pesquisa sobre o ciúme, uma vez que as pedagogias afetivas atravessam discursos, endossam não-ditos e estabelecem maneiras diferentes e desiguais para homens e mulheres se referirem às experiências ciumentas.

Tal conjuntura pode justificar o fato de que, embora não haja evidências consistentes para indicar que um dos gêneros seja mais ciumento que o outro, a maior parte das pesquisas continua baseando-se no pressuposto que as mulheres seriam mais ciumentas que os homens – como denuncia Clanton (2007). Neste ponto, os resultados aqui apresentados corroboram as análises de Clanton (2007) sobre tal problemática: as mulheres estão mais dispostas a reconhecer o ciúme e a admitir mais francamente seus sentimentos; enquanto os homens apresentam mais dificuldade em assumir e falar sobre seus afetos, especialmente, sobre o ciúme, em razão de como este os interpelam em relação às questões de virilidade e potência.

Outro desafio metodológico que se destacou nesta pesquisa diz respeito ao estabelecimento de uma escuta e de uma leitura sobre as interseccionalidades de gênero e raça nas vivências emocionais ciumentas. A partir de uma reflexão ético-político das próprias lógicas racistas que permeiam a história e a cultura brasileira, foi possível avaliar diferentes fatores presentes nestes contextos, como: a falaciosa ideia do mito da democracia racial ainda operando silenciamentos e negações em torno do racismo estrutural; o estreito limiar entre reconhecer-se vítima do racismo e (se) expor (às) angústias decorrentes das dinâmicas de desumanização e deslegitimação das práticas racistas; os pactos narcísicos da branquitude em não reconhecer seus privilégios e não se perceber também racializada; e a complexidade de se abordar tal tema nas relações interracializadas, tanto aquelas circunscritas aos círculos sociais de afeto de cada um, quanto a estabelecida na própria interação entre pesquisadora entrevistadora (neste caso, uma mulher branca) e os sujeitos dessa pesquisa (Bento, 2002; Bicudo, 2010; Gonzales, 2019; Schucman, 2018).

Por fim, uma última questão que sobressaiu na pesquisa refere-se aos dilemas sobre (in)fidelidade. Em geral, tanto o senso comum quanto as produções acadêmicas associam as experiências ciumentas ao temor de que o(a) parceiro(a) tenha (ou busque) relacionamentos extraconjugais.

Nesta perspectiva, a questão da monogamia estaria no cerne da problemática ciumenta. Os estudos contemporâneos sobre os arranjos amorosos não-monogâmicos, inclusive, apontam uma percepção hierárquica e evolutiva entre a monogamia e o poliamor, sendo o ciúme um dos principais fatores a diferenciá-los. A ideologia poliamorista, ao criticar os contextos e as consequências negativas do ciúme, cunhou um termo para se opor a esse afeto, denominado compersão (Pilão & Goldenberg, 2012). Como explica Perez & Palma (2018), “o reconhecimento da responsabilidade na relação permite que o ciúme se transforme em compersão...[que] é o nome dado ao sentimento oposto ao ciúme e [que] se baseia na capacidade de sentir-se feliz por seu parceiro ser capaz de envolver-se com outra(s) pessoa(s)” (p. 6).

O que os resultados dessa pesquisa indicam, contudo, é que as vivências ciumentas refletem muito mais dilemas narcísicos e suas interpelações identitárias gendradas do que anseios em torno do pacto monogâmico. Inclusive, a participação na pesquisa de mulheres e homens com experiências conjugais não-monogâmicas (como relacionamento aberto e/ou poliamoroso) não trouxe diferenças significativas nas narrativas e nas reflexões sobre o ciúme.

De todo modo, não esteve no escopo deste trabalho analisar as vivências ciumentas em meio às multiplicidades possíveis de acordos e vínculos amorosos e conjugais, assim como também não foi investigado como esse afeto se configura nos relacionamentos diversos da heteroafetividade. Logo, estes pontos sinalizam a importância de que estudos posteriores abordem e se aprofundem em tais temáticas.

REFERÊNCIAS

- Abramson, K. (2014). Turnig up the lights on gaslighting. *Philosophical Perspective, Ethics*, 28, 1–30.
- Arreguy, M. E. (2004). Dois romances, tempos distintos: uma reflexão sobre o amor e o ciúme na atualidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 4(1), 112–130.
file:///scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100006&lang=pt%0Ahttp://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n1/06.pdf
- Arreguy, M. E. (2011). *Os crimes no triângulo amoroso: violenta emoção e paixão na Interface da Psicanálise com o Direito Penal*. Juruá Editora.
- Assis, M. de. (2020). *Dom Casmurro*. Editora Antofágica.
- Ávila, T. P., Medeiros, M. N., Chagas, C. B., Vieira, E. N., Magalhães, T. Q. S., & Passeto, A. S. de Z. (2020). Políticas públicas de prevenção ao feminicídio e interseccionalidades. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, 10(2), 376–408.
- Avon, I., & Data Popular. (2013). *Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher*. Instituto Avon.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Barus-Michel, J. (2011). A violência complexa, paradoxal e multívoca. In M. de Souza, F. Martins, & J. N. G. de Araújo (Eds.), *Dimensões da Violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico* (pp. 19–34). Casa do Psicólogo.
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático* (2ª). Editora Vozes.
- Beiras, A., Benvenuti, M. P., Tonelo, M. J. F., & Cavaler, C. M. (2020). Narrativas que naturalizam violências: reflexões a partir de entrevistas com homens sobre violência de gênero. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 17, 1–22.

- Belo, F. (2015). Os ciúmes dos homens em “Quadrinhos de Estória” e “Desenredo”, de Guimarães Rosa. In F. R. R. Belo (Ed.), *Os ciúmes dos homens* (pp. 57–74). KBR Editora.
- Bento, M. A. S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. In I. Carone & M. A. S. Bento (Eds.), *Psicologia social do racismo - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (pp. 25–58). Vozes.
- Bicudo, V. L. (2010). *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* (M. C. Maio (ed.)). Editora Sociologia e Política. (Original publicado em 1946).
- Braga, A. (2015). *História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas*. EduFSCAR.
- Brasil, A. (2009). Psicopatologia da Vida Amorosa. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre*, 37, 9–21. <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-46376>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Qualitative Research in Psychology Using thematic analysis in psychology Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <http://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=uqrp20%5Cnhttp://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=uqrp20>
- Buss, D. M. (2000). *A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. Editora Objetiva.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology and psychology. *Psychological Science*, 3(4), 251–255.
- Butler, J. (2012). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (4ª). Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2019). Os atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In H. B. de Hollanda (Ed.), *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (pp. 213–230). Bazar do Tempo.
- Caldwell, H. (2008). *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Ateliê Editorial.

- Carneiro, S. (2003). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In Ashoka Empreendedores Sociais (Ed.), *Racismos contemporâneos* (pp. 49–58). Takano Editora.
- Carneiro, S. (2005). *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade de São Paulo.
- Carvalho, L. de F., & Ambiel, R. A. M. (2016). Diferenças entre os sexos no ciúme romântico: um estudo brasileiro. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 34(1), 143–155. <http://www.scielo.org.co/pdf/apl/v34n1/v34n1a11.pdf>
- Cerqueira, D., Bueno, S., Alves, P. P., Silva, E. R. A., Ferreira, H., Pimentel, A., Barros, B., Marques, D., Pacheco, D., Lins, G. de O. A., Lino, I. dos R., Sobral, I., Figueiredo, I., Martins, J., Armstrong, K. C., & Figueiredo, T. da S. (2020). *Atlas da Violência 2020* (pp. 1–96). IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).
- Chauí, M. (2003). Ética, política e violência. In T. Camacho (Ed.), *Ensaio sobre violência* (pp. 39–59). Edufes.
- Clanton, G. (2007). Jealousy and Envy. In J. E. Stets & J. H. Turner (Eds.), *Handbook of the Sociology of Emotions* (pp. 410–442). Springer.
- Colling, A. M., & Tedeschi, L. A. (2019). *Dicionário Crítico de Gênero* (2ª Edição). Editora UFGD.
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, 31(1), 99–127. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>
- Collins, P. H. (2019). Epistemologia Feminista Negra. In J. Bernardino-Costa, N. Maldonado-Torres, & R. Grosfoguel (Eds.), *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. (pp. 139–170). Editora Autêntica.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o

- conceito. *Estudos Feministas*, 21(1), 241–282.
- Costa, N. (2005). Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 7(1), 5–13.
<http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-28272>
- Costa, N., & Barros, R. da S. (2008). Celos: test de definición y una hipótesis sobre la diferencia de género bajo la óptica del análisis de la conducta. *Terapia psicológica*, 26(1), 15–25.
http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-48082008000100002
- Costa, N., & Barros, R. da S. (2010). Ciúme: Uma interpretação analítico-comportamental. *Acta Comportamental*, 18(1), 135–149.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-81452010000100007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt
- Crenshaw, K. (1994). A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. *Annals of Saudi Medicine*, 14(5), 399–404. <https://doi.org/10.5144/0256-4947.1994.399>
- Diniz, R. S., & Angelim, P. (2003). Violência doméstica - Por que é tão difícil lidar com ela? *Revista de Psicologia Da Unesp*, 2(1), 20–35.
- Diniz, R. S., & Pondaag, M. (2004). Explorando significados do silêncio e do segredo nos contextos de violência doméstica. In J. S. N. F. Bucher-Maluschke, G. Maluschke, & K. Hermanns (Eds.), *Direitos humanos e violência: desafios da ciência e da prática* (pp. 171–185). Fundação Konrad Adenauer.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. EDUFBA.
- FBSP, F. B. de S. P., & Datafolha, I. (2019). *Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. 2ª ed. <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>
- Fernandes, V. D. S., Takaki, D. Z., & Paula, F. S. de. (2018). *Raio X do FEMINICÍDIO em SP: é possível evitar a morte*. Núcleo Gênero MPSP.

- Ferreira, V. S. (2013). *Diferenças sexuais na ativação do ciúme: comparação entre dilemas*. Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Figueiredo, L. C. M. (2008). *Revisitando as Psicologias: Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos* (4ª). Editora Vozes.
- Fontanella, B. J. B., & Júnior, R. M. (2012). Saturação Teórica em Pesquisas Qualitativas: contribuições psicanalíticas. *Psicologia Em Estudo*, 17(1), 63–71. https://doi.org/10.1590/S1413_73722012000100008
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. *Cadernos de Saude Publica*, 24(1), 17–27. <https://doi.org/10.1590/s0102-311x2008000100003>
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Graal.
- Freire Costa, J. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rocco.
- Freud, S. (2006a). Alguns Mecanismos Neuróticos no Ciúme, na Paranóia e no Homossexualismo. In *ESB, Vol XVIII* (pp. 233–248). Editora Imago. (Original publicado em 1922).
- Freud, S. (2006b). Notas Psicanalíticas Sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranóia (Dementia Paranoides). In *ESB, Vol XII* (pp. 13–86). Editora Imago. (Original publicado em 1911).
- Freud, S. (2006c). Sobre o Narcisismo. In *ESB, Vol XIV* (pp. 75–110). Editora Imago. (Original publicado em 1914).
- Freud, S. (2016). Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade [1922]. In M. R. S. (Trad. . Moraes (Ed.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose e Perversão*. Autêntica Editora.
- Freud, S. (2019a). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos. In M. R. S. (Trad. . Moraes (Ed.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor,*

- sexualidade, feminilidade* (1ª ed; 2º, pp. 259–276). Autêntica Editora. (Original publicado em 1925).
- Freud, S. (2019b). O declínio do Complexo de Édipo. In M. R. S. (Trad. . Moraes (Ed.), *Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 247–258). Autêntica Editora. (Original publicado em 1924).
- Gonzales, L. (2019). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In H. B. de Hollanda (Ed.), *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e conceito* (pp. 237–256). Bazar do Tempo (Original publicado em 1984).
- Guimarães, M. C., & Pedroza, R. L. S. (2015). Violência Contra a Mulher: Problematizando Definições Teóricas, Filosóficas E Jurídicas. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 256–266. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>
- Harding, S. (1987). *Feminism and Methodology*. Open University Press and Indiana University Press.
- Harris, C. R. (2004). The Evolution of Jealousy: Did Men and Women, Facing Different Selective Pressures, Evolve Different “Brands” of Jealousy? Recent Evidence Suggests Not. *American Scientist*, 92(1), 62–71. <https://doi.org/10.2307/27858334>
- Harris, C. R. (2005). Male and Female Jealousy, Still More Similar than Different: Reply to Sagar...: EBSCOhost. *Personality and Social Psychology Review*, 9(1), 76–86. <https://pdfs.semanticscholar.org/5ed9/32e209776c066a1afe50ed5be837e0ad5b30.pdf>
- Harris, C. R., & Darby, R. S. (2010). Jealousy in Adulthood. In Sybil L. Hart & M. Legerstee (Eds.), *Handbook of Jealousy: Theory, Research, and Multidisciplinary Approaches* (pp. 547–571). Wiley-Blackwell.
- Hooks, B. (2010). *Vivendo de Amor*. Geledés. <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>
- Hupka, R. B. (1991). Cultural determinants of jealousy. *Alternative Lifestyles*, 4(3), 310–356. <https://doi.org/10.1007/BF01257943>

- Instituto AVON/IPSOS. (2011). *Percepções sobre a violência doméstica contra a mulher no Brasil*. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931988000200010>
- Keller, E. F. (2006). Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu*, 27, 13–34.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Kimmel, M. S. (1998). A produção simultânea de masculinidades. *Horizontes Antropológicos*, 4(9), 103–117. <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>
- Küchemann, B. A., Bandeira, L. M., & Almeida, T. M. C. (2015). A categoria gênero nas Ciências Sociais e sua interdisciplinaridade. *Revista Do Ceam*, 3(1), 63–81. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/10046/8878>
- Lachaud, D. (2001). *Ciúmes*. Companhia de Freud.
- Lagarde, M. (2001). *Claves feministas para la negociación en el amor*. Puntos de Encuentro.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2011). *Vocabulário da Psicanálise* (4ª edição). Martins Fontes.
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo - Corpo e Gênero dos gregos a Freud*. Relume-Dumará.
- Lauretis, T. de. (2019). A tecnologia do gênero. In H. B. Hollanda (Ed.), *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (pp. 121–155). Bazar do Tempo (Original publicado em 1987).
- Le Breton, D. (2019). *Antropologia das Emoções*. Editora Vozes.
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, Secretaria de Políticas para as Mulheres, Brasil (2006). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Lispector, C. (1999). *A descoberta do novo mundo*. Editora Rocco.
- Lorde, A. (2019). Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In H. B. de Hollanda (Ed.), *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (pp. 239–249). Bazar do Tempo.
- Machado, L. Z. (1998). Violência Conjugal: os espelhos e as marcas. *Série Antropologia*, 240,

- 02–42. <http://www.dan.unb.br/images/doc/Serie240empdf.pdf>
- Machado, L. Z. (2004). Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In M. R. Schpun (Ed.), *Masculinidades* (pp. 35–78). Boitempo Editorial & Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Mees, L. A. (2009). Sobre os tipos de ciúmes. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre*, 37, 36–45.
- Minayo, M. C. de S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621–626. <https://doi.org/10.1590/s1413-81232012000300007>
- Ortiz, J. M. C., Jiménez, P. M., Novas, F. P., & García, J. S. M. (2012). El papel de la cultura del honor, del sexismo y de los celos en la respuesta a la infidelidad de la pareja. *Escritos de Psicología*, 5(1), 9–16. http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1989-38092012000100002&lang=pt
- Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher negra: afetividade e solidão*. EDUFBA.
- Pedrosa, M., & Zanello, V. (2016). Xingamentos e violência psicológica: análise psicodinâmica dos papéis sociais de gênero em relações violenta. In S. B. Tavares, P. B. T. Stabile, & M. M. de Carvalho (Eds.), *Direitos Humanos das Mulheres: múltiplos olhares* (pp. 133–152). Gráficas UFG.
- Perez, L. C. A. (n.d.). *Saudade ou saudades?* Brasil Escola. Retrieved April 9, 2020, from <https://brasilecola.uol.com.br/gramatica/saudade-ou-saudades.htm>
- Perez, T. S., & Palma, Y. A. (2018). Amar Amores: O Poliamor Na Contemporaneidade. *Psicologia & Sociedade*, 30(0), 1–11. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>
- Pilão, A. C., & Goldenberg, M. (2012). Poliamor e Monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Revista Ártemis*, 13, 62–73. <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14231>
- Pines, A. M. (1992). Romantic jealousy: five perspectives and an integrative approach.

- Psychotherapy Theory Research & Practice*, 29(4), 675–683.
<https://doi.org/10.1037/0033-3204.29.4.675>
- Pines, A. M., & Friedman, A. (1998). Gender Differences in Romantic Jealousy. *Journal of Social Psychology*, 138(1), 54–71.
www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00224549809600353?journalCode=vsoc20
- Quinet, A. (2009). *Somos sempre ciumentos?* 37(1939), 131–136.
- Ramos, A. L. M., & Calegari, M. (2001). Resenha: A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 293–295.
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v17n3/8820.pdf>
- Ramos, M. D. (2012). Reflexões sobre o processo histórico-discursivo do uso da legítima defesa da honra no Brasil e a construção das mulheres. *Estudos Feministas*, 20(1), 53–73.
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000800024>
- Reis, D. (2015). Ciúme, dominação masculina e masoquismo mortífero. In F. Belo (Ed.), *Os ciúmes dos homens* (pp. 41–56). KBR Editora.
- Rey, F. G. (2005). Pesquisa Qualitativa e Subjetividade. In *Dados*.
- Rezende, C. B., & Coelho, M. C. (2010). *Antropologia das Emoções*. Editora FGV.
- Ribeiro, D. (2017). *O que é Lugar de Fala? Letramento*.
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180–188. <https://doi.org/10.1590/s0102-71822010000100021>
- Rother, E. T. (2007). Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v–vi. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001
- Saffioti, H. I. B. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo Em Perspectiva*, 13(4), 82–91. <https://doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>

- Saffioti, H. I. B. (2011). *Gênero, Patriarcado e Violência* (2ª). Editora Fundação Perseu Abramo.
- Schucman, L. V. (2014). Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século xxi. *Revista Da ABPN*, 6(13), 134–147.
- Schucman, L. V. (2018). *Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor*. EDUFBA.
- Scott, J. (2019). Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In H. B. de Hollanda (Ed.), *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais* (pp. 49–80). Bazar do Tempo (Original publicado em 1986).
- Sherif, C. W. (1988). Bias in psychology. In S. Harding (Ed.), *Feminism and Methodology* (pp. 37–56).
- Skinner, B. F. (1978). *Reflections on behaviorism and society*. Prentice- Hall.
- Skinner, B. F. (2003). *Questões recentes na análise comportament* (5ª). Papyrus Editora.
- Souza, L. K. de. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51–67.
- STF. (2021). *STF proíbe uso da tese de legítima defesa da honra em crimes de feminicídio*. Portal Do Supremo Tribuna Federal. <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=462336&ori=1>
- Tavares, M., & Medeiros, M. N. (2020). Avaliação de risco em casos de violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, C. M. Trentini, S. L. R. Rovinski, & V. de M. Lago (Eds.), *Avaliação Psicológica no Contexto Forense* (pp. 309-). Editora Artmed.
- Teixeira, A. B. (2009). *Nunca você sem mim: homicidas-suicidas nas relações afetivo-conjugais*. Editora Annablume.
- Toigo, D. M. (2010). Breve análise das teses defensivas da legítima defesa da honra e da privilegiadora da violenta emoção no tribunal do júri em homicídios passionais praticados

- por homens contra mulheres. *Unoesc & Ciência*, 1(1), 13–20.
- Vinuto, J. (2016). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203–220.
<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/0>
- Vosgerau, D. S. R., & Romanowski, J. P. (2014). Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, 14(474), 165–189.
<https://doi.org/10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08>
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. *Flacso Brasil*, 1, 83. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460–482. <https://doi.org/10.1590/s0104-026x2001000200008>
- Wolf, N. (1992). *O mito da beleza - como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rocco.
- Zanello, V. (2016). Escrita feminina, entre o bordejamento da falta e o desamparo: Contribuições a partir de uma leitura gendrada da Psicanálise. In J. de L. Freitas; & E. P. Flores (Eds.), *Arte e Psicologia: fundamentos e práticas* (pp. 41–56). Editora Juruá de Psicologia.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.
- Zanello, V., & Gomes, T. (2010). Xingamentos masculinos : a falência da virilidade e da produtividade. *Caderno Espaço Feminino*, 1/2(23), 265–280.
- Zanello, V., & Romero, A. C. (2012). “Vagabundo” ou “vagabunda”: Xingamentos e relações de gênero. *Labrys*, 22, s/p.

ANEXO A

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O ciúme na experiência amorosa: diálogos sob a ótica de gênero e psicanálise

Pesquisador: Maisa Campos Guimarães

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 93326118.0.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia -UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.927.029

Apresentação do Projeto:

A pesquisa busca problematizar o ciúme por meio de abordagem qualitativa que forneça novos olhares e novas escutas sobre a experiência amorosa heterossexual e sobre o modo como o ciúme se configura na subjetivação de homens e mulheres e na constituição de espaços e vivências demarcados por violências e desigualdades de poder. A proposta será possibilitar espaços de fala para os/as participantes expressarem suas percepções e vivências referentes ao amor, ciúme e violência. Dois métodos distintos serão utilizados: entrevistas narrativas e encontros reflexivos em grupo. Serão entrevistados 4 mulheres e 4 homens que identifiquem o ciúme como fator presente e impactante em suas vivências pessoais e experiências amorosas, sendo que metade dessa amostra será selecionada a partir de casos judicializados pela Lei Maria da Penha.

O acesso aos/às participantes em processos judiciais se daria por meio do Programa NAFVD/GDF com convites aos usuários/as em atendimento neste serviço. Para convidar os/as demais participantes utilizaremos uma amostragem em bola de neve, (Vinuto, 2014). Como informação-chave para o procedimento em bola de neve, será construído um texto para divulgação estruturado da seguinte forma: Convite ou indicação para participação em pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como a dimensão do ciúme se configura na subjetivação de homens e mulheres e na constituição da experiência amorosa e das dinâmicas violentas na conjugalidade.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)

Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900

UF: DF **Município:** BRASILIA

Telefone: (61)3107-1592

E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.927.029

Objetivo Secundário:

1. Repensar a noção de ciúme a partir de problematizações sobre normalidade e psicopatologia, sob uma ótica crítica de saúde mental e gênero; 2. Compreender como a dimensão do ciúme se conecta à experiência amorosa heterossexual e aos processos de subjetivação de homens e mulheres; 3. Problematizar como a vivência do ciúme se relaciona com padrões de desigualdade de poder entre homens e mulheres e com situações de violência, especialmente no âmbito da intimidade e conjugalidade; 4. Contribuir para uma construção teórico-reflexiva sobre as intervenções clínicas e psicossociais de enfrentamento à violência doméstica contra mulheres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos, constata que pode surgir narrativas de situações de violência, desde o ponto de vista do relato da vítima da violência como da fala daquele que a cometeu. Neste ponto, a pesquisadora entende como um cuidado ético necessário manifestar ao/à entrevistado/a sobre a gravidade das experiências violentas, orientando-os/as sobre procedimentos formais de denúncia, proteção e responsabilização previstos pela Lei Maria da Penha, bem como oferecendo atendimento e/ou encaminhamento aos serviços da Rede de Enfrentamento à Violência contra Mulheres no Distrito Federal.

Quanto aos benefícios, entende-se possíveis benefícios relacionados a potencialidade da fala e da reflexão aliados a escuta clínica ofertada pela pesquisadora. Além do mais, como já descrito em relação aos riscos, é possível que sejam identificadas situações de violência na fala dos participantes que receberão ao final da participação os devidos esclarecimentos e informações por parte da pesquisadora sobre os mecanismos de proteção e responsabilização da Lei Maria da Penha.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado e claro em seus objetivos. Cumpre as exigências éticas requeridas a despeito do tema delicado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão apresentados conforme Resoluções 466/2012, 510/2016 e complementares.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

**UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE**



Continuação do Parecer: 2.927.029

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1057249.pdf	09/07/2018 19:54:05		Aceito
Outros	Intrumento_coleta_dados_Guimaraes.pdf	09/07/2018 19:53:02	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Cronograma	Cronograma_Guimaraes_.pdf	09/07/2018 19:51:02	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_doutorado_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:08:19	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:07:35	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Outros	aceite_institucional_samidh_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:07:11	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Outros	carta_encaminhamento_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:06:42	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Outros	Carta_revisao_etica_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:06:13	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Outros	Lattes_pesquisadora_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:05:11	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Outros	Lattes_orientadora_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:04:45	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Orçamento	Orcamento_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:04:00	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:03:15	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Outros	termo_de_responsabilidade_pelo_uso_de_documentos_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:02:45	Maisa Campos Guimaraes	Aceito
Outros	termo_de_autorizacao_para_utilizacao_de_imagem_e_som_de_voz_Guimaraes.pdf	25/02/2018 14:01:52	Maisa Campos Guimaraes	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.927.029

BRASILIA, 28 de Setembro de 2018

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT 03/1 (Ao lado da Direção)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

ANEXO B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O ciúme na experiência amorosa de mulheres e homens”, de responsabilidade de Maisa Campos Guimarães aluna do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PSICC) no Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

O objetivo desta pesquisa é contribuir para a construção de conhecimento teórico e crítico a respeito do ciúme na experiência amorosa, buscando compreender sobre as maneiras como o ciúme pode afetar os relacionamentos, tanto para quem se percebe como uma pessoa ciumenta, quanto para quem lida com o ciúme do parceiro ou da parceira. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo(a). Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A pesquisa de campo será realizada por meio de entrevistas individuais ou de encontros em grupo e é para um destes procedimentos que você está sendo convidado(a) a participar. Com o seu consentimento, a pesquisa terá gravação de áudio e acesso às informações registradas em seu prontuário (neste caso, apenas se seu convite para participação estiver relacionado a algum serviço institucional).

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício, sendo previsto apenas o ressarcimento de suas despesas de descolamento para a participação na pesquisa, conforme garantido na Resolução nº 510 de 07/04/2016, Art. 9º, VII. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Sua participação na pesquisa não implica riscos, mas caso surja qualquer desconforto ou sofrimento decorrente de sua participação, a pesquisadora se compromete a oferecer apoio, orientação e encaminhamento necessários à situação.

Espera-se com esta pesquisa proporcionar aos(às) participantes um espaço de fala e de reflexão sobre a experiência do ciúme nas dinâmicas amorosas. Além do mais, os resultados

obtidos por meio deste estudo poderão contribuir para delineamentos teórico-práticos no campo da Psicologia sobre conjugalidade e processos de subjetivação.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone (61)99666-5664 ou pelo e-mail maisac.guimaraes@gmail.com. É garantido aos participantes que os resultados do estudo serão devolvidos aos mesmos, caso seja do interesse deste, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com você.

Eu, _____, declaro que aceito participar voluntariamente desta pesquisa. Afirmo ainda, que autorizo a utilização das informações prestadas por mim para este estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____

Assinatura do/a participante

Assinatura da pesquisadora